

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS – UFAM
INSTITUTO DE FILOSOFIA CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO SOCIEDADE E CULTURA NA AMAZÔNIA
(PPGSCA).**

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

A poesia de Thiago de Mello na perspectiva do pensamento ecocrítico

Mestrando: Wesley Dias Cerdeira

Bolsista: FAPEAM

Orientadora: Profa. Dra. Iraildes Caldas Torres

Manaus/ AM

2020

WESLEY DIAS CERDEIRA

A poesia de Thiago de Mello na perspectiva do pensamento ecocrítico

Dissertação de mestrado apresentada aos membros da Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação Sociedade e Cultura na Amazônia, da Universidade Federal do Amazonas, como requisito final para obtenção do título de mestre em Sociedade e Cultura na Amazônia. Linha de Pesquisa 1: Sistemas Simbólicos e Manifestação Socioculturais na Amazônia, sob orientação da professora doutora Iraildes Caldas Torres.

Manaus/AM

2020

Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

C413p Cerdeira, Wesley Dias
A poesia de Thiago de Mello na perspectiva do pensando
Ecocrítico / Wesley Dias Cerdeira . 2020
133 f.: il. color; 31 cm.

Orientador: Iraildes Caldas Torres
Dissertação (Mestrado em Sociedade e Cultura na Amazônia)
Universidade Federal do Amazonas.

1. Literatura. 2. Thiago de Mello. 3. Pensamento ecocrítico. 4.
Ecológico. 5. Amazônia. I. Torres, Iraildes Caldas. II. Universidade
Federal do Amazonas III. Título

WESLEY DIAS CERDEIRA

A poesia de Thiago de Mello na perspectiva do pensamento ecocrítico

Dissertação de mestrado apresentada aos membros da Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação Sociedade e Cultura na Amazônia, da Universidade Federal do Amazonas, como requisito final para obtenção do título de mestre em Sociedade e Cultura na Amazônia. Linha de Pesquisa 1: Sistemas Simbólicos e Manifestação Socioculturais na Amazônia, sob orientação da professora doutora Iraildes Caldas Torres

Aprovado em _____ de _____ de 2020.

BANCA EXAMINADORA

Profª. Dra. Iraildes Caldas Torres – Presidente
Universidade Federal do Amazonas

Prof. Dr. Joaquim Onésimo Ferreira Barbosa

Profª. Dra. Marilene Corrêa da Silva Freitas
Universidade Federal do Amazonas

AGRADECIMENTOS

Tenho de agradecer a muitas pessoas por todo o apoio e ajuda até este dado momento. Pessoas permanentes, pessoas que passaram, às que se foram e se vão. Embora eu seja o autor deste estudo, ele é o resultado coletivo de inúmeras formas colaborativas desde as contribuições intelectuais de colegas, professores e outros pesquisadores, ao apoio, incentivo e afetos excepcionais dos familiares e amigos. Esta dissertação se tece nas linhas vivas de pessoas biográficas com rosto, alma e espírito. Pessoas essenciais a quem dedico esta escrita como resultado inicial de minha trajetória acadêmica de pesquisa.

Escrever não é uma tarefa fácil, é em muitos momentos doloroso. Friedrich Nietzsche já nos alertava sobre a dor da escrita, mas uma dor que resulte numa boa escrita. Uma escrita com dor e sangue, é uma escrita com alma e espírito. A tecelagem do texto como exercício textual intrinsecamente traz dores. A quem me ajudou da forma mais significava e expressiva, à mínima, minha eterna gratidão.

O primeiro agradecimento é dedicado a essa força e energia que movimenta desde os grandes planetas às ínfimas coisas do mundo. Portanto, sou grato a essa energia denominada por muitos de Jeová, Tupã, Pachamama, Deus, por toda força e discernimento nas diversidades e tempestades no caminho.

À minha orientado, Prof. Dra. Iraildes Caldas Torres, ser de luz, leveza e distintividade que que toca a alma de todos os seres a sua volta com afetos. Obrigado pela acolhida na orientação e parcerias ao longo desta jornada que traçamos juntos na pós-graduação.

A todas as pessoas que travessaram o plasma da vida e não interagem mais diretamente com vida. Em especial à minha falecida avó Marina. Eternas saudades.

Às instituições que possibilitaram a realização desta pesquisa.

UFAM – Universidade Federal do Amazonas, pela acolhida no mestrado e todas as experiências vivenciadas com colegas, professores, pesquisadores e intelectuais. Através da expansão da pós-graduação para o interior do estado, pude realizar o curso de mestrado em minha cidade natal, Parintins. Para este centro intelectual da sociedade, minha reverencia e gratidão; UEA – Universidade do Estado do Amazonas, agradeço pela acolhida na realização do estágio docente.

À agência de fomento FAPEAM – Fundação de Amparo à Pesquisado Estado do Amazonas, pela concessão da bolsa que me permitiu realizar a pesquisa.

Aos interlocutores da pesquisa, colegas, amigos e professores pelas valiosas lições, contribuições e enriquecimento que ajudaram a compor esta pesquisa como uma leitura de entendimento da Amazônia.

À minha turma de mestrado (PPGSCA/UFAM-2018) no polo Parintins pelo crescimento, amadurecimento e enriquecimento de saberes nos debates, discussões teóricas e a evolução subjetiva com resultado de tantas experiências. Que possamos nos encontrar em outras oportunidades de trabalho, pesquisa e estudo.

A coisa mais indispensável a um homem é reconhecer o uso que deve fazer do seu próprio conhecimento (Platão)

Aos arguidores de minha banca de qualificação pelas contribuições que permitiram traçar novos caminhos e rotas nesta leitura amazônica, professora doutora Gleidys Maia, pela amizade e contribuições de um trabalho que começamos juntos e professora doutora Christiane Rodrigues, pelo cuidado, atenção e delicadeza nas colaborações.

Tudo vale a pena quando a alma não é pequena. (Fernando Pessoa)

Ao grupo de pesquisa GEPOS, por todo o aprendizado, experiências e crescimento intelectual proporcionado sob a coordenação da professora doutora Iraildes Caldas Torres, bem como a ajuda de todos os pesquisadores que compõem o tecido vivo na militância acadêmica e social. Meu eterno agradecimento por todo o afeto recebido.

DEDICATÓRIA

Para a minha filha, Nayllana dedico este trabalho. Por toda a afetividade, amor e carinho que me afagaram a alma e me permitiram seguir com perseverança. Foram muitos dias em que ela me acompanhou durante as noites de escrita e com seu sorriso, iluminar os meus dias. Esta conquista é uma realização nossa!

Para minha amada mãe, Naira Dias, meu total apreço e amor por estar sempre ao meu lado nos momentos bons e nas adversidades. Vencemos mais uma etapa de nossas vidas juntos como sempre foi desde o início, enfrentando as dificuldades com fé e união. A todas as mulheres da minha vida que rodearam meu existir de amor e exemplos de vida. Exemplos dos mais sublimes, distintos, simples e humanos.

A todas as mulheres que transpassam a minha vida, dedico esta escrita.

Nayllana, Naide, Naira, Naia, Naiara, Izabel, Floriana, Marina, Rayana

Para a outra metade do céu
Mulher, eu quase não consigo expressar
Minhas emoções misturadas em minha falta de consideração

Afinal de contas, estou eternamente em dívida com você
E mulher, eu tentarei expressar
Meus sentimentos interiores e gratidão
Por me mostrar o significado do sucesso

Mulher, eu sei que você entende
A criancinha dentro do homem
Por favor, lembre-se, minha vida está em suas mãos
E mulher, mantenha-me próximo do seu coração
Por mais que estejamos distantes, não nos mantenha separados
Afinal de contas, está escrito nas estrelas

Mulher, por favor deixe-me explicar
Eu nunca tive intenção de te causar tristeza ou dor
Então, deixe-me te dizer de novo e de novo e de novo

Eu te amo, sim, sim
Agora e para sempre
Eu te amo, sim, sim
Agora e para sempre
Eu te amo, sim, sim
Agora e para sempre
Eu te amo, sim, sim

(Woman – John Lennon)

Aos meus irmão, mais que companheiros de sangue, mas de vida e amizade com quem estive desde o início desta jornada de vida.

Jhon William e Wendel.

Aos meus demais irmãos, por onde estiverem, caminhamos juntos a desejar o melhor para cada um de nós.

Laiana, Lucio, Lucio Flávio, Luanda, Richard, Raylene, Grazzy, Lucibele

Amo todos vocês.

Aos professores, funcionários e técnicos do PPGSCA/UFAM, pela competência e atenção ao longo da trajetória na pós-graduação, meu muito obrigado.

EPÍGRAFE

palavras para Manuel de Barros

*apetece-me des-ser-me;
reatribuir-me a átomo.
cuspir castanhos grãos
mas gargantadentro;
isto seja: engolir-me para mim
poucoquinho a cada vez.
um por mais um: areios.
assim esculpir-me a barro
e re-ser chão. muito chão.
apetece-me chãonhe-ser-me.*

*(Há Prendisagens com o Xão: O Segredo Húmido da Lesma & Outras
Descoisas, de Ondjaki)*

RESUMO

Este estudo realiza uma análise sobre a poesia de Thiago de Mello no contexto da abordagem dos processos socioculturais na Amazônia. A análise se entrelaça nos fios da interdisciplinaridade num diálogo entre a Literatura, Filosofia e Antropologia. A pesquisa busca verificar de que forma se dá o encontro entre a poesia de Thiago de Mello e o pensamento ecocrítico, buscando assinalar contribuições para se pensar as questões socioambientais na Amazônia. Com a identificação dos elementos dos rios, das águas e a composição da paisagem em diálogo com o Pensamento Ecocrítico, dimensionamos de que forma a problemática social e ambiental amazônica encontra-se retratada na literatura do poeta. A metodologia, ancorada na perspectiva rizomática do conhecimento, segue uma trilha de entrevistas junto com um cotejamento de dados na obra *Amazonas, pátria da água* do poeta em análise. A perspectiva rizomática faz-se a acompanhar de outras fontes como músicas, poemas, fotografias e imagens com a finalidade de dar luz ao objeto de estudo. Os principais resultados revelam que a representação de Amazônia, na obra do poeta, é abraçada dentro de um princípio ético de responsabilidade e preocupação ambiental no aceno para a aproximação da literatura com a consciência ecológica. Embora algumas ideias ainda apresentem lampejos herdados de modelos estéticos do exótico e edenista de uma Amazônia inventada construída na formação da literatura brasileira, a literatura do poeta parte de uma orientação ética com a natureza amazônica. Estes processos imaginários do poeta, advém da perspectiva ecológica, assim como do Orientalismo como invenção do Ocidente na demarcação de fronteiras entre o primitivo e o civilizado, natural e urbano que denotaram a separação entre homem e natureza, e sua romantização. A pesquisa revela que há aproximação de sua poesia com o pensamento ecocrítico a partir da década de 1980, no terceiro e quarto momento de seu pensamento, quando o poeta alia as noções científicas e ecológicas aos modos estéticos literários na aproximação do signo linguístico com a consciência ecológica. Nossa análise tece uma crítica desterritorializante ao antropocentrismo, demonstrando que até nas literaturas do final do século XX, como a do poeta em análise, ainda persistem traços, resquícios e linhas de uma visão de maravilhoso, exótico, e aquela do mundo natural como matéria literária. Por fim, deve-se reconhecer a importância da poesia de Thiago de Mello na dinamização da crise ecológica e seu papel social na conscientização para a preservação da natureza e equilíbrio ecológico da Terra. Suas concepções, atreladas à representação sublime da floresta traçam um caminho de afeto, cuidado com as vidas humanas e não humanas que vivem na Amazônia.

Palavras-chave: Literatura; Thiago de Mello; Pensamento Ecocrítico; Amazônia.

ABSTRACT

This study analyzes the poetry of Thiago de Mello in the context of the approach to socio-cultural processes in the Amazon. The analysis is intertwined in the threads of interdisciplinarity in a dialogue between Literature, Philosophy and Anthropology. The research seeks to verify how the encounter between Thiago de Mello's poetry and ecocritical thinking takes place, seeking to point out contributions to think about socioenvironmental issues in the Amazon. With the identification of the elements of the rivers, the waters and the composition of the landscape in dialogue with Ecocritical Thought, we have dimensioned how the Amazon social and environmental problematic is portrayed in the poet's literature. The methodology, anchored in the rhizomatic perspective of knowledge, follows a trail of interviews along with a comparison of data in the work Amazonas, home of the water of the poet under analysis. The rhizomatic perspective is accompanied by other sources such as music, poems, photographs and images in order to give light to the object of study. The main results reveal that the representation of Amazonia, in the poet's work, is embraced within an ethical principle of responsibility and environmental concern in the effort to bring literature closer to ecological awareness. Although some ideas still show flashes inherited from aesthetic models of the exotic and edenist of an invented Amazon built on the formation of Brazilian literature, the poet's literature starts from an ethical orientation with Amazonian nature. These imaginary processes of the poet, come from the ecological perspective, as well as from Orientalism as an invention of the West in the demarcation of boundaries between the primitive and the civilized, natural and urban that denoted the separation between man and nature, and their romanticization. The research reveals that there is an approximation of his poetry with ecocritical thought from the 1980s, in the third and fourth moment of his thought, when the poet combines scientific and ecological notions with literary aesthetic ways in the approximation of the linguistic sign with the conscience ecological. Our analysis weaves a deterritorializing critique of anthropocentrism, demonstrating that even in the literature of the late twentieth century, such as that of the poet under analysis, traces, remnants and lines of a vision of the wonderful, exotic, and that of the natural world as literary matter still persist. Finally, one must recognize the importance of Thiago de Mello's poetry in boosting the ecological crisis and its social role in raising awareness for the preservation of nature and the ecological balance of the Earth. Their conceptions, linked to the sublime representation of the forest, trace a path of affection, care for the human and non-human lives that live in the Amazon.

Keywords: Literature; Thiago de Mello; Ecocritical Thinking; Amazon.

RESUMEN

Este estudio analiza la poesía de Thiago de Mello en el contexto del acercamiento a los procesos socioculturales en la Amazonía. El análisis se entrelaza en los hilos de la interdisciplinariedad en un diálogo entre Literatura, Filosofía y Antropología. La investigación busca verificar cómo se da el encuentro entre la poesía de Thiago de Mello y el pensamiento ecocrítico, buscando señalar aportes para reflexionar sobre temas socioambientales en la Amazonía. Con la identificación de los elementos de los ríos, las aguas y la composición del paisaje en diálogo con el Pensamiento Ecocrítico, dimensionamos cómo se retrata la problemática social y ambiental amazónica en la literatura del poeta. La metodología, anclada en la perspectiva rizomática del conocimiento, sigue un rastro de entrevistas junto con una comparación de datos en la obra Amazonas, hogar del agua del poeta en análisis. La perspectiva rizomática se acompaña de otras fuentes como música, poemas, fotografías e imágenes con el fin de dar luz al objeto de estudio. Los principales resultados revelan que la representación de la Amazonía, en la obra del poeta, se enmarca dentro de un principio ético de responsabilidad y preocupación ambiental en el esfuerzo por acercar la literatura a la conciencia ecológica. Aunque algunas ideas aún muestran destellos heredados de modelos estéticos de lo exótico y edenista de una Amazonía inventada construida sobre la formación de la literatura brasileña, la literatura del poeta parte de una orientación ética con la naturaleza amazónica. Estos procesos imaginarios del poeta, provienen de la perspectiva ecológica, así como del orientalismo como una invención de Occidente en la demarcación de límites entre lo primitivo y lo civilizado, natural y urbano que denotaba la separación entre el hombre y la naturaleza, y su romantización. La investigación revela que hay una aproximación de su poesía con el pensamiento ecocrítico de los años 80, en el tercer y cuarto momento de su pensamiento, cuando el poeta combina nociones científicas y ecológicas con formas estéticas literarias en la aproximación del signo lingüístico con la conciencia ecológica. Nuestro análisis teje una crítica desterritorializadora del antropocentrismo, demostrando que incluso en la literatura de finales del siglo XX, como la del poeta analizado, se encuentran huellas, vestigios y líneas de una visión de lo maravilloso, exótico y del mundo natural. Como aún persiste la materia literaria. Finalmente, hay que reconocer la importancia de la poesía de Thiago de Mello para impulsar la crisis ecológica y su papel social en la sensibilización para la preservación de la naturaleza y el equilibrio ecológico de la Tierra. Sus concepciones, ligadas a la sublime representación de la selva, trazan un camino de afecto, cuidado de las vidas humanas y no humanas que habitan la Amazonía.

Palabras llave: Literatura; Thiago de Mello; Pensamiento Ecocrítico; Amazonas.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Casa de Thiago de Mello nomeado por ele de “Porantim do Bom Socorro” em Barreirinha.....	36
Figura 2 - A casa de praia de Thiago de Mello às margens do Rio Andirá.....	38
Figura 3 - Edição de 2002 da obra <i>Amazonas, pátria da água</i> , de Thiago de Mello...	70
Figura 4 – Tronco de árvore e digital humana. Somos da natureza.....	91
Figura 5 – Árvore não é pulmão, mas pulmão é árvore.....	112

QUADRO

Quadro 1: Oposição entre a paisagem profunda e paisagem rasa androcêntrica.....	74
--	----

LISTA DE ABREVEATURAS

AM – Amazonas

FAPEAM – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas

UEA – Universidade do Estado do Amazonas

UFAM – Universidade Federal do Amazonas

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	15
PRIMEIRO CAPÍTULO: O IMAGINÁRIO AMBIENTAL AMAZÔNICO E A POESIA DE THIAGO DE MELLO	
1.1 O devaneio das águas amazônicas.....	21
1.2 A floresta amazônica como inspiração para o poeta.....	33
1.3 As questões imaginárias da Amazônia e a globalização.....	44
SEGUNDO CAPÍTULO: REPRESENTAÇÕES POÉTICAS DA PAISAGEM	
2.1 A perspectiva contemporânea da paisagem.....	58
2.2 <i>Amazonas, pátria da água</i> como representação da Amazônia.....	70
2.3 Aproximações do pensamento Ecocrítico com a poesia de Thiago de Mello.....	79
TERCEIRO CAPÍTULO: A PROBLEMÁTICA AMBIENTAL RETRATADA POR THIAGO DE MELLO	
3.1 O recorte ecológico das poesias e prozas poéticas de Thiago de Mello.....	89
3.2 Os futuros da Amazônia na problemática ambiental retratada por Thiago de Mello.....	100
3.3 <i>Árvore não é pulmão, mas o pulmão é árvore</i>	110
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	119
REFERÊNCIAS.....	122
ANEXOS.....	12

INTRODUÇÃO

Fomos nos alienando desse organismo de que somos parte, a Terra, e passamos a pensar que ele é uma coisa e nós, outra: A Terra e a humanidade. Eu não percebo onde tem alguma coisa que não seja natureza. Tudo é natureza. O cosmos é natureza. Tudo em que eu consigo pensar é natureza.

(Ailton Krenak)

Este estudo assume o propósito de verificar de que forma se dá o encontro entre a poesia de Thiago de Mello e o pensamento ecocrítico, na busca de assinalar olhares e reflexões para se pensar as questões socioambientais da Amazônia. Tecido nas linhas da interdisciplinaridade, esse discurso rizomático se põe nas sendas do diálogo franco entre literatura e ciência, pelas vias do sensível, Na busca de traçar os processos socioculturais que entrelaçam as relações entre literatura e meio ambiente.

Afora tais aspectos, a leitura ecocrítica analisa as relações entre literatura e meio ambiente no vislumbrar do humano e não humano. Como postura, evoca a descentralização do homem e a validade do conhecimento adquirido pela experiência e pela poesia. Assim, percebe a organização do mundo nas relações entre os seres vivos, não na objetivação racionalista moderna, mas nas relações subjetivas a considerar os afetos e as emoções como vínculo com a natureza Bachelard (1996).

A partir deste princípio norteador de leitura ecocrítica, buscamos problematizar as representações ambientais de imagens, paisagens, ideias e noções na poesia de Thiago de Mello num discurso crítico que repense as relações humanas com a natureza. Levamos em consideração as representações do poeta no sentido ecológico mais amplo englobando animais, plantas, gentes, água e terra, a partir da postura da ecologia profunda no reconhecimento do valor intrínseco da natureza e a valorização de todos os seres vivos. Indo do ambiental ao social e subjetivo, levantamos as principais

problemáticas da Amazônia na literatura de Thiago de Mello, e buscamos avaliar seus modos de tratamento e representação ambiental por meio da análise ecocrítica.¹

A escolha desta temática de estudo, adveio das primeiras andanças que incursionei pela teoria Ecocrítica ainda na graduação quando desenvolvi um projeto de iniciação científica. No desenvolvimento do mestrado, tivemos a oportunidade de aprofundar de forma mais atenta as teorias que se filiam ao Pensamento Ecocrítico em conversão com as teorias pós-modernas e a crítica cultural na Amazônia, permitindo-nos construir o nosso objeto de estudo.

Os estudos literários, em contexto de crise ambiental, estão em constante mudança e cada vez mais moldam suas metodologias para alcançar análises mais amplas. A ecocrítica, enquanto estudo que analisa a relação do ser humano com seu entorno ambiental dentro das manifestações culturais, tem ampliado o arco destas reflexões num diálogo entre literatura e a ciência.

Por certo, é de aceitação da Ecocrítica que a cultura humana é conectada com o mundo físico. Em interconexões de natureza e cultura moldadas em manifestações como a literatura, alia-se a relação do humano com o meio ambiente na Amazônia. Esta relação se tece na multiplicidade das relações interiores e exteriores criando novos símbolos, imagens, paisagens e significados a partir de redes imaginárias formadoras da cultura de um povo que vive nas margens de rios, lagos e paranás.

Na compreensão dos sistemas vivos em Capra (1996), tidos como teias, o imaginário literário se compõe como tecido em redes de vida. As redes vivas e as redes imaginárias se interconectam entre si no processo de formação da arte e da cultura, interagindo nas relações sociais, ambientais e subjetivas. A teoria Ecocrítica se torna perceptível neste limiar de século, momento em que as relações ambientais se fazem presentes no texto literário tecidas com linhas do humano, do ambiental e o imaginário.

Essa compreensão sistêmica da literatura é uma abordagem instigante que lança luz sobre o imaginário amazônico e que Cohen (2004) traz a aplicação da ecologia e de conceitos ecológicos para o estudo da literatura. Quando estas experiências aparecem na literatura, é responsabilidade do ecocrítico avaliar a natureza da representação lírica e da narrativa ambiental, no questionamento aos paradigmas culturais, globais e científicos.

¹ Para a esta análise como processo de tecelagem de palavras, procuramos inspirações teóricas em Capra (1996), Deleuze e Guattari (1995), Pinto (2005), Said (1990), Leff (2006) Garrard (2006), Buell (1995) e Cohen (2004), dentre outros que nos ajudaram a tecer o diálogo para se pensar o objeto de estudo.

A crise ambiental é real e na Amazônia, a Ecocrítica contribui para ajudar a manter os olhos atentos em como a natureza é culturalmente construída na formação social. Nossa compreensão sistêmica da literatura toma o olhar ecocêntrico em oposição ao antropocentrismo dominante, que subjuga a natureza e demais seres vivos em favor do ser humano. A crise ambiental está associada a uma crise de percepção antropocêntrica que dá aval ao homem para explorar com práticas nocivas o meio ambiente.

A ecocrítica parte das manifestações culturais para dar atenção aos problemas ambientais na tentativa de pensar possíveis soluções, em um sentido mais amplo, aumentando a consciência pela via da interdisciplinaridade. A natureza não funciona de maneira organizada e estruturada, mas em múltiplas ramificações, conexões e multiplicidades. O conhecimento se constitui nesse processo entrópico² a traçar fugas, estrias e linhas que tecem a interdisciplinaridade.

A literatura é umas dessas linhas, vista na concepção rizomática de Deleuze e Guattari (1995), como um conhecimento válido a dialogar em igualdade com outras formas de conhecimento. No princípio de conexões heterogêneas, a literatura se conecta a qualquer ponto do rizoma com a filosofia, antropologia, a ecologia e com as demais artes, como fio lírico a costurar conceitos, ideias, metodologias e teorias aliadas às teorias literárias e culturais.

Nesta pesquisa, investigamos os modos de representação nas poesias e prosas de Thiago de Mello e os tratamentos que ele dá à natureza, bem como aos animais, plantas, os povos e seu espaço por meio das imagens e paisagens. Na composição de imagens e paisagens da lírica de Thiago de Mello, tornou-se pertinente, a partir de Buell (1995), repensar nossas suposições sobre a natureza na revisão epistemológica envolvendo o meio ambiente como princípio organizador e central da humanidade. De tal modo, a revisão da literatura, tendo como foco o homem/mulher e suas relações com a natureza, nos permitiu redirecionar a consciência do egocentrismo para o ecocentrismo da ecologia profunda, como sugere Capra (1996). A leitura das imagens e paisagens em Thiago de Mello revelam processos socioculturais que embasaram o imaginário coletivo sobre a Amazônia de forma a cristalizar a grande imagem amazônica sobre a sua gente, presente até os dias atuais.

² Conceito oriundo da física correspondente à organização do mundo voltada para a entropia, isto é, ao caos e desordem que organiza todas as coisas físicas, ou seja, o mundo.

Este estudo assume as orientações das abordagens qualitativas, apontando para novas maneiras de ver e interpretar a Amazônia a partir das lentes do poeta Thiago de Mello. Em singularização com a teoria Ecocrítica dos estudos literários e culturais, nos fios da interdisciplinaridade, caminhamos pela perspectiva metodológica rizomática como foco conector que tece as falas do campo, a tessitura de ideias, documentos literários e estéticos (poesia, prosa, músicas, imagens, fotografias). Trata-se de um processo, conforme Ingold (2015), feito em linhas na tecelagem do conhecimento e do imaginário no campo da natureza e cultura amazônicas em estrias, fugas e desvios para trazer novos pontos de vista na forma de pensar o objeto de estudo – a poesia e prosa poética de Thiago de Mello. A fenomenologia nos permitiu compreender os processos de formação das imagens e da paisagem nas representações poéticas do poeta, buscando salientar as relações primeiras com o espaço e o lugar como catalizador de valores e noções ambientais.

A contextualidade com o espaço e o lugar ocorreu na cidade de Barreirinha (a 331km da cidade de Manaus), berço do poeta onde compôs suas obras mais amazônicas. As representações do poeta se tecem nesse lugar de retorno e conexões com a regionalidade, com a natureza e as comunidades do entorno em conformidade com sua consciência ecológica sobre a destruição massiva da Amazônia. A partir do seu lugar e as reflexões poéticas sobre a Amazônia, construímos uma análise ecocrítica e avaliativa dos modos como ele trata da natureza, as plantas, as gentes e os animais, tecidos na paisagem amazônica.

A fortuna crítica³ de Thiago de Mello aponta o período de 1951 a 1960 para sua difusão e consagração, onde podemos configurar sua literatura. De acordo com Lima (2012), as fazes poéticas do poeta estão de acordo com os momentos de sua vida e obra. A primeira fase situa os textos de 1951 com a publicação da obra *Silencio e Palavra*, a 1960, momento da publicação de *Vento Geral* que marcam os traços de sua perspectiva poética. De 1961 até o seu retorno do exílio em 1977, marca sua segunda fase, na qual o poeta esteve distante de sua pátria, porém definiu os rumos para produzir textos mais críticos. A terceira fase se dá a partir de 1978, com o seu retorno ao Brasil e ao Amazonas, até 1984, com a publicação de obras como *Amazonas, pátria da água*. Sua quarta fase, do ano de 1985 aos dias atuais, solidifica sua estada permanente em sua morada, a Amazônia.

³ A fortuna crítica é o conjunto de textos de natureza reflexiva sobre a obra de determinado autor e constitui os processos de consagração de sua obra em determinada cultura.

Selecionamos para a análise deste trabalho a obra *Amazonas, pátria da água* (2002), correspondente à sua terceira fase, da qual foram selecionados seis poemas e doze prosas poéticas para constituir-se em matéria-prima à nossa análise. A análise das poesias e prosas poéticas consistiram nas representações poéticas da paisagem no emaranhar de imagens, evidenciando a relação entre o homem e o espaço como questão fundamental da Ecocrítica. Compreendemos a paisagem como produto das experiências individuais, sensoriais e suscetíveis do sujeito com o seu espaço ligadas a um ponto de vista do indivíduo. A paisagem não é o real, mas o ponto de vista individual posto pelo artista, girando em torno de uma relação forte pelas sensações, percepções e emoções com o lugar (COLLOT, 2015). A paisagem nessa compreensão fenomenológica não consiste em ver, mas entrever e perceber o retorno do vínculo humano com a Terra.

A experiência literária é uma expressão de vivências intensas de um Eu poético no encontro com o mundo que, em seus versos, trazem, representações imagéticas da paisagem. É deste sujeito que buscamos tratar na relação com o seu espaço, e não diretamente com a pessoa de Thiago de Mello, mas ao seu eu-lírico⁴ que é o estado emocional. É este eu-lírico subjetivo, enquanto sujeito, que nos cabe considerar em suas interações no imaginário coletivo sobre a Amazônia.

A pesquisa centra-se no lugar do poeta (Freguesia do Andirá, próximo ao município de Barreirinha), a Amazônia. Este lugar, tematizado em sua obra, serve de catalizador de elementos globais como: pobreza, relação homem-natureza, impactos do capital, poluição, desmatamento, queimadas, dentre outros. O lugar do poeta é o lugar de suas vivências e experiências poéticas, é o local de seu nascimento, onde após a queda da ditadura militar, retorna para morar. Nesse retorno a Barreirinha, no ano de 1978, muda-se em seguida para a Freguesia do Andirá, acondicionando-se em sua casa às margens do rio Andirá, isolado da cidade e demais comunidades. Lá traçou muito de suas vivências e escreveu muitos de seus livros. O *corpus* da pesquisa é composto por uma amostra de dois entrevistados reconhecidos como poetas de Barreirinha e conhecedores profundos da poesia de Thiago de Mello. A entrevista foi sobre Thiago de Mello, enquanto poeta e pensador. Buscou-se despertar nos entrevistados questões em torno de sua poesia e seu papel social na Amazônia. Foram ouvidos sob a técnica

⁴ O eu lírico é um estado de alma e espírito, uma voz que expressa a subjetividade do mundo fazendo ecoar para o exterior, o que para Bachelard (1974), é uma fala do âmago do ser.

da entrevista profunda, a qual, conforme Bourdieu (2008), permite que o mesmo sujeito seja ouvido quantas vezes forem necessárias.

O trabalho está dividido em três capítulos interdependentes. No primeiro capítulo, analisamos os elementos dos rios e das águas presentes nas poesias e prosas de Thiago de Mello, dando destaque ao devaneio e imaginário ambiental amazônico do poeta. De tal forma, encontramos diferentes relações com o espaço e o lugar nas aspirações para com as águas, a fauna e flora numa ecologia experienciada do poeta com o ambiente amazônico. Também identificamos em novas reconfigurações, representações com elementos do exótico, edenista e sublime, elementos que auxiliaram a visão ocidental de Amazônia desde a formação da literatura brasileira. Ao pôr em relevo esta questão, ao longo deste leitura, buscamos problematizar porquê estes modos estéticos ainda insistem em permanecer na literatura e quais casualidades levaram o poeta a escolher estes elementos para compor esta obra.

O segundo capítulo realiza uma análise dos processos de representação poética da paisagem presentes na poesia de Thiago de Mello. Esta perspectiva da representação da paisagem nos remete para a natureza e o meio ambiente na composição dos processos imaginativos humanos carregado de valores e reflexões ambientais. Ao assinalarmos a relação complexa entre literatura e meio ambiente nas vias do pensamento paisagem do poeta, acenamos para um diálogo de sua lírica com o pensamento ecocrítico sobre a Amazônia.

No terceiro capítulo procuramos examinar em que sentido a problemática socioambiental encontra-se retratada na literatura do poeta. Os modos representativos em sua obra, do ambiental ao social, põem-se como questão fundamental de nossa análise que nos permitem uma reflexão ecológica profunda da Amazônia. Nesse sentido, o modo como o poeta molda as questões ambientais à sua estética literária, tanto em poesia como em prosa, expressa uma perspectiva de leitura ecocrítica da Amazônia.

Por fim, deve-se reconhecer a relevância social desta pesquisa para os novos estudos sobre a Amazônia numa visão crítica, esperando contribuir para que surjam outros estudos voltados para a compreensão mais ecocêntrica da vida e contra a instrumentalização da natureza.

CAPÍTULO I – O IMAGINÁRIO AMBIENTAL AMAZÔNICO E A POESIA DE THIAGO DE MELLO

*A sutileza de uma novidade reanima origens,
renova e redobra a alegria de maravilhar-se...*
(Bachelard)

1.1 O devaneio das águas amazônicas

O meio ambiente em seu processo histórico de exploração, sempre foi visto pelo Ocidente moderno, como um conjunto de recursos naturais infinitos a serviço do homem. Esse olhar antropocentrista que dá superioridade ao homem diante de todas as outras formas de vida, através de violência e destruição, tem degradado a natureza numa velocidade alarmante. No tempo contemporâneo, a Amazônia como o maior bioma do planeta, sofre com o desmatamento, queimadas, invasão de reservas e assassinato de lideranças locais.

Com a emergência avançada do sistema de informação na veiculação de vídeos e imagens televisivas sobre a destruição da fauna e flora, aquela imagem da Amazônia como paraíso de vasta floresta e rica biodiversidade, dá vez para imagens negativas de queimadas e milhares de hectares desmatados vistos por satélites. Essas múltiplas imagens apocalípticas de destruição e degradação povoam o imaginário coletivo do planeta, mas não são suficientes para uma mudança de perspectiva da humanidade perante a natureza.

As questões epistemológicas que engendram a crise ecológica global, tem uma profundidade maior. Dentro de um cenário pan-amazônico de degradação natural, os olhares atentos e preocupados de pessoas de várias partes sugerem urgente tomada de decisão por parte do Brasil e dos países da Pan-Amazônia, principalmente, aspecto que não debatemos neste estudo, em virtude do recorte que escolhemos para abordar.

Ao adentrarmos na contextualidade do imaginário social sobre a Amazônia, construído desde os primórdios da conquista no período quinhentista, deve-se reconhecer que os elementos que povoam mentes humanas é recortado por águas de rios, cachoeiras, igarapés e lagos na vasta floresta com seus mistérios e mitos, que

transpassam a vida neste território. Esses elementos formam as cosmogonias⁵, que dão origem e forma ao ambiente amazônico.

Dentro dessa perspectiva teogônica tiramos as lições da Terra e das águas, elementos simbólicos fundamentais à composição imagética da natureza. Esse complexo de representações é cultivado por imagens produzidas e a serem produzidas em sua inesgotável contemplação numa infinidade de imagens.

A formação imaginária de uma Amazônia inventada se deu pelo que Gruzinski (2003) denomina de uma colonização do imaginário, exercendo domínio e supremacia diante de todo o universo cultural indígena imaginário. O processo de colonização das imagens, trata-se de um iconoclasma endêmico – um modo europeu de produção e difusão de imagens que não aceitava outras formas imaginais.

Esse olhar iconoclasta é um destruidor de imagens, mitos, lendas e sonhos, demonstrando total desrespeito às tradições de outras culturas. Durand (2004) expõe o menosprezo do Ocidente por outros modos imaginais, de pensamento e se colocam como superiores, detentores da única verdade e racionalidade. A racionalidade cartesiana e monoteísta ocidental das imagens demonizou, criminalizou e rejeitou em detrimento da razão antropocentrista outras formas imaginárias com brutalidade.

Leff (2006, p. 12) explica que essa racionalidade da lógica econômica ocidental e do capital não dialoga com a natureza, a subordina e desvaloriza os diversos povos, e suas diferentes matrizes de racionalidade “com todas as riquezas de saberes – os modos como se sabe (saber) pelo *com-tato* com a língua, pelos cheiros, pelos sons, pelos tatos que, por estes sentidos conclamam *a visão do ser com*” e formam imagens de maior aproximação com a natureza, pois são originárias da Amazônia e não sobre ela.

A separação dualista entre os seres humanos e a natureza, feita pela filosofia moderna e da cultura ocidental iconoclasta, assinala a origem da crise de percepção no Ocidente. Capra (1996, p. 17), chama a atenção para o fato de que se faz emergente uma mudança de percepção que “não separa os seres humanos – ou qualquer outra coisa do meio ambiente natural.” Deve-se reconhecer o valor intrínseco de todos os seres vivos interconectados e interdependentes dentro da natureza, e conceba os seres humanos como um fio da teia da vida.

⁵ A palavra cosmogonia, de origem grega é dividida pelas palavras cosmos (universo) e gonia (criação) é colocada no sentido de caracterizar os espaços de criação imaginários da Amazônia.

Flores (2015) percebe a importância da ecologia profunda como postura nos estudos ecocríticos reconhecendo o valor intrínseco da natureza e a importância de novos modos de habitação da terra que combatam a visão de natureza apenas no seu valor instrumental. Dentro de uma perspectiva ecológica, a ecologia profunda propõe questionar profundamente os fundamentos da visão de mundo modernas como paradigma a ser superado. Esta postura, nos ajuda a compreender o posicionamento crítico de Thiago de Mello que se utiliza da palavra como resistência social ao desenvolvimentismo moderno sobre a região amazônica.

No universo amazônico as relações entre natureza e cultura são inseparáveis e indissociáveis, embrenhadas aos mitos, lendas, rios, florestas, águas que compõem um sistema complexo imaginário, dando existência e resistência frente ao pensamento hegemônico que separa o homem da natureza. Estudar a Amazônia pelas vias do imaginário é ter um olhar mais sensível para a natureza e a cultura numa composição de completude que acena para um mundo mais ecológico, como propõe Batista (2007), em estudos que analisam a complexidade de uma região que ainda precisa ser estudada.

Na obra *Amazonas, pátria da água* (2002) de Thiago de Mello, identificamos os elementos dos rios e das águas nas poesias e prosas do poeta amazonense, dando destaque ao devaneio e imaginário ambiental amazônico. Este livro, publicado originalmente em 1987, é um registro literário e ambiental da Amazônia que une poesia com o conhecimento ecológico e científico, numa espécie de passeio pelos caminhos da literatura que expressa a realidade cotidiana dos espaços amazônicos.

Conforme as informações do Instituto Moreira Salles – IMS (2013), é uma obra que se inicia pelo projeto do livro *Amazônia*, com fotos de Claudia Andujar e George Love que teria o texto de Thiago de Mello intitulado de *Amazônia – Pátria das águas*. Vetado pela censura da ditadura militar a obra foi lançada em 1978 sem a participação do poeta que sofria de perseguição política. O engajamento de suas palavras em defesa da Amazônia caminhava contra o projeto desenvolvimentista das décadas de 1945-1960 que prometiam um novo Brasil durante o regime militar.

Esse texto ambiental em defesa da Amazônia sairia mais tarde em nova edição, dessa vez, com fotografias de Claudio Marigo. E por fim a edição em 1987 intitulada *Amazonas, Pátria da Água*. O percurso de criação da obra transita entre a terceira e quarta fase da obra do poeta. Se faz de marco na resistência à censura e o autoritarismo em defesa de uma região que era massivamente explorada pelos projetos desenvolvimentista do regime militar na região amazônica.

A ecocrítica da atenção a essas narrativas, como a de Thiago de Mello, que associa questões políticas ambientais e científicas com a poesia e a prosa poética. Como uma biótica poética, o poeta versa sobre os mundos de vida amazônicos dos animais, das plantas, dos mistérios da floresta, das águas e os povos viventes deste lugar. Nesta versificação da vida o poeta aborda o desmatamento, poluição, queimadas, garimpo ilegal, extinção animal, ameaça aos povos tradicionais e a importância da preservação da Amazônia para o equilíbrio ecológico do planeta. De acordo com Garrard (2006, p. 13), perspectivas como esta, na ultrapassagem das fronteiras do literário, pedem que “seu material científico sejam passíveis de uma análise mais literária e cultural. É a esta análise que chamaremos ecocrítica.”

A Pátria da água, para o poeta, são os povos habitantes, bem como os animais, as plantas, milagres, mistérios que vivem às margens do rio que, em caminhos labirínticos, se expandem e atravessam territórios. Isto se dá de tal forma que os modos de vida destas comunidades com seu território estão além das demarcações territoriais feitas pelo homem. Thiago de Mello, dentro do universo das imagens, aborda a Amazônia continental que incorpora nove países e quase metade do território brasileiro.

Neste universo cosmogônico das imagens, o poeta devaneia como nas definições de Bachelard (1988), na fuga para fora do real em atos de consciência e de devaneio por onde se desenvolve a linguagem poética. Efetivamente, é “na linguagem poética, quando a consciência imaginante cria e vive a imagem poética” (BACHELARD, 1988, p. 5) é que se tem a dimensão do mundo das representações ambientais que são *práxis-poiesis*⁶ da Amazônia.

Nas poéticas bachelardianas, as aproximações entre a literatura e a fenomenologia são um retorno de uma racionalidade voltada para a natureza e seus elementos. Fiuza (2011) ao apontar as aproximações entre a literatura e a fenomenologia, coloca a literatura como fenômeno que opera nos campos das sensações e afeições, de onde se origina a linguagem numa eterna relação com o mundo exterior. Em Thiago de Mello, as sensações e afeições expressas em sua linguagem literária se relacionam principalmente com as águas.

⁶ Conceito adotado na tese de doutorado de Yormarley Lopes Holanda intitulada “O artista-andarilho da Amazônia e o florescer de sua *práxis-poiesis* na festa popular” (2019) para expressar a atividade artística na Amazônia. Uma sensibilidade que permite dar vida ao imaginário do artista amazônico e de sua arte que é tecida com os seres fantásticos, animais híbridos, encantais que habitam as narrativas e poesias dos povos tradicionais.

Por meio da fenomenologia das imagens desenvolvida por Bachelard (1974), é possível perceber as representações ambientais que estão nas coisas primeiras como a relação dos povos tradicionais com o rio e suas águas. Logo, em tudo a água está presente, até mesmo na umidade das coisas. Esse retorno à natureza e seus elementos, é um retorno à imanência, ao cosmos, trazendo uma compreensão, não mais a partir do homem, mas da natureza enquanto todo e o homem como parte dela. Para Nietzsche (2008), os verdadeiros filósofos eram os primeiros da Grécia Antiga que buscavam numa teogonia voltada para a natureza entender o universo e as coisas, e o homem como parte das coisas da natureza. Ao retorno deste vínculo se faz perceptível a Ecocrítica.

Na compreensão fenomenológica das relações do homem com a natureza, a água sempre foi um elemento fundamental por exercer um papel fundamental na vida de seus habitantes inundando imaginações que desvelam uma Amazônia das águas. Para Merleau-Ponty (1999), essas são as coisas primeiras, um retorno ao mundo anterior à escrita, à constituição do signo linguístico e a formação da paisagem. Como assinala Durand (1997), esta consciência criadora é não só uma atividade de transformação, mas também de uma transformação eufêmica do mundo nas sensações e emoções com as águas e o espaço amazônico.

Na maneira como Thiago de Mello representa o espaço e o lugar, demonstra que as águas são o caminho por onde envereda seu espírito aventureiro e sobre elas enaltece a liberdade, a vida e os demais elementos que compõem sua poesia desde a primeira fase. As imagens das águas são vistas nos lagos, igarapés, riachos e rios que são os caminhos da esperança na busca de suas utopias, marca registrada de sua trajetória poética que propõe uma espécie de utopia solidária e ecológica.

A estas utopias solidárias e ecológicas, conforme Galeano (2001), fixam nossos olhos mais além da infâmia, para imaginar outro mundo possível, longe das lástimas humanas e a degradação nociva à natureza. Este é um olhar politicamente correto e ético de preocupação ambiental, no entanto, esse olhar utópico assenta-se numa idealização de natureza, de Amazônia e de povo.

Nos seus versos, exhibe uma Amazônia idealizada e maravilhosa que embora traga intrinsecamente um princípio de responsabilidade ambiental, foge em determinados momentos à realidade social da natureza e dos povos, apresentando um mundo natural em que tudo é belo, fraterno e límpido. Vejamos:

Eu venho desse reino generoso,
onde os homens que nascem de seus verdes
continuam cativos, esquecidos,
e contudo profundamente irmãos
das coisas poderosas, permanentes
como as águas, o vento e a esperança. (MELLO, 2002, p. 28)

O reino generoso é a Pátria da Água, aludindo a uma terra de felicidade, generosidade, fraternidade e nobreza. Isso difere muito da realidade difícil do homem da Amazônia que, em suas relações com as águas, enfrenta a várzea, as cheias e luta em busca de alimento, sobrevivendo ao dia a dia com dificuldade. Teóricos como Diegues (2001, p. 22), criticam essas noções distanciadas de “mundo natural que reflete uma percepção das populações urbanas a respeito da natureza”. É evidente que esses modos de representar sempre estiveram nos discursos literários na inserção de elementos fantásticos e misteriosos de tudo o que se desconhecia. Estas percepções se fazem presentes nas compreensões e interpretações no horizonte literário da Amazônia.

Observe-se como o poeta põe o elemento água como irmão dos povos da floresta. Um olhar profundo, intimista e latente nas afinidades que os povos habitantes da beira do rio tem com as águas. Porém, ao mesmo tempo representa um lugar sublime de perfeita harmonia do homem com a natureza, um olhar enlaçado em percepções que se colocam longe da natureza. A este olhar se constituiu para o Ocidente a natureza amazônica como algo exterior e de fora.

Podemos pensar as fases da ecocrítica, especificamente na primeira fase, a qual Cohen (2004) chama de escola da canção e do louvor que minimizam seus argumentos. A louvação feita pelo poeta transita de uma natureza em constante ameaça à minimização destas ameaças. A utopia poética da relação solidária do homem com a natureza amazônica, de certo modo, se compõe num lirismo de louvor idealizado.

O questionamento a essas representações ambientais permite pensar o meio ambiente por novas diretrizes. Conforme Almeida (2008, p. 13), é preciso “criticar esta unidade interpretativa e colocar em suspenso as sínteses elaboradas a partir dela, relativizando-as.” Dito de outro modo, é necessário todo um jogo de noções que estejam ligadas a visões da Amazônia como paraíso, eldorado, pulmão do mundo, floresta selvagem e natureza intocada. Ao contrário disso, a postura da ecologia profunda se mostra refratária aos determinismos, positivismos, cartesianismo, biologismos e geografismos, que se formaram sobre a Amazônia e separam o homem da natureza.

Com o olhar atento aos modos que Thiago de Mello escolhe para compor suas representações poéticas, conseguimos identificar alguns “ismos” que chamaremos de obscuridades. A esse respeito, Bachelard (1996, p. 10) destaca que “mesmo na mente mais lucida, há zonas obscuras, cavernas onde ainda vivem nas sombras.” Essa compreensão nos remete às zonas escuras das representações do poeta que mesmo tida pela crítica como uma grande obra em defesa do meio ambiente, ainda encontramos resquícios da modernidade que construiu as representações sociais da natureza.

As obscuridades presentes em sua linguagem poética, como destaca Süsskind (1990), foram herdadas do discurso dos cronistas e emprestadas à literatura desde os românticos. À primeira vista observamos que há uma perspectiva idealizada do mundo, na incompreensão da natureza, criando dentro de suas representações zonas de interpretações no mistério e idealismo em novas configurações. Essas evidências, dentro de um discurso poético e ecológico que dá luz para compreensão da Amazônia, traz zonas obscuras que necessitam de avaliação crítica e questionamento.

Contudo, em outras concepções, Thiago de Mello, dão ao leitor lições íntimas e reflexões, desvelando uma relação afetiva com a natureza pelo elemento água. As fortes afeições de uma vida marcada desde a infância pelas águas, desde os banhos de rio, à vivência no interior oferecem reminiscências. Observemos:

Aqui lhe dou, meu bom leitor, a lição que aprendi do rio. Eu que mergulhei em suas águas pela primeira vez em poucos dias de nascido. Eu que com essas águas convivo amorosamente, de tal maneira, que elas viajam dentro de mim, quando a vida me leva para longe.
(MELLO, 1988, p. 14)

Em prosa, o poeta rememora a infância nas suas relações amorosas com a água e “é neste sentido que o poema pode congrega os devaneios, reunir sonhos e recordações” (BACHELARD, 1988, p. 10). Assim, pois, nesta reunião, vemos um dos papéis fundamentais do poema com expressões de afinidade e afeição às imagens amadas que constitui a paisagem amazônica. Thiago de Mello parte de um ponto de vista individual para expressar sua ligação afetiva com o rio durante a infância mergulhado em suas águas, assim como um filho mergulha no útero de sua mãe.

Na imagem de água que se apresenta, percebemos as feminilidades da natureza na linguagem de Thiago de Mello. Trata-se de uma poética das afeições que desvela imagens amadas e de afetividade, reativando nossas relações e nos aproxima da natureza. A aproximações como esta, a leitura ecocrítica se faz perceptível, na “reavaliação da literatura orientada para a natureza que possa ajudar a nos redirecionar

da consciência do ego para a consciência ecológica.” (GLOTFELTY e FROMM, 1996, p. 29)⁷. No devaneio das águas vemos as relações afetivas com este elemento que são a projeção feminina de uma mãe, a Pátria da água.

Na compreensão de Shiva (1988, p. 125), “o princípio feminino da natureza é simbolizado pelo dinamismo, atividade, criação, reprodução e regeneração.” O devaneio demonstra o elo da natureza com o feminino, tido em Bachelard (1988), como um gênero feminino nas palavras que se caracterizam em palavras de afeição, carinho, leveza e delicadeza que emerge de relações de ancestralidade dos povos com a Terra.

As conexões com as águas na Amazônia se dão desde a infância e estão inerentes na vivência dos povos tradicionais. Bachelard (1997, p.119), explica que se “o sentimento pela natureza é tão duradouro em certas almas é porque, em sua forma original, ele está na origem de todos os sentimentos.” Como sentimento, constitui o valor fundamental e primeiro do ser. Nesse sentido começamos a amar e conhecer a natureza sem conhecê-la, sem vê-la bem, apenas pela sensação pura da experiência de um choque diferenciado, instantâneo e pontual.

Essas são práticas de racionalização, fruto da relação entre homem e natureza expressas no imaginário formado pelas percepções de sutileza do real que retornam ao mundo do ser através do devaneio das águas. Dessa maneira, “o devaneio assimila o próprio real. O que ele percebe é então assimilado. O mundo real é visto pelo mundo imaginário.” (BACHELARD, 1988, p. 13). Em percepções ambientais, Thiago de Mello, apresenta uma cartografia e hidrografia das águas expressa em poesia e prosa.

Registros literários como de Thiago de Mello de uma hidrografia das águas pelas vias do imaginário, na concepção de Loureiro (2015, p. 137), demonstram que “o rio é um fator dominante nessa estrutura fisiográfica e humana, conferindo um *ethos* de ritmo à vida regional.” Através das águas dos rios e lagos singram as gentes e nas suas margens formam imagens simbólicas que formam as comunidades imaginárias, estas que fazem as águas de caminhos.

O devaneio das águas, em transformações eufêmicas desenvolve uma bacia semântica que dinamiza as imagens e as coisas através da água.

A poética das águas numa transformação eufêmica desenvolve uma bacia semântica que consiste na dinamização de todas as coisas por meio da água. Na

⁷ Tradução nossa.

concepção de Santiago (1986), a multiplicidade das imagens toma forma nos fatores geográficos, ecológicos, míticos, nas vivências, no cotidiano, nas histórias, lendas e paisagens. Em tudo há água como na concepção do filósofo da época trágica dos gregos, Tales de Mileto. Para ele tudo é feito de água e as criações suavizam em diversos olhares e expressões. A Ecocrítica, neste estudo, busca evidenciar essas reflexões de aproximação entre natureza e cultura demonstrando que as mudanças de percepção ambiental estão nas matrizes ecológicas locais.

Destaque-se que as representações ambientais do lugar distanciam-se das eurocêntricas em suas múltiplas matrizes de racionalidade. Para Leff (2006, p. 12), “os saberes locais ganham um estatuto epistêmico que lhes reconhece sua singularidade e, assim, traz em seu seio uma outra ética, uma ética da outridade” sinalizando para uma reapropriação social da natureza. Essa reapropriação é solicitada pela consciência ecológica, compreendendo a vida como unidade de interdependências para sua existência. São forças imaginárias das águas que se desenvolvem em práticas ecológicas de harmonia com a natureza. De acordo com Tocantins (1982, p. 45),

Plantas, animais, criaturas humanas desenvolvem-se juntas, dependem extremamente uns dos outros. A floresta, os rios, os paranás, os igarapés, os lagos, com seus povoados vegetais ou animais, envolvendo o homem numa teia de interesses, de necessidades e de competição. O que faz vislumbrar na Amazônia aquele “organismo vivo no qual operam harmoniosamente vários sistemas vivos, o vegetal, o animal, o humano. (TOCANTIS, 1982, p. 45)

Nesse imaginário ecológico, as relações com a natureza e as águas são de harmonia, mas também de embate e enfrentamento. Como veremos mais adiante, as águas aparecem como vida, mas também como morte, pois ao mesmo tempo que hidrata, ela afoga, arrasta e mata. Esta realidade viva e pulsante das águas na natureza e nos corpos na Amazônia se mostra na composição e experiência poética.

Além de Thiago de Mello outros poetas amazônicos⁸ que vivem ou viveram às margens dos rios trazem em suas poesias a perspectiva destrutiva da água, bem como suas memórias e experiências desde a infância com o rio através das afeições. Estes poetas adotam a perspectiva polimorfa das águas em suas poesias e até mesmo os poetas mais distantes da realidade cotidiana, mostram como a imagem das águas se faz fecunda na consciência criadora.

⁸ Se utiliza a definição abordada por Telles e Krüger na ontologia “Poesia e Poetas do Amazonas” (2006), dos poetas que durante algum tempo ou por toda a vida estiveram em terras amazônicas e incorporaram em sua poesia elementos deste lugar.

A água é um dos elementos presentes nas produções poéticas dos escritores amazônicos – em Elson Farias na poética das águas que compõe o ambiente amazônico no espaço poético; em Dalcídio Jurandir com os rios presentes nos elementos de condução, interação e sobrevivência do homem/mulher amazônico; em Ruy Barata, a água é por si mesma o elemento principal de sua poética; Astrid Cabral dá destaque à água – os rios – em toda a sua engenharia poética, inclusive em *Visgo da terra*.

A água conclama a visão íntima dos seres viventes em suas margens e as múltiplas imagens que se formam do lugar. Elas estão não apenas na afetividade, beleza, pureza e generosidade, mas na relação ofensiva de enfrentamento das águas que são também de violência, tristeza e doenças. É isso que revela Thiago de Mello (2002, p. 24) em *As tantas almas da água* que,

A lei do rio não cessa nunca de impor-se sobre a vida dos homens. É o império da água. Água que corre no furor da correnteza, água que leva, água que lava, água que arranca, água que se oferta cantando, água que se despenca em cachoeira, água que roda no rebojo [...] Água de doenças: água de ameba, água de febre negra.

O poeta descreve o ciclo hidrográfico das águas, enfatizando a presença do rio e sua influência nos modos de vida dos povos tradicionais. A multiplicidade das imagens do rio “não corresponde a um ou dois termos específicos, e sim a um vasto campo semântico, vinculado à presença do rio Amazonas” (SANTIAGO, 1986, p. 34). O poeta se apropria dessas imagens do rio, constituindo um campo semântico que compõe inúmeras representações e significações ao rio. A composição das imagens no devaneio poético compõe a paisagem amazônica.

No confronto das águas, temos as imagens das águas que arrastam, alagam, bem como as águas de doenças como a ameba, comuns nos povos amazônicos. Com efeito, a atividade humana segue uma linha ofensiva aos elementos da natureza, principalmente com a água. Bachelard (1998, p. 166), ao abordar a água violenta coloca em queda o princípio judaico-cristão ocidental de que a natureza está essencialmente sob a vontade de Deus, pois ela também se faz de adversária e “os quatro elementos materiais são quatro tipos diferentes de provocação, quatro tipos de cólera.” Portanto é falsa a ideia de controle e domínio da natureza. De acordo com esta concepção, o homem e a mulher, na Amazônia enfrentam as ofensivas do rio e suas adversidades.

Na contramão desta perspectiva, em outro trecho, Thiago de Mello (2002, p. 27) afirma que “o homem está à mercê do rio”. Dizer que o homem está à mercê do

rio, é se utilizar de determinações geográficas adotadas pelo Ocidente para descrever sociedades consideradas inferiores e desprovidas de conhecimento sobre a natureza. A esse respeito, o homem não está à mercê do rio e nem unicamente sujeito às suas leis, ele desobedece e se adapta às adversidades.

Ao observarmos as construções de suas casas, vemos que a cada enchente os nativos elevam o assoalho ou migram para lugares mais altos, mas não sucumbem à violência do rio, e sim, como aponta Bachelard (1998), estão em constante adversidade com as águas. Se olharmos com profundidade para as comunidades tradicionais da Amazônia, vamos perceber as relações cotidianas com as águas dentro das cosmogonias que compõem o imaginário. Diante dos mitos, das lendas e no entrelaçamento existente entre homem e natureza, temos os modos ecológicos de vida milenares num viver com a natureza. Esta reflexão demonstra fragilidade nas compreensões por parte do poeta.

Ao apresentarmos alguns elementos dos rios e das águas nas poesias e prosas poéticas de Thiago de Mello, identificamos diferentes óticas do poeta para com o humano e o não humano. Quando o poeta fala de si, de suas vivências com a natureza amazônica e suas águas, temos experiências profundas e teogônicas entrelaçadas à linguagem literária que permitem pensar o meio ambiente, por outros moldes. Também encontramos zonas escuras na idealização que foge à realidade social e carrega fragilidades na compreensão da natureza.

A consciência ecológica que dá luz à perspectiva poética de *Amazonas, pátria da água* (2002), apresenta zonas de obscuridades nas interpretações equivocadas da relações do homem com a natureza, percebidos nos modos de representação que são selecionados para a composição da obra. Essas zonas se fazem presentes em todo o imaginário social da Amazônia que desde as primeiras literaturas construiu socialmente a natureza amazônica e é transmitida nos modelos estéticos.

Evidentemente, o pensamento ecocrítico privilegia não apenas a dimensão estética, mas principalmente a dimensão ética. Nestas duas zonas se constitui o texto ambiental de Thiago de Mello. Primeiramente nos modelos estéticos das literaturas informativas ao modo euclidiano de produzir textos verdes sobre a Amazônia. Em segundo pela dimensão ética em seu discurso poético com a preservação da floresta amazônica pela poesia social de denúncia, característico de sua geração no enfrentamento ao lado amargo da vida. Por duas zonas, em diálogo de poesia e ciência,

ciência e poesia, constitui-se uma utopia ecológica e solidária que buscamos problematizar.

A metodologia interdisciplinar da Ecocrítica permite fazer o diálogo da ciência à análise literária e problematizar a poesia. Para Bachelard (1996), esta dialogação válida tanto o conhecimento filosófico científico, como o da poesia. A esse respeito, Pitta (1995, p. 3) destaca que

Bachelard demonstrou, através de sua obra que a organização do mundo – ou seja, as relações existentes entre os homens, entre os homens e a terra, entre os homens e o universo – não é o resultado de uma série de raciocínios, mas a elaboração de uma função da mente (psíquica) que levam em conta afetos e emoções.

A literatura é uma forma de conhecimento criante, assim como as demais ciências e dentro de uma leitura ecocrítica pode dar contribuições para se repensar o meio ambiente, a partir de reflexões profundas. O devaneio poético das águas nos leva a uma visão mais ontológica do mundo e a uma análise literária fenomenológica voltada para a natureza que questione os modos de representação. Na perspectiva de Pinto (1999, p. 45), deve-se superar “a geografia do exótico que se fixou de maneira incisiva com o processo de ocidentalização do mundo, com a demarcação da fronteira Ocidente-Oriente.” Essa fronteira demarca oposições entre o primitivo e o civilizado, centro e periferia, natureza e cidade, homem e natureza, homem e mulher, em sistemas de representação imaginários.

A literatura de nosso poeta, embora estejam fora dessas geografias, ainda apresenta zonas de incompreensão destas geografias que se reconfiguraram ao longo do tempo e se apresentam nestas literaturas. Para Glotfelty e Fromm (1996, p. 28):

Exegeses literárias e cristãs tornaram a natureza silenciosa no discurso ocidental. Ele argumenta que a natureza passou de uma presença animista para uma simbólica e de um sujeito volúvel para um objeto mudo, de modo que, em nossa cultura, apenas os humanos têm status de sujeitos falantes.⁹

A vastidão verde da floresta como paraíso verde, selvagem e intocado é visto no silêncio total dos sujeitos amazônicos viventes nos ecossistemas vivos nas descrições de cronistas e romancistas. Embora tais representações possam nos trazer um retorno para a natureza, são percepções que trouxeram uma visão de natureza como objeto e não como mundo de complexidade, pois são visões de pessoas que vivem longe do ambiente natural (DIEGUES, 2001). Muito diferentes disto, a natureza na

⁹ (Tradução nossa)

Amazônia, nas narrativas indígenas e na escrita de prosadores e poetas da Terra tem vozes nos mitos e lendas, nos seres fantásticos e mistérios da floresta, bem como seus interpretes que também são silenciados. Como vimos, a obra de Thiago de Mello é uma dessas literaturas em que a natureza é casa, mãe e irmã, tendo forte significação em seus modos de existência.

Disse-nos Morin (2001, p. 169), que para uma mudança paradigmática nos modelos estéticos de representação da natureza é fundamental uma razão aberta “capaz de compreender aquilo que, em nós e nos outros, precede e excede a razão.” O reconhecimento do irracional, do acaso, da desordem, aporias e brechas longas, não como uma negação do racional, mas uma dialogação com o irracional.

Uma razão aberta se abre para outras racionalidades e para uma razão mais complexa. Para a leitura ecocrítica deste estudo, seguimos uma visão mais complexa e aberta ao sensível com o olhar refinado para o lugar da natureza, partindo do que Leandro Tocantins (2000) conclama ser devolver ao rio e às fontes da Terra o seu papel Principal na problematização do imaginário social na Amazônia.

1.2 A floresta amazônica como inspiração para o poeta

Nossos ancestrais moraram nesta floresta desde o primeiro tempo e que a deixaram para nós para vivermos nela também. Eles nunca a maltrataram. Suas árvores são belas e sua terra é fértil. O vento e a chuva conservam seu frescor.
(Kopenawa)

A natureza amazônica sempre foi fonte de grande inspiração para poetas e escritores que vivem, viveram ou apenas passaram por este território. Muitos foram os que se debruçaram em diferentes perspectivas para compreender a Amazônia. Dentre eles temos intelectuais como Euclides da Cunha, João Daniel, Márcio Souza, Djalma Batista, Leandro Tocantins, e poetas como Raul Bopp, Quintino Cunha, Elson Farias, Efraim Amazonas e o próprio Thiago de Mello. Ambos, nas inspirações a partir do

contato, observações e experiências, desenvolveram interpretações da natureza, dos modos de vida e os povos amazônicos.

Foram a natureza e a floresta amazônica que serviram de inspiração para Raul Bopp na criação de um dos livros mais importantes da poesia brasileira – *Cobra Norato* (1994). De acordo com Pinto (1992, p. 13), “Raul Bopp foi encontrar a motivação maior para uma poesia essencialmente brasileira, antropofágica, segundo a expressão dos mais empolgados pelo puro nacionalismo, no mundo amazônico.” Pesadores, poetas e escritores, em seus tempos, na relação com o lugar deram lampejos que contornam o imaginário socioambiental da Amazônia.

Logo, a floresta e o rio se fazem de inspiração desde o discurso dos primeiros interpretes, nas descrições das literaturas de viagem, à louvação da natureza pelos românticos, e por fim, na linguagem de poetas e escritores contemporâneos. Os estudos ecocríticos na Amazônia devem compreender esta pluralidade literária na diversidade de povos e regiões, apontada por Souza (2013, p. 14), tanto da literatura “dita amazônica quanto aquela que é produzida sobre a Amazônia” para compreender os processos de representação ambiental ao longo do tempo. Esses que se passam no exotismo, misticismo e do paraíso ao inferno verde nos períodos literários herdados em modelos estéticos para a literatura contemporânea.

À medida que se incorpora tais mecanismos de estudo literário, desenvolve-se uma leitura ecocrítica de Amazônia no campo das representações de um território continental. Trata-se de uma leitura de profundidade como propõe Loureiro (2015), de dentro da Amazônia pelo olhar sensível na busca de remover noções pré-concebidas.

Para este propósito é necessário evidenciar a Amazônia profunda dos povos e suas conexões rizomáticas que se entrelaçam na vida com a natureza e o imaginário que se expressa através da arte num devir de relações com o lugar de inspiração. Para além disso, é preciso adentrar no rizoma como faz o eu-lírico poético do poema *Cobra Norato*. Encarnando a grande cobra, embrenha-se no mundo amazônico, vislumbrando a noite para ver a floresta e a vida do ponto de vista deste ser mágico dos mitos e lendas.

Em Thiago de Mello, compreendemos este olhar mais profundo e sensível para com o seu lugar de inspiração, a floresta Amazônica no passeio literário das águas. Pela água, busca nos envolver num entrelaçar do espaço com as geografias e as ecologias da vida numa interpretação singular da natureza. A água “tem um corpo, uma alma, uma voz. Mais que nenhum outro elemento, a água é uma realidade poética

completa.” (BACHELARD, 1998, p. 17). Este elemento comporta toda a unidade de compreensão ecológica em sua poesia, pois está totalmente presente em suas representações como um elemento agregador de imagens que compõe paisagens.

Essa reflexão ontológica nos leva a compreender o ambiente amazônico para além de seu contexto histórico, nas origens dos povos tradicionais, nas narrativas, mitos, literaturas e escrituras que se formam nas relações primeiras com as águas. Partindo do lugar de inspiração do poeta, o local de seu nascimento e eterno retorno, a cidade de Barreirinha, a 331km da cidade de Manaus – banhada pelas águas de dois rios – o Paraná do Ramos e o Rio Andirá – buscamos compreender de maneira mais próxima suas reflexões poéticas que desvelam uma eco-poética amazônica.

Para Tuan (2015), o lugar se enquadra na topofilia,¹⁰ não apenas como um ponto de vista da percepção, mas também em atitudes e valores envolvidos nas relações com o meio ambiente, abrindo espaço para as preocupações ambientais. Os olhares para o lugar podem se dar em diferentes modos da experiência constituindo interpretações em imagens complexas. Quando estas experiências aparecem na literatura, elas se tornam perceptíveis à leitura ecocrítica em dois modos ambivalentes. No primeiro, uma pessoa pode conhecer o lugar e representá-lo de modo íntimo e profundo, e no segundo, pode conhecer o lugar de modo mais conceitual e geral.

Identificamos estas duas perspectivas em Thiago de Mello – de um olhar íntimo e profundo como o lugar e outro mais geral para o espaço, a natureza amazônica e os povos. Nesta última, encontramos questionamentos aos modos de representação ambiental. As duas perspectivas, a partir do lugar de inspiração, entendidas em tempo e espaço, no campo das representações, é onde se localiza as principais problemáticas que enlaçam nossa análise.

O propósito da focalização do lugar não é a supervalorização da literatura feita em algumas leituras ecocríticas que apenas elogiam, mas que busquem questionar a natureza de tais representações ambientais. Ou seja, nos utilizamos de uma metodologia mais aberta e analítica ecocrítica na focalização do lugar, dentro de uma dialogação entre a literatura e as demais ciências, incluindo uma crítica aos paradigmas globais científicos e culturais. De acordo com Cohen (2004, p. 3), “a função mais importante da literatura hoje é redirecionar a consciência humana para uma

¹⁰ Conceito criado por Yi-Fu Tuan para definir o elo afetivo entre a pessoa e o lugar ou o ambiente físico nas percepções, atitudes e valores envolvidos nas relações com o meio ambiente.

consideração completa de seu lugar em um mundo natural ameaçado.”¹¹ Assim fazemos um questionamento à natureza das representações ambientais mais de perto, ressaltando a crise ambiental existente na Amazônia e as representações da natureza.

Para abordar a primeira perspectiva mais íntima e profunda, vamos ao lugar de Thiago de Mello no mundo. Em suas vivências enraizadas desde a infância, compreendemos suas imagens e paisagens como a construção de um universo de valores no espaço em que habita e o protege do mundo. As casas de Thiago de Mello, construídas por ele em seu lugar de inspiração, demonstram como nos tornamos pertencentes a um lugar, bem como lhe atribuímos sentimentos e emoções para aquilo que chamamos de lar, casa ou a pátria.

No *Dossiê Thiago de Mello: patrimônio histórico* (2017) elaborado pelo poeta com o “Instituto Thiago de Mello”, o poeta nomeia sua casa em Barreirinha de Porantim do Bom Socorro. Porantim (sic), termo indígena em homenagem aos antepassados. Já Bom Socorro é o nome do lugar onde ele nasceu, na fazenda de cacau de seu avô em frente ao rio Paraná do Ramos. Assim nomeia sua casa neste lugar (atualmente patrimônio histórico do estado do Amazonas em abandono). Como o poeta narra, “Barreirinha, a pequenina cidade onde nasci, plantada na várzea do Médio Amazonas, e onde estou morando desde que voltei do exílio, em 1978.” (MELLO, 2002, p. 31).



Figura 1: Casa de Thiago de Mello nomeado por ele de “Porantim do Bom Socorro” em Barreirinha. Fonte: Wesley Dias Cerdeira, 2019.

¹¹ (Tradução nossa)

No retorno do exílio após a queda da ditadura militar no Brasil e já consagrado como poeta, no alto de sua maturidade, muda de uma perspectiva poética voltada para as questões interiores da natureza humana, da utopia, liberdade e fraternidade, para outra mais regionalista, crítica e militante em defesa da floresta amazônica. A terceira e quarta fase de sua poesia solidificam mais abertamente o papel social de sua poesia para a preservação da floresta e sua postura como intelectual engajado.

É um lugar de inspiração que porventura muitas vezes se distanciou, principalmente no exílio, mas é o lugar de seu retorno e origem, seu recanto poético e lar de intimidades. Entrevistamos o poeta e escritor de literatura indígena, Tiago Hakiy (40) que desde a infância esteve perto de Thiago de Mello ao ser adotado como filho. Vejamos:

A principal bandeira de Thiago de Mello é a Amazônia e **isso está em casa**. Os amigos que o visitava ele sempre nos **deixava envolver pelo que nós somos, pelo que nos faz**, se envolver **pela beleza, e isso está vivo na sua poesia**, nos seus livros. Isso é dar visibilidade para a nossa Amazônia, **mas não só pra Amazônia, mas pra quem vive nela**. O caboclo, o índio que faz dessa floresta sua casa, que faz o rio de estrada. Isso era matéria de sua poesia, isso era matéria de sua literatura, da sua entrega como homem e como poeta. (Entrevista, 2018, grifo nosso).

Em sua fala, Tiago Hakiy apresenta elementos presentes na poesia de Thiago de Mello como a beleza da natureza amazônica e os modos de vida dos povos tradicionais que fazem da floresta morada e existência. Ao nos deixar envolver pelo que somos, demonstra uma ecologia da vida e pensa a humanidade, e todos os seres vivos em igualdade e respeito à vida. Encontramos aqui, um dos modos de inspiração do poeta pela floresta amazônica.

O retorno à sua terra, é também um retorno à natureza. O Porantim foi berço de suas obras literárias mais regionalistas como *Mormaço na Floresta*; *Manaus, Amor e Memória*; *Amazônia, A Menina dos Olhos do Mundo* e a obra selecionada para esta análise, *Amazonas Pátria da Água*. O contexto marca uma mudança significativa, podendo também ser identificada como uma nova fase poética de sua trajetória.

Viajando mais profundamente no passeio pelas águas de Thiago de Mello, saímos da cidade de Barreirinha, na qual o poeta construiu duas de suas três casas que são patrimônio cultural e etnográfico da cidade. Partimos para as águas barrentas e turbulentas do rio Andirá, onde se encontra a última das casas que lhe pertence. Ela foi construída às margens desse afluente do rio Amazonas, escolhido pelo poeta para

se isolar em seu retorno do exílio. Este foi o último local onde morou no interior da Amazônia, seu lugar de inspiração,

As águas negras de todas as cores do rio Andirá, o rio do meu coração, que banha a Ponta da Gaivota, reino do silêncio sonoro, na comunidade da Freguesia, onde me fiz mestre-de-obras e me aconcheço, protegido por uma multidão de pássaros, desde que voltei do exílio, na casa que Lúcio Costa inventou pra mim. (MELLO, 2002, p. 25)

O eu lírico do poeta se deixa envolver pelo lugar às margens das águas do rio Andirá ao demonstrar suas conexões afetivas com o espaço natural. Nesse ambiente, o poeta se assentou e construiu sua casa, projetada pelo arquiteto Lúcio Costa¹², que lhe deu a planta de presente em seu retorno do exílio.



Figura 2: A casa de praia de Thiago de Mello às margens do Rio Andirá
Fonte: Wesley Dias Cerdeira, 2019.

Ao analisar o relato do poeta e a figura 2, vemos a ligação com o lugar e o espaço. Para Tuan (1983, p. 3), “o lugar vem ser esta segurança e o espaço a liberdade [...]. O que é o lar? É a velha casa, o velho bairro, a velha cidade ou a pátria.” Em Thiago de Mello encontramos todos estes elementos do apego a esta localidade do Município de Barreirinha e suas águas. O seu lugar é o território do rio Andirá, sua casa às margens do rio é o seu lar e o espaço de liberdade é a Amazônia.

Na sua linguagem poética, percebemos por vezes a casa como ponto central de sua vida no apego simbólico e desenvolve envoltos modos de habitação do mundo. Em Bachelard (1978), a simbologia da casa é o vínculo universal com o mundo, pois é a

¹² Arquiteto, urbanista e professor, apresentado a Thiago de Mello por Carlos Drummond de Andrade e quem lhe deu de presente a planta de construção da casa às margens do rio Andirá.

partir da casa que o poeta escreve, reflete, devaneia, sonha e habita o lugar. De acordo com este autor,

a casa abriga o devaneio, a casa protege o sonhador, a casa nos permite sonhar em paz. Somente os pensamentos e as experiências sancionam os valores humanos. Ao devaneio pertencem os valores que marcam o homem em sua profundidade. O devaneio tem mesmo um privilégio de autovalorização. Ele desfruta diretamente seu ser. (IBIDEM, p. 201).

O poeta se protege no coração da floresta não apenas pela multidão de pássaros, pela floresta, pelo rio e o distanciamento dos grandes centros, mas pela casa, o centro vital de sua existência neste canto do mundo. Nisso se constituem valores humanos no espaço habitado que protege, alimenta, cuida e o faz pertencente a algo, à pátria da água, seu lar onde escolheu construir sua casa, útero de seu mundo. Por certo, na casa o poeta devaneia e constitui a noção de pátria.

A casa é o que o integra às relações do devaneio com o mundo numa eterna ligação com o passado, presente e futuro. Bachelard (1978, p. 201), considera que a “casa na vida do homem, afasta contingências, multiplica seus conselhos de continuidade. Sem ela, o homem seria um ser disperso.” A casa que nos mantém nas vicissitudes da vida, nos dando corpo, alma e pertencimento, pois depois do útero materno, ela é nossa primeira morada no mundo.

É oportuno ressaltar não uma profunda análise na perspectiva da casa, mas seu papel e importância nas reflexões poéticas frutos do devaneio. Um devaneio de práxis poéticas é o que constitui os valores ambientais locais que marcam as relações homem e natureza/ natureza e cultura. Eis a base fundamental da leitura ecocrítica na focalização do lugar, enquanto catalizador de valores, princípios, modos e modelos de representações ambientais. Pela perspectiva do sensível, apoiado pelas poéticas bachelardianas, buscamos não uma leitura rasa do lugar, mas uma análise profunda nas relações de intimidade com a Terra.

No que diz respeito ao olhar mais conceitual geral do poeta, identificamos traços e resquícios de uma natureza amazônica construída nos moldes do sublime e louvor. O orientalismo em Said (1990), nos leva a esta problemática de uma natureza inventada na exterioridade ao Ocidente. Trata-se de distinções ontológicas e epistemológicas que predominaram e predominam herdadas do imaginário Ocidental europeu para dominar, reestruturar e ter autoridade. A presença de elementos e modelos representacionais do exótico e maravilhoso nos leva a problematizar e questionar o sentido de natureza que se apresenta.

Para Pinto (1999), isso é um tipo de exotismo que determinadas regiões e grupos humanos recorrem para tratar de suas questões culturais em padrões usuais da civilização ocidental moderna. Como veremos mais à frente, isso dissemina ideias que sustentam a visão do exótico, do primitivo e selvagem, no qual “a exotização é via de mão dupla e que em determinadas situações funciona como principal elemento de reconfiguração cultural.” (PINTO, 1999, p. 48). A literatura de Thiago de Mello, embora em outra contextualidade social, em reconfigurações da ideia de natureza, traz em seu discurso poético tais ambivalências.

A Amazônia sempre foi imaginada num ideário utópico de discursos desde as primeiras literaturas de informação, no entanto se faz necessário investigar a natureza destas utopias. O ideário ocidental impôs seus modos de entendimento da natureza como instrumento a serviço humano. Os “discursos sobre a Amazônia apresentam, frente aos demais discursos da América Latina, a especificidade fluvial...” (PIZARRO, 2012, p. 18). As vozes do rio desde as crônicas de viagem às vozes pluralistas do século XX deram os contornos do imaginário na Amazônia. Vejamos:

Iniciado há quatro séculos, o seu descobrimento ainda não terminou. Porventura não termine nunca. E, no entanto, pelo que já se conhece da vida na Amazônia, desde que o homem a habita, ergue-se das funduras de suas águas e escorre dos altos centros de sua selva um terrível temor: o de que essa vida esteja, devagarinho, tomando o rumo do fim. (MELLO, 2002, p. 16)

O poeta ressalta o nascimento da Pátria da Água e embora divague sobre uma preocupação com a natureza, trata a Amazônia como uma terra descoberta, desviando o foco da invasão e saqueamento colonial. Em seguida, ao abordar o homem, se refere ao homem branco europeu habitando o mundo natural amazônico e a ameaça que isto representa. No entanto, desconsidera os povos originários como homens que também habitam a Amazônia. Aqui encontramos encoberta a ideia do homem primitivo e seus modos de vida que não são considerados de habitação na oposição de visões Ocidente/Oriente. As visões de mundo do espaço amazônico coloniais, estas que são percepções das margens do rio do período colonial estão conectadas a este olhar ocidental dominante. Sússekind (1990, p.13), ao abordar ilhas misteriosas discute essa questão do descobrimento do seguinte modo

No caso de terras recém-descobertas, lugares ainda sem nome, o sujeito, ‘eterno Adão’, de fato não pertence a elas, mas caberia a ele dar nome ao que vê, dar partida para a inscrição de tais locais do ‘mundo dos brancos’, dos mapas, do tempo histórico. Sua chegada marcaria a origem dessas ilhas aos olhos do Ocidente e sua mudança

de um estado de ‘pura natureza’ para uma corrida em direção ao que este viajante entendesse por civilização...

Ocasionalmente, este olhar ocidental do eterno Adão que dá nome a todas as coisas confere diferentes concepções às representações geográficas que pertencem ao visitante. De acordo com Pinto (1999, p.47), esta visão do descobrimento que marca a origem da Amazônia se põe em “sistemas de representação imaginados e produzidos para demarcar as diferenças e oposições entre primitivo e civilizado, centro e periferia, rústico e high-tech.” O poeta retrata a fundação da Pátria da Água com a chegada do homem europeu e seu olhar ocidental na construção cultural da natureza.

Desse modo, o poeta aborda a origem da Amazônia demonstrando a importância da cultura indígena para este território. Em Silva (1996), vemos a cultura amazônica formada singularmente como indígena, portuguesa, cabana e brasileira, uma abordagem crítica que amplia a discussão, reconhecendo os povos indígenas e brasileiros na formação social da Amazônia, buscando dar visibilidade às diversas comunidades de vida humana que desenvolveram relações singulares e únicas com a natureza. Essas relações ontológicas de equilíbrio natural desenvolvidas por estes povos, coloca-os no centro das ações humanas, diferente do Ocidente que rejeitou a natureza.

A crítica de Maffesoli (2001) ao abordar o imaginário e o seu papel na construção da realidade, é justamente esta de que as pessoas compreendem e observam a realidade não em suas diferentes formas de interpretação da natureza, mas conforme os modos como o Ocidente entende a natureza que estão presentes no imaginário socioambiental amazônico. Portanto, a natureza Amazônica não se constrói com a chegada do colonizador, mas existe para si mesma e por si mesma, embora encoberta.

As representações sociais da natureza nos ajudam a compreender as falhas epistemológicas que prejudicam as relações humanas no mundo natural. A ideia de natureza como exterior ao humano implicou em nossas relações com a natureza. Latour (2018) critica a divisão de humanos políticos, de um lado, e não humanos apolíticos de outro, afinal ambos fazem parte de um mesmo mundo coletivo.

O objeto fundamental da análise ecocrítica é a relação do humano e não humano. Compreende que natureza e sociedade separadas em duas ontologias não são mais termos explicativos, pois necessitam de uma explicação conjunta e simétrica entre humanos e não humanos. A poesia de Thiago de Mello, trilha na ecologia utópica e solidária esta comunhão entre natureza e sociedade a ser alcançada, mas se prende à

concepção da natureza inventada. Portanto, a Amazônia não começa nas impressões exteriores do homem ocidental, pois ela sempre existiu, existe e resiste às ações nocivas da sociedade. A natureza existe independentemente do ser humano pois este está na natureza e faz parte da natureza – não está na exterioridade dela – mas dentro.

Abordadas as concepções que influenciam a ótica poética de Thiago de Mello, entendemos a floresta amazônica como inspiração para o poeta. Este processo de inspiração se encontra nas relações ontológicas e íntimas com o lugar, entrelaçadas ao olhar mais conceitual da Amazônia coletadas no imaginário. Portanto, traçamos um questionamento ao que Gondim (2007) denomina de uma invenção da Amazônia.

A poesia de Thiago de Mello se configure dentro do contexto de 1951 a 1960, mas conseguimos abranger em suas concepções heranças estéticas que o poeta empresta para compor em específico a obra *Amazonas, pátria da água* (2002). Estes empréstimos se fazem ideia dominante de Amazônia formada desde os decantadores do século XVI que pensaram este território pelo Ocidente e para o Ocidente.

É importante para a Ecocrítica, principalmente na leitura de uma Amazônia que é mal compreendida pelo mundo, combater ideias pré-concebidas. Cohen (2004), afirma a importância da ecocrítica em combater estas posições. O primeiro é de que a cultura pode ser um refúgio da natureza; o segundo de que a natureza é apenas uma construção cultural. A tais posições a ecocrítica se faz relutar por esta ser a origem da problemática ambiental da Amazônia e do planeta. Leff (2006, p. 15) nos lembra que

A problemática ambiental emerge como uma *crise de civilização*: da cultura ocidental; da racionalidade da modernidade; da economia do mundo globalizado. Não é uma catástrofe ecológica nem um simples desequilíbrio da economia. É a própria desarticulação do mundo ao qual conduz a coisificação do ser e a superexploração da natureza.

Se faz necessário, por assim dizer, construirmos uma leitura acompanhada de uma revisão dos rastros ocidentais de compreensão racional que retratam a região do ponto de vista caricato, promovendo a invisibilização de sua gente, desertificada e exotizada, para elevar o primado da natureza sobre a história (TORRES, 2005). É preciso examinar a natureza amazônica por novos conceitos e visões dentro de uma desterritorialização na dialogação da literatura com as demais ciências, como resposta à crise ambiental.

O conceito da desterritorialização nos permite perceber a ajuda da Ecocrítica na desconstrução do velho paradigma forjado pelo Ocidente, construindo uma visão nova de um território já existente. Com base numa epistemologia ambiental pela perspectiva

da ecologia profunda, obstina-se reterritorializar a Amazônia em novas ideias, conceitos, visões e representações por meio do pensamento simbólico. Para elucidar a desterritorialização como um movimento do pensamento que reterritorializa, Deleuze e Guattari (1992, p. 131), chamam a atenção para o fato de que

A desterritorialização absoluta não existe sem reterritorialização. A filosofia se reterritorializa sobre o conceito. O conceito não é objeto, mas território. Não há objeto, mas um território. Precisamente por isso, ele tem uma forma passada, presente e talvez por vir...

As disciplinas como a sociologia, geografia, filosofia e outras ciências junto com as artes fazem movimentos que nos ajudam a desvelar todo um campo de representações, conceitos e noções que são tomados como territórios. Dentro do campo simbólico do imaginário, a Amazônia se desterritorializa pelo pensamento com a poesia, traçando outros olhares da natureza para a natureza.

É nesta compreensão que Loureiro (2015) discorre sobre uma outra Amazônia dos povos tradicionais indígenas e não indígenas em suas criações na relação com o chão, a fauna, flora e as águas. Um universo imaginário de corpo, espírito e alma no que ele denomina de culturas míticas originárias. Este autor evidencia essa Amazônia na oposição à alegórica, fantasiosa e do olhar do outro, ressaltando a importância desse complexo território para o desenvolvimento de uma consciência mais ecológica.

Para compreender Thiago de Mello dentro deste contexto amazônico, se faz pertinente compreender sua trajetória. Como intelectual frequentou os grandes centros literários do país na segunda metade do século XX. Nesse meio tempo caminhou ao lado de escritores estrangeiros como Pablo Neruda e brasileiros como Manoel Bandeira e Carlos Drummond de Andrade. Já o reconhecimento como poeta e intelectual da Amazônia ganhou força principalmente no retorno do exílio com o fim da ditadura militar brasileira. No retorno a cidade de seu nascimento, o poeta assume uma postura intelectual mais engajada nos temas amazônicos. A obra *Amazonas, pátria da água* (2002) é um marco de sua militância por meio da literatura em defesa do meio ambiente. Em vista disso, podemos dizer que Thiago de Mello assume vertentes intelectuais como expressividade amazonense dos grandes centros literários nacionais, do exílio e do meio ambiente.

Ao abordar o papel do intelectual, Said (2005, p. 96), deixa claro o fato de “o problema fundamental é como reconciliar nossa própria identidade e as realidades de nossa própria cultura, sociedade e história com outras identidades, culturas e povos.”

O encontrar de Thiago de Mello, intelectual da Amazônia, com as outras culturas do mundo se dá nas preocupações ambientais com o meio ambiente.

No fim dos anos de 1970 e início dos anos 1980, na novidade dos debates ecológicos para o clima e o desmatamento, o poeta se posiciona pela preservação da Amazônia e o papel desta no equilíbrio ecológico do planeta. Dessa maneira, já consagrado como expressão poética da literatura brasileira, evidencia a problemática ambiental amazônica nos grandes centros políticos, sociais, culturais e intelectuais. Neste contexto ele se coloca não apenas como interprete, mas defensor das causas ambientais. Dessa maneira, no alto de sua maturidade, num contexto globalizado entrópico de destruição da natureza, o poeta intelectual e defensor do meio ambiente se forja. Como assinala Bakhtin (1997), o autor ocupa uma posição responsável no acontecimento do existir, opera com elementos desse acontecimento e por isso a sua obra é também um momento desse acontecimento.

As relações existentes com o este lugar são não apenas a representação da natureza amazônica, mas um registro simbólico e particular do lugar. A partir de uma topofilia de representações, vimos que o lugar é um cerne de valores fundamentais para a construção de sua obra. Para Candido (0000, p. 00), “toda obra literária é antes de mais nada uma espécie de objeto construído; e é grande o poder humanizador desta construção, enquanto construção.” A esta construção que garantirá a manutenção da vida e a vivencia cum de todos os seres em igualde caminha a utopia do poeta.

Desse modo, a preocupação com a natureza está entrelaçada e dentro dos valores ecológicos que o poeta desenvolve com o lugar, Vejamos

Vem ver comigo o rio e as suas leis.
Vem aprender a ciência dos rebojos,
vem escutar os cânticos noturnos
no mágico silêncio do igapó
coberto por estrelas de esmeralda. (MELLO, 2002, p. 28)

Nestes versos o poeta faz um convite ao leitor para a compreensão dos saberes da floresta, mas muito além disso, para a experiência da topofilia que “é o elo afetivo entre a pessoa e o lugar ou ambiente físico” (TUAN, 2015, p. 5). Este olhar próximo e íntimo ao meio ambiente de floresta e meio ambiente de beira rio mostra aprendizagens ancestrais que nos ajudam a compreender as atitudes humanas com o meio ambiente.

Cada povo e cultura tem sua maneira de agir e entender o meio ambiente. O olhar da fenomenologia nos ajuda a compreender seus modos de habitação que refletem no tratamento à natureza. Para Garrard (2006, p. 154), “habitar não é um estado

transitório; ao contrário, implica a imbricação a longo prazo dos seres humanos numa paisagem de memória, ancestralidade e morte, de ritual, vida e trabalho.” No poema, Thiago de Mello apresenta o espaço geográfico envolvendo-a na sabedoria das águas, do cântico dos pássaros e as lições da noite estrelada.

Através da poesia compreendemos estes mundos de experiências humanas em que se constrói a realidade pela percepção abstrata do espaço que “constitui-se como uma mega-entidade organizada por campos de formas antagônicas, polares, mas complementares organizadas.” (CARVALHO, 1999, p. 130). Desse modo, a floresta se faz de inspiração para o poeta que a concebe dentro de um universo de representações num tecer de uma eco poética no coração da floresta amazônica.

Estas reflexões poéticas transcendem a poesia dentro de uma biótica de interpretações do meio ambiente. A importância desses posicionamentos é evidenciar novas racionalidades para uma consciência mais ecológica, dar uma resposta à crise ambiental e questionar a racionalidade ocidental econômica. Ao fazer uma leitura ecocrítica pelas vias do imaginário, compreendemos as implicações diretas na realidade da natureza e dos povos. É perceptível em Cohen (2004) que há uma crise ecológica global real e que os estudos em Ecocrítica propuseram enfrentá-la usando as habilidades que os estudos literários possuem.

Quando a ecologia profunda, em Capra (1996), pergunta às ciências o que elas têm feito para uma mudança de paradigma perante a natureza, a Ecocrítica se faz de resposta para os estudos literários. Dentro de um diálogo interdisciplinar de saberes busca um redirecionamento da consciência humana para o eco dentro de um bem viver da vida humana e não humana independente da utilidade da natureza para os humanos.

Repensar as relações do homem com a natureza na poesia de Thiago de Mello é evidenciar os modos de representação ambiental antinatureza que depreciam a compreensão da natureza num cenário de degradação ambiental. É como evidenciar as questões positivas dos valores ambientais de uma relação mais próxima com o meio ambiente nas relações amazônicas originárias.

Entramos em concordância com Morin (2008) na compreensão das relações ecológicas dos povos da Amazônia que trazem no amago de suas vidas, a relação solidária com a natureza. Para Morin (2008, p. 9), “o princípio ético da solidariedade – guarda o imenso desafio contemporâneo de assegurar a sustentabilidade da humanidade no planeta, no interior de uma crise de civilização de múltiplas

dimensões.” Em Thiago de Mello, o louvor e a utopia ecológica se guia uma ética de solidariedade e reponsabilidade como resposta social aos paradigmas ecológicos.

A crise de civilização que é a crise ecológica, são as dimensões que vão da crise do meio ambiente físico à crise de percepção do pensamento racionalista moderna. A crise ecológica global é também uma crise do conhecimento que tem degradado o meio ambiente e necessita de uma mudança paradigmática emergente. A crise ecológica global na Amazônia é real e as dimensões dessa crise ecológica podem ser percebidas do local para o global.

1.3 As questões imaginárias da Amazônia e a globalização

Precisamos enfim de poetas, de muitos poetas na Amazônia, que eternizem no verso os anseios os sentimentos do povo [...] poetas da Amazônia, deveis multiplicar-vos!”

(Djalma Batista)

A globalização se constitui numa teia comunicacional complexa. Esta teia se ramifica entre a cultura, a economia, a política, o social, o tecnológico, o intelectual, a ecologia, a identidade, a comunidade, em torno de uma interdependência planetária. Essa complexa rede social se inicia na modernidade do século XVI, a qual Morin (2003) concebe como a *era planetária*. Ao se descobrir os outros cantos da Terra através das navegações, inicia-se esta planetariedade, que é não só de descobertas, mas o início de uma rede comunicacional com as diferentes partes do planeta.

Por meio de violência e destruição, inicia-se a ocidentalização das américas e da África com a implantação ocidental europeia e suas concepções. Esse domínio se deu de forma matéria, bem como através das ideias que desde a colonização deram os contornos de concepções em matrizes estéticas que serviram à construção da visão ocidental. As literaturas de informação do século XVI iniciaram esta tradição.

Com o passar dos séculos essas teias comunicacionais se tornam cada vez mais interdependentes e fizeram surgir outras concepções dentro de universalismos. Em

nossa história recente, no século XX, em 1945, a bomba em Hiroshima expôs o temor das nações do mundo com a ameaça nuclear global que era capaz de dizimar o planeta terra por várias vezes. Já na década de 1970 a poluição, industrialização e aceleração da degradação da natureza, os gases tóxicos na atmosfera, ascendem o alerta ecológico para a ameaça à vida na Terra. Tal problemática levou à formação de uma consciência ecológica global.

A teoria Ecocrítica surge no incremento da consciência ecológica a partir da década de 1970. A famosa Conferência de Estocolmo de 1972, que buscava sensibilizar os líderes mundiais sobre a magnitude dos problemas ambientais consagra o dia da Terra em 22 de abril, bem como a tomada de consciência ambiental nos níveis locais e globais. Esse acontecimento desencadeou uma série de movimentos intelectuais, sociais, ecologistas e ambientalistas que buscaram e buscam reavaliar o tratamento que o homem tem dado à natureza. A Ecocrítica como um novo campo dos estudos literários dentro destas perspectivas assume uma postura de leitura centralizada na Terra.

Os estudos de Johnson (2009), baseados em alguns ecocríticos, datam o nascimento da palavra *ecocriticism* para William Rueckert em 1978. A ecocrítica implica na aplicação da ecologia e conceitos ecológicos ao estudo da literatura. Embora já houvesse múltiplos estudos da literatura envolvendo o meio ambiente, a reunião destes trabalhos numa perspectiva mais crítica dentro da literatura abre novos olhares ao meio ambiente.

Neste contexto, com a evidenciação dos problemas ambientais em nível continental, a degradação acelerada da natureza se torna a nova ameaça global à vida na biosfera. Essa consciência ecológica global se dissemina através das redes de informação como o rádio, a televisão e celulares com a internet e torna a humanidade mais consciente e presente no cenário entrópico de destruição ambiental.

Essa consciência ecológica planetária aloja-se no imaginário social e nos saberes globais e locais com suas conexões dentro de um devir da cultura. O devir se dá nos aspectos da destruição do meio ambiente e a ameaça à vida em contato com as artes, as manifestações artísticas, a literatura, a pintura, o teatro, arquitetura, dança e cinema, dentro de uma homogeneização. É nessa aproximação entre o ser humano com a natureza dentro das manifestações culturais se faz a análise ecocrítica.

Para adentrar a abordagem do imaginário e a globalização se faz necessário entender antes dois pontos contraditórios que exemplificam essa preocupação recente

da ecocrítica com a globalização e a importância de explorá-las. O primeiro deles se dá pelo fato desta crítica focalizar os estudos literários baseados no ambientalismo de hoje que, enquanto movimento social, político e filosófico, têm como principal alvo de críticas a globalização. O segundo está na dinamização da consciência ecológica, a partir da globalização, que é uma das principais questões centralizadoras do tempo contemporâneo. Além disso, deve-se colocar em cheque a modernidade que fez do homem ser superior para dominar, explorar e denegrir a natureza a partir de seus interesses.

Os principais problemas de nossa época não podem mais ser entendidos de uma maneira isolada, mas interligados e interdependências (CAPRA, 1990). A partir do momento que se tem a compreensão de que os recursos da natureza não são infinitos e que a degradação dela é ocasionada pela ação capitalista e globalizada, surge uma crítica radical com relação ao tratamento que o homem tem dado à natureza, pois isso afeta o meio ambiente, as populações e as comunidades locais que sofrem das violências étnicas e culturais. Para Santos (2006, p. 16):

A globalização é constituída pela hierarquia entre o global e o local. No entanto, ao contrário do universalismo, a globalização é um processo de translocalização concreto, protagonizado por forças econômicas, políticas e culturais concretas. É um processo contraditório onde se confrontam o capitalismo global e os grupos sociais que lhe resistem, as lógicas homogeneizadas e as diferenciadoras, a americanização da cultura popular e as culturas locais vernáculas, a globalização hegemônica e a contra-hegemônica.

A globalização hierarquiza o centro e a periferia, invisibiliza essas comunidades dominadas por ideias contraditórias de diversidade, pluralidade e globalização. Na Amazônia, essa hierarquização é dominada por ideias como paraíso tropical, uma terra sem história, o pulmão do mundo, o que de certa forma despolitiza o discurso da preservação ambiental. As florestas, como esclarece Souza (2009), tanto temperadas quanto tropicais absorve o carbono da atmosfera, responsável pelo aquecimento global. São múltiplas ideias e imagens que se formam sobre a região no contexto da globalização com características temporais e espaciais sobre a natureza, os povos tradicionais e os modos de exploração da Amazônia.

Em outras palavras, a globalização vem sendo discutida entre o local e o global, influenciando e transformando as identidades. Para Hall (2006, p. 77), “a globalização (na forma de especialização flexível e da estratégia de criação de ‘nichos’ de mercado), na verdade explora a diferenciação do local.” Mas ao mesmo tempo nas manifestações

culturais e artísticas como a literatura podemos observar diversos olhares que partem do lugar em escritores e poetas que pensam o mundo partindo, não da lógica do global, mas do local para o global, formando novas identidades, tanto globais, como locais a partir de uma consciência ecológica. Além do poeta Thiago de Mello, outros poetas da Amazônia como Emerson Maia expressam esta aproximação da arte com a consciência ecológica. Vejamos os versos de Emerson Maia na toada *Lamento de Raça*:

O índio chorou, o branco chorou
Todo mundo está chorando
A Amazônia está queimando
Ai, ai, que dor
Ai, ai, que horror
O meu pé de sapopema
Minha infância virou lenha

Nestes versos encontramos o fenômeno da consciência ecológica no lamento pelas queimas e destruição da Amazônia. A ramificação desta consciência na poesia de Emerson Maia se faz presente nas manifestações mais recentes na cultura e demonstra a mudança de consciência para uma consciência mais ecológica e preocupada com o meio ambiente. Nesses casos, desenvolvem-se poéticas ecológicas em interconexões com a ecologia e o discurso ambientalista na poesia direcionando nossa atenção para os assuntos emergentes como as queimadas.

Este fenômeno para González (2010, p. 98), está associado à “la aparición de la conciencia ecológica como el signo más característico de los nuevos tempos: la gran novedad histórica de este fin de siglo – afirma – es la aparición de la conciencia ecológica”. Após o alerta ecológico dos anos de 1970 se dá o aumento das degradações ecológicas locais, principalmente na Amazônia que resultou em grandes conferências como a Eco-92. Com efeito, surgem tanto nos meios culturais quanto nos grandes veículos de comunicação, discursos em defesa da natureza, contra a poluição, desmatamento, aquecimento global, fauna, flora, os buracos na camada de ozônio. Quanto a isso, tanto a literatura como outras manifestações culturais não estão alheias em seu enfoque ativista ambiental. Do ponto de vista de Silva (2000, p. 259),

Os problemas que a Amazônia carrega, produz e introjeta não são exclusivos das dinâmicas de seus lugares, são manifestações de formas múltiplas de o mundo invadir as aldeias, os povoados, vilas, cidades, sobrepondo-lhes espaços novos [...]; a organização local fundamenta a escala da socialização onde são filtradas as manifestações de resistência e de aceitação dessas mudanças.

Os estudos culturais devem estar preparados para abordar estas diferentes relações em suas localidades e discutir estes problemas em caráter mais amplo. A

ecocrítica busca compreender estas visões advindas dessas mudanças com o intuito de trazer um retrato do presente, do agora, e ajudar a posicionar o homem neste processo em sua responsabilidade perante a problemática ecológica em um diálogo da literatura para a ciência. Esse diálogo cumpre a tarefa de ampliar e aumentar a consciência humana para os problemas ambientais começando por eles.

Embora Buell tenha sido um dos primeiros a considerar a globalização como uma questão que necessite de maior atenção dos ecocríticos é, pois, no âmbito das discussões de Terry Gifford (2009) e Greg Garrard (2006), que essa discussão aparece com maior profundidade. Esses autores tomam o ambientalismo moderno em suas críticas ao sistema capitalista global, apontando aparatos concretos e realistas voltados para a ecologia e proteção socioambiental.

Na era das tecnologias da informação, as imagens virtuais se tornaram uma constante na vida do homem contemporâneo, principalmente com a dinamização dos problemas ambientais de maneira global. E se dinamizou de tal forma que nessa constituição de imaginário global, desenvolveu-se também uma consciência ecológica mais ampla. Embora a consciência ecológica e a preocupação com o meio ambiente já se mostrassem presentes na filosofia, cultura e política, foi o crescimento e avanço das tecnologias que possibilitaram a explosão e dinamização dos problemas ambientais, mostrando ao mundo uma crise ecológica planetária. As discussões ambientais globais em debates, conferências e encontros internacionais com relação ao aquecimento global e suas consequências, e a centralização do mundo para a preservação da floresta Amazônica, intensificaram a constituição desse imaginário global.

As imagens com relação aos buracos na camada de ozônio, o derretimento das geleiras, as toneladas de lixo nas encostas dos oceanos e a poluição do ar pelas indústrias adentram a vida das pessoas que cresceram vendo pela televisão, computadores, celulares e tablets, esses cenários apocalípticos do meio ambiente. Tal fato influenciou diretamente o imaginário social de múltiplas culturas e a poluição passou a fazer parte das representações imaginárias nas artes em geral. Trata-se, conforme Maffesoli (1998), de um inconsciente social que se faz presente no imaginário individual, mas é no imaginário social que se estrutura através do contágio que é a aceitação do modelo do outro na disseminação e imitação.

A consciência ecológica dentro de uma visão universalista é algo inconsciente no imaginário que ocorre por meio da dinamização da globalização pelos aparelhos midiáticos e que toma novas formas no âmbito regional. Em Carvalho (1999, p. 125),

vemos a importância de uma racionalidade mais aberta e ampla “para que se torne possível resgatar um modelo mais global para o entendimento sábio que dê conta dos conteúdos empíricos da natureza humana e das diferenças intemperes sobre os indivíduos e a história.” Igualmente o homem racional deve ser substituído pelo *homo symbolicus* criador da representação imaginada voltado para toda a atividade e experiência humana.

Para uma compreensão mais próxima das questões que engendram a crise ambiental, é necessária a busca de um novo sistema que configure e aborde os domínios do imaginário, a partir do lugar e para o lugar. Esse processo dentro da cultura se dá através do imaginário nas influências partidas de um imaginário coletivo que influenciam diretamente o imaginário social de vários povos e essas imagens passam a ser constituintes de seu imaginário cultural. Então, por mais que se tenha uma imagem sobre poluição, ela sempre será representada de forma diferente, pois como sugere Trindade e Laplantine (1997) serão atribuídos significados diferentes.

A poluição é um exemplo dessa representação que, de acordo com Garrard (2006), muda de significado e ganha uma nova representação. De origem do latim *polluere*, significa “corromper”, teve origem teológica e moral na língua inglesa utilizada no século XVII para expressar a contaminação moral ou atos de impureza da alma como a masturbação. Essa definição muda na modernidade com Francis Bacon, segundo o qual trata-se de um fenômeno material e externo: “O sol [...] passa pelas poluições e mantém a si mesmo puro como antes” (GARRARD, 2006).

Essa nova definição do termo poluição traz uma mudança crucial na medida em que influenciou diferentes culturas e formas de pensar, se fazendo presente até hoje no inconsciente coletivo. Afinal não é preciso ter qualquer tipo de formação ou nível de ensino superior para entender o sentido de poluição, tornando-se um conceito universal, mas que nas características próprias do lugar ganham novas formas e tipos de representação. Essa focalização nas representações do lugar são apontadas tanto por Gifford (2009), quanto Cohen (2004), que mostram a importância de se focalizar no lugar e região pela dialética local-global sinalizando a atenção para o senso de lugar em termos multiescalares que transcendem o lugar. Deve-se incluir também neste debate uma crítica aos modelos estéticos dominantes que apresentam a natureza de forma sensacionalista e exótica que encobrem o lugar.

Esses modelos estéticos dominantes são para Carvalho (1999), formas anti-imaginais, que pelas telas do cinema, televisão, fotografia e da própria literatura se

utilizam de representações generalizadas e positivistas que limitam o imaginário. Deve-se pensar formas imaginais fora de termos formais, deterministas e causais através “de epifanias de imagens convocadas à consciência poética, o termo aqui é entendido como o domínio do instaurativo dos valores abertos, arquetipicamente exprimidos” (CARVALHO, 1999, p. 126). É nesse olhar atento com o lugar em uma nova epistemologia ambiental, com os elementos universalistas como ambientes, rios, florestas, pobreza, impactos do capital, poluição do meio ambiente é que se constrói o pensamento global e universalista.

A ecocrítica, como esclarece Cohen (2004), estuda a relação do homem com o seu espaço e como esta relação se dá na cultura voltada para as preocupações centradas na Terra. As teorias em torno da literatura sempre se preocuparam com a relação do homem com o seu espaço e como esse espaço é retratado na literatura, no entanto, se faz necessário problematizar a natureza de tais retratações.

Para isso, precisamos compreender como esta dialética da produção literária se dá no lugar e como estas representações tem uma conexão com o global, onde está a consciência ecológica e encarar as ameaças locais em um diálogo maior. Uma das principais críticas, que a ecocrítica deve atentar-se, e como a natureza é construída em espaço e tempo. Nos poemas de Thiago de Mello, aparecem lampejos do seu imaginário local em reflexões profundas na relação com o espaço e lugar, ao mesmo tempo que expressa suas preocupações e impressões para com a degradação ambiental da Amazônia nos 80. É possível identificar na poesia de Thiago de Mello elementos que estão inteiramente ligados a uma problemática mais ampla e aberta, que pode ser compreendida através do global em características espaciais e temporais que, para Hall (2006, p. 68), “resultam na compreensão de distâncias e escalas temporais [...] a ter efeito sobre as identidades culturais, sendo isso uma transfiguração do seu imaginário para a ficção.

A principal característica está justamente no despertar desses escritores para com a natureza assumindo uma postura crítica em suas produções. Rigby (2000) explica que a ecocrítica vem lembrar da terra mostrando a obrigação que a cultura deve ter com a natureza reestabelecendo esta relação que está além do texto, mas em defesa da natureza. Essa inflexão cultural dos problemas ambientais para a cultura é um fenômeno que vem acontecendo na lírica de poetas como Thiago de Mello, Emerson Maia, Elson Farias e Astrid Cabral, advinda da consciência ecológica.

Nas década de 1960 e 1970, mais especificamente, o mundo volta seu olhar para a Amazônia, que, de acordo com Ab'Sáber (2004, p. 131), “foi apresentada ao mundo ocidental como uma região uniforme e monótona, pouco compartimentada e desprovida de diversidade fisiográfica e ecológica”. Era vista como um espaço sem gente e sem histórica cultural, mas era apenas uma região esquecida e marginalizada diante das demais, não apenas do Brasil, mas da América Latina.

Mas isso tem mudado, pois essa desconstrução tem acontecido não apenas através da cultura, mas principalmente com o grande impulso que a globalização pôs sobre esta região, que passa a ser, como afirma Pizarro (2012, p. 20), “uma área fundamental nas perspectivas futuras, não apenas na América Latina, mas da própria humanidade, uma vez que guarda a maior biodiversidade do planeta e os recursos minerais essenciais para o desenvolvimento energético.” No entanto, é um espaço que vem sendo mal explorado e sujeito a manipulações que afetam diretamente sua rica biodiversidade.

A ecocrítica tem um papel fundamental na cultura amazônica por justamente intermediar estes problemas ambientais de âmbito científico com a cultura. Proporcionar um olhar da produção literária na Amazônia e desconstruir visões equivocadas no imaginário, é algo necessário para ampliar o debate ecológico existente nesta região. Thiago de Mello é um destes poetas que vem produzindo uma literatura voltada para problemas e questões ecológicas dessa região. Enquanto intelectual, principalmente em uma região como a Amazônia, é fundamental mostrar as mazelas e a o descaso socioambiental. Para Said (2005, p. 99), “são os intelectuais com uma posição alternativa e mais íntegra, que lhes permite de fato, dizer a verdade ao poder”. Essa produção engajada é sensível à análise ecocrítica e vem sendo ampliada nos últimos anos pelos estudos literários brasileiros.

Podemos assim dizer, que a literatura de Thiago de Mello é um texto ambiental de perspectiva ecocrítica. Buell (1995) destaca quatro critérios para sabermos se um texto é ambiental. Em primeiro lugar é preciso perceber que o ambiente não humano não deve estar presente só como um dispositivo moldado apenas para idealizar algo. Em seguida, perceber que o interesse humano não deve ser o único legítimo. Terceiro, deve mostrar uma responsabilidade humana que parta de uma orientação ética, e por último, ter que possuir algum senso de ambiente como processo.

Os principais poemas de Thiago de Mello em que percebemos o texto ambiental estão na obra *Amazonas, Pátria da Água* (2002), que em poesia e prosa traz

uma abordagem poética voltada para a região Amazônica numa perspectiva socioambiental. O poeta, depois de voltar a sua Barreirinha no ano de 1978, começa a produzir uma literatura não apenas regional, mas preocupada também com questões sociais e ambientais da Amazônia. Nesse contexto da início dos anos 1980 as questões ambientais globais começavam a se dinamizar formando movimentos ecológicos que denunciavam a crise ambiental. Esses movimentos que se iniciaram nos anos 1960, segundo Carneiro (2003, p. 17), “compreenderam que a luta seria global e que teriam que entrar em ação”. Essas questões tomaram proporções sociais, econômicas, filosóficas, políticas e culturais centrando as preocupações na ação antrópica que agride o planeta, o que também preocupava o nosso poeta Thiago de Mello.

Um dos sujeitos ouvidos nesta pesquisa expressa a sua percepção sobre o poeta da seguinte forma:

Thiago sempre foi um amante da floresta, da Pátria amazônica. Ele é não só um amante da floresta, das nossas histórias, ele era sobretudo também um grande estudioso, sempre estudou muito a Amazônia para ter um conhecimento aprofundado fruto de pesquisa e estudo, e não apenas de senso comum. (Tiago Hakiy, entrevista, 2018)

A mudança de perspectiva poética de Thiago de Mello mostra com bastante clareza esse olhar ecológico sobre sua região, a floresta Amazônica e os problemas ambientais existentes. O imaginário, como percebem Trindade e Laplantine (1997, p. 25) “faz parte da representação como tradução mental de uma realidade exterior percebida”. Isto influencia na forma como o homem vê e interpreta seu espaço social, como construção e representação de uma realidade exterior. A ecocrítica, nesta esfera cultural, busca rastrear as ideias e as representações ambientalistas que tenham utilidade no debate ambiental.

A poesia ecocrítica é aquela que toca na problemática da Amazônia, nos embates sociais e ambientais deste continente das águas, incluindo a realidade social dos moradores desta região. Em sua lírica, Thiago de Mello nos lança um olhar crítico desta região apresentando o seu lugar. Vejamos:

Freguesia do Andirá,
amor que lanha o meu peito
Morada de gente triste,
desvalida e conformada
ao gosto insosso da vida. [...]
Haja peixe, o rio é bom,
só escasseia pela cheia.
Haja maniva na roça,
esperança de farinha,
o inverno chega e se acaba...

(MELLO, 2009, p. 284-285)

Esse poema mostra não apenas o espaço, mas os modos de vida dos povos tradicionais, a geografia e clima local dando voz a uma gente muito esquecida. Uma gente que tem uma conexão muito forte com a floresta e mais significativa com o rio. Este rio em suas condições geográficas interfere diretamente nas condições socioeconômicas, como também em seu imaginário, pois através do rio com seus ensinamentos e mistérios, o imaginar amazônico torna-se genuíno.

Batista (2007), aborda os rios como rodovias líquidas e a importância destas para o equilíbrio ecológico na vida dos povos tradicionais, que enlaçam suas vidas através dele. O imaginário poético se dá a partir da imagem evocativa desse rio que reproduz paisagens e, sobretudo, chamando atenção para as condições de vida dos povos tradicionais. É fato que os impactos econômicos e ambientais são sentidos fortemente por estas comunidades amazônicas. Alier (2007) chama a atenção para as tensões por recursos naturais geradoras de desigualdades, racismo ambiental, biopirataria em vários pontos do planeta. A Amazônia é um desses pontos e forma o que o autor conceitua como ecologismo dos pobres. De fato os pobres favorecem mais a preservação da natureza e as comunidades tradicionais, bem como os povos indígenas compõem esta ala geradora de personagens, como Thiago de Mello na luta por justiça sócia através da literatura

Sua poesia se desenvolve numa fusão entre ecologia e cultura a exercer tanto seu papel literário quanto crítico ambiental. Em sua lírica, posiciona a natureza como ponto central de seus interesses e evidencia o cuidado que se deve ter com a fauna, flora, os rios, retirando aprendizados que estão na vivência e no dia a dia do homem amazônico. Aqui temos o que, para Snow (1995, p. 20), são “os intelectuais da literatura, que por acaso, enquanto ninguém presta atenção” pelo lado da cultura evidenciam sua região. O poeta demonstra neste poema a relação do amazônico com o seu espaço numa relação de integração com a natureza, cujos princípios e valores condicionam a sua maneira de viver. O homem amazônico sobrevive da floresta, mas não a devasta, mantém um espírito de cumplicidade com a natureza em suas formas mais ínfimas e simples. Mas este equilíbrio tem estado em constante ameaça, conforme aponta Batista (2007).

A relação íntima e recíproca do homem com o rio é de ensinamentos e aprendizagens no sentido de que as águas ensinam ao homem o que deve fazer. É vista como um forte fenômeno da natureza e ao mesmo tempo de pureza. O tratamento de

pureza que o poeta dá à água em sua poesia parece constituir-se num princípio de valor ético, um caminho e um ideal. De acordo com Bachelard (1997, p. 3),

A matéria, aliás, se deixa valorizar em dois sentidos: no sentido do aprofundamento e no sentido do impulso. No sentido do aprofundamento, ela aparece como insondável, como um mistério. No sentido do impulso, surge como uma força inexaurível, como um milagre. Em ambos os casos, a meditação de / uma matéria educa uma imaginação aberta.

A água em seus poemas movimenta sensações e pulsões a qual junto com a floresta e os animais estão a mercê da ação humana. Os rios e suas águas, também são degradados, depredados, não é só a floresta, como mostra o nosso poeta, a saber:

Enfim te descobrimos. Foi preciso
que as águas mais azuis apodrecessem,
que os pássaros parassem de cantar,
que os peixes fabulares se extinguissem,
e tua pele verde fosse aberta
pelas garras de todas as ganancias. (MELLO, 2002, p. 33)

Observe-se que o poeta utiliza-se de uma visão pós-apocalíptica para tematizar os impactos ambientais em torno do desmatamento extrativista, do contrabando e da caça predatória dos animais, a poluição dos rios e, sobretudo, ao impacto que isso gera na vida dos povos tradicionais.

A crise ecológica é real e a escassez de recursos minerais no momento torna a Amazônia um local de grande atração para esta prática. Carneiro (2003) é crítico e incisivo quando diz que a crise ecológica advém do abuso sem medidas da natureza e um fenômeno que se dá em todo o mundo. Os incêndios florestais, poluições, acúmulos de lixo, extinção de espécies animais, dentre outros evidenciam o lastro da crise.

Na identificação dos elementos dos rios e das águas nas poesias e prosas de Thiago de Mello, observamos o entrelaçamento das problemáticas da Amazônia conexões com as problemáticas globais. São problemas ambientais e sociais oriundos de uma crise de pensamento, assim como do pensamento que hegemonicamente predominou sobre a região. A aparição destas questões dentro da poesia de Thiago de Mello se dão no que Guattari (1990) denomina de as três ecologias – a do meio ambiente, das relações sociais e a subjetividade humana em uma leitura mais ecológica de pensar e imaginar a Amazônia.

Por esta compreensão, entendemos o sentido ambiental proposto pelo poeta. O ambiente não humano da floresta e das águas não é apenas um dispositivo moldado, mas que interligam as forças criadoras de vida, existência e resistência nas incertezas. O interesse humano pela natureza não é o único legítimo, mas dos animais, plantas, as

águas e o vento que são irmãos compartilhando o mundo comum. Esta orientação ética se guia por um senso de responsabilidade humana presente numa utopia solidária e ecológica no contexto de um ambiente em processos constantes de mudanças e transformações. A ecologia desenvolvida pelo poeta trasborda a percepção do biológico constituindo também um universo místico das lendas e crenças exaltando a preservação da floresta.

Nos próximos capítulos daremos atenção à paisagem como agregadora destes elementos presentes na poesia de Thiago de Mello. Por meio da paisagem que parte de um ponto de vista específico e particular, identificaremos as ideias e representações mais significativas do poeta dentro da análise ecocrítica. Nesse sentido, a leitura da paisagem enquanto Tropo¹³ de análise de nossa leitura da obra *Amazonas pátria da água* de Thiago de Mello, nos servirá de apoio para compreendermos estes modos de representação e os traços estéticos escolhidos para compor o ambiente amazônico.

Os elementos dos rios e das águas são elementos de base constituintes de paisagens e nos apresentam um panorama mais claro das representações do poeta. Dessa maneira, nos voltamos para as principais preocupações nos modos de representação que necessitam de uma avaliação mais crítica, nas ideias e interpretações da biosfera e dos povos. A paisagem e suas mudanças nos modos de representação ao longo de tempo e espaço auxiliam nossa reflexão ética e estética.

¹³ Tropo ou metáforas estruturantes básicas, conceito adotado por Greg Garrard (2006), nos permite prestar atenção às particularidades temáticas, históricas e geográficas do discurso ambientalista a serviço de uma variedade de interesses potencialmente conflitantes.

CAPÍTULO II – REPRESENTAÇÕES POÉTICAS DA PAISAGEM

Todo o estado de alma é não só representável por uma paisagem, mas verdadeiramente por uma paisagem. Há em nós um espaço interior onde a matéria da nossa vida física se agita. Assim uma tristeza é um lago morto dentro de nós, uma alegria um dia de sol no nosso espírito. E – mesmo que se não queira admitir que todo o estado de espírito é uma paisagem – pode ao menos admitir-se que todo o estado de alma se pode representar por uma paisagem.

(Fernando Pessoa)

2.1 A perspectiva contemporânea da paisagem

Pela consciência interior, dentro de um estado de alma em junção aos sentidos do mundo exterior, constitui-se o duplo fenômeno de percepção da paisagem. Nas notas preliminares de Fernando Pessoa, em sua obra *Cancioneiro* (1990), o poeta desvela sobre a paisagem como uma convivência de frases que formam o mundo exterior no mundo ficcional num determinado momento de nossa percepção. Nessa compreensão, todo eu-lírico, em estado de alma e espírito é uma paisagem que se funde e interpenetra com o mundo exterior.

Uma representação da paisagem está na simultaneidade interior e exterior na interação múltipla de imagens. Essa compreensão contemporânea da paisagem nos leva a entendê-la, não apenas como um elemento de alegoria literária, mas como processo da relação entrópica entre o homem e a natureza. Ao refletir sobre a formação da paisagem pairamos tanto sobre as ideias de paisagem ao longo do tempo, assim como na relação ontológica e complexa, de constituição desta como fenômeno das relações primeiras entre o homem e seu espaço.

A fenomenologia ilumina este raciocínio por compreender o redespertar da paisagem na poesia do século XX na reaproximação do homem com a Terra. Tal raciocínio, paira no âmbito da literatura, das ciências humanas e sociais, e mais

precisamente na geografia. Os avanços nos estudos sobre a paisagem chamam a nossa atenção para o pensamento simbólico do lugar que ganhou espaço na cena estética literária do romantismo, por onde a poesia adota a descrição da paisagem como expressão de sensibilidade. A compreensão contemporânea de Collot (2015), abrange a paisagem como fruição lírica que reativa as sensações e afetos com a natureza.

A poesia se move e forma não apenas pela percepção, mas em sensações e emoções experimentadas na relação com o lugar. Nas relações primeiras, a poesia se forja sob a influência do mundo exterior com o interior em um estar no mundo (no lugar) pela escrita. Fica, pois, clara a nossa definição de lugar como catalizador de símbolos, valores, crenças e significados que tomam forma através da literatura. Trata-se da junção desses elementos que constituem imagens por meio de signos e esses signos em conjunto formam paisagens.

Chamamos a atenção para a paisagem enquanto elemento por muito tempo tratado de forma secundária, mas que tem muito mais a nos dizer para além de ser um elemento meramente descritivo e alegórico. Certamente, a paisagem “está mais ligada ao ponto de vista de um indivíduo, indivíduo a quem o horizonte, ao mesmo tempo, limita e abre para o invisível.” COLLOT, 2015, p. 18). Enquanto produto da experiência individual, sensorial e suscetível, a elaboração estética da paisagem é uma forma de expressividade. Embora seja espectral nos revela múltiplas ideias e intenções escondidas no horizonte quase invisível da paisagem.

Nesse horizonte quase invisível e exprimido, encontramos as diferentes abordagens da paisagem, na recuperação do vínculo afetivo com a natureza que desmembrado pelo pensamento moderno antropocêntrico. Esta abordagem levou à ruptura sensorial, simbólica e afetiva que unia o homem com a natureza ao objetivar o espaço e tratá-lo como objeto de interesses. Por certo, ainda identificamos outras abordagens mais profundas na busca de refúgio na experiência e na arte da paisagem em representações microcósmicas da natureza na reconexão afetiva e sensorial com a Terra (COLLOT, 2013).

A partir da segunda metade do século XX, no redescobrir da ciência e da arte para com o espaço e o lugar no mundo na relação homem e natureza como inseparáveis e indissociáveis, essas experiências ficaram mais visíveis. O incremento da consciência ecológica torna a paisagem um tropo importante dentro de uma leitura fenomenológica, contra o cientificismo antropocêntrico que marca a superioridade do homem sobre a natureza, pela busca de uma visão e consciência ecológica nas coisas

primeiras, do conhecimento que se forma antes da fala e da escrita em reflexões no vínculo com a natureza “como a geografia em relação à paisagem – primeiramente nós aprendemos o que é uma floresta, um prado ou um riacho.” (Merleau-Ponty, 1999, p. 4). As percepções da paisagem se alteraram ao longo do tempo e na Amazônia podemos perceber essas mudanças através do imaginário.

Embora a consciência ecológica tenha se desenvolvido a partir da década de 1960, a relação homem e natureza sempre foi uma questão a ocupar o pensamento sobre a Amazônia. A palavra ecologia, conforme Ingold (2018) é uma lógica inventada pelo Ocidente para explicar o que os povos tradicionais indígenas já trazem intrinsecamente em seus modos de vida, a preocupação e cuidado com os seres vivos e o meio ambiente. Tal lógica ambiental parte principalmente da maneira como nos relacionamos com os demais seres vivos.

Essa relação acompanhou as transformações da paisagem amazônica na contemporaneidade e diverge das manifestações literárias informativas do século XVI que deram os contornos no horizonte de uma paisagem tida para Gondim (1999) numa Amazônia desmontada e inventada para ser compreendida nos modelos estéticos ocidentais. Mas como sabemos, a natureza não é um objeto desmontado feito em partes. Nas palavras de Simmel (1996, p. 15):

“Um pedaço de natureza” é, na verdade, uma contradição em si; a natureza não tem pedaços; ela é a unidade de um todo, e se se lhe destaca um fragmento, este não será mais inteiramente natureza, porque não pode valer como tal no seio dessa unidade sem fronteira, como uma onda desse fluxo global a que chamamos natureza.

A refletirmos essa noção na paisagem, a observamos em toda sua contemplação que o olhar humano pode alcançar. A paisagem na Amazônia é a unidade de um todo que tenta comportar a natureza que a escapa pelas vias do horizonte, onde a percepção não mais alcança. Olhar uma paisagem é conectar o interior ao exterior em sua completude, onde tudo é natureza.

A paisagem amazônica construída e inventada não é a Amazônia real, mas uma ideia representativa do ponto de vista do europeu que é distante da natureza. As mudanças na constituição da paisagem amazônica se dão por ecofases. Longe de buscar uma análise linear e profunda, ressaltamos as ecofases da paisagem nos traços mais predominantes e dominadores que contornam as paisagens amazônicas. As primeiras fases aparecem nas literaturas dos viajantes, cronistas, românticos naturalistas e primeiros ficcionistas que deram os lampejos e traços iniciais na paisagem da

Amazônia. Todos, “a seu modo, tentaram representar o sublime daquela paisagem, em seu desmesuramento de real-maravilhoso que guarda a igualdade e os segredos do deslumbre e do horror.” (HARDMAN, 2009, p. 19). Essas literaturas deram os contornos de uma Amazônia do mundo natural em estado não contaminado pela civilização, distanciando o homem da natureza ao tratar a paisagem amazônica como selvagem e separada da cultura humana.

Trazer o lugar, a natureza e o espaço como separados e opostos ao homem transpassaram o tempo tanto na natureza, como nas definições étnicas, raciais e de gênero. Essa subjugação também ocorre na natureza. Nas percepções de um olhar contemporâneo vemos com clareza essa subjugação na paisagem. Por consequência, os elementos do real-maravilhoso, do sublime, do mundo natural intocado tornaram-se matéria artística nas construções culturais sobre a Amazônia.

Outras paisagens marcam mais incisivamente o afastamento e distanciamento da natureza amazônica a partir do exotismo. A literatura fantástica de ficção científica de Júlio Verne traz essa tradição do mundo selvagem em suas representações de uma natureza sublime e bela, entretanto apavorante e selvagem. Essas paisagens trazem os contornos do exótico, edenista e folclorizado. Para Gondim (1999, p. 12), esta percepção:

Originou-se pela relutância em aceitar o homem do novo mundo como um igual e a incompatibilidade instaurada entre o visto, o lido e o imaginado. Tornava-se extremamente difícil não acreditar na existência de animais gigantesco no seio daquela exuberância florestal e aquática.

A relutância se assenta na fronteira entre Ocidente e Oriente, pelo aval das religiões judaico-cristãs e da própria filosofia moderna como a de René Descartes ao fazer do homem ocidental senhor e possuidor da natureza. O mito do *Eterno Adão* essas percepções do homem como senhor serviram para dominar e dar nome à fauna, flora e às águas. A arrogância em determinar todas as coisas é capitada pela paisagem habitada pelos povos autóctones que detinham hábitos, costumes e habitações diferenciadas.

Os modos representativos da paisagem construíram dentro de uma visão reducionista uma compreensão mecanicista e fragmentada da natureza amazônica. A apreensão destas pelo romantismo enraizaram firmemente a visão mecanicista de natureza. O advento do capitalismo transformou as interpretações da natureza em mercadoria que vendesse, fosse visível e despertasse a curiosidade. Inegavelmente, a

paisagem na Amazônia se constitui no processo de ocidentalização e instrumentalização da natureza que estaria sujeita à vontade humana.

Os horizontes da paisagem vão se transmutando e as visões do edenismo intocado logo perpassam pelo infernal e violento. As ecofases, a partir do século XX, trazem novas perspectivas e buscas diferenciais de interpretação. No entanto, ainda apresentam paisagens fragmentadas em elementos com modelos estéticos dominantes que ainda jazem tanto na poesia, como na prosa.

Podemos ver as transformações na paisagem desde as representações da primeira metade século XX, de Euclides da Cunha, Alberto Rangel, Raul Bopp e Mário de Andrade – e perceber as mudanças na segunda metade em Márcio Souza, Milton Hatoum e Thiago de Mello, Vera do Val, Violeta Branca, Regina Melo e Astrid Cabral. Esses últimos, são escritores que compõem sua poética sobre uma paisagem de perfil pouco fantasioso, quando não mais real e palpável, ainda que, em alguns casos, como a paisagem de Astrid Cabral, esteja nos fios da memória.

As ecofases da paisagem na Amazônia trazem embates que ao olhar de nossa leitura contemporâneo aparecem como fragmentadas e desfiguradas. Compreendamos que a paisagem representada na literatura, não se apresenta em seu modo habitual, sendo desprendida de um comprometimento realista. No entanto, as problemáticas aparecem não nos modos de percebê-la e reproduzi-la, mas em redescrevê-la na holística do criador, configurada nos modelos estéticos dominantes.

Dessa maneira, retira-se o vínculo afetivo humano com a natureza, distancia-o deixando na fronteira do mundo natural e civilizado, e por um olhar horizontalizado do *homo symbolicus*¹⁴ se coloca não fazendo parte da natureza. O distanciamento e separação da natureza está na própria tradição ocidental ao conferir “à vista um privilégio excessivo e quase exclusivo na abordagem da paisagem.” (COLLOT, 2015, p. 20). Mas a paisagem não se restringe ao alegórico, espetacular e sublime, predominantes na paisagem da Amazônia, mas num olhar mais profundo, a paisagem se abre para outros sentidos além da visão.

Para além dos sentidos a paisagem reativa as relações com a Terra nas sensações. De acordo com Merleau-Ponty (1999), a percepção liga os sentidos ao corpo e à alma em que paisagem além de ser vista, é sentida e vivenciada. As relações primeiras no cheiro, tato, olfato, visão e as sensações através do corpo nos religam e reconectam

¹⁴ Em Carvalho (1999), o *homo symbolicus* é o criador da representação imaginada que circunda toda atividade especificamente humana.

com o mundo exterior. Na apreensão da paisagem pelo observador, se tem descrições e olhares mais profundos e próximos do lugar em oposição ao inventado.

Ao abordarmos uma perspectiva de leitura ecocêntrica, a ecocrítica propõe uma visão de mundo orgânica na promoção de uma poética da responsabilidade, tomando por guia a consciência ecológica. Uma leitura ecocrítica profunda da paisagem “não buscaria, portanto, um discurso mais verdadeiro ou esclarecedor sobre a natureza, porém uma retórica mais eficaz de transformação e amenização.” (GARRARD, 2006, p. 106). A retórica é uma resposta à crise ambiental e ao pensamento cartesiano antropocêntrico ao distender o vínculo afetivo com a natureza.

A perspectiva contemporânea da paisagem, conforme Collot (2013), busca um olhar sobre a relação do homem com a natureza. Da mesma maneira a valorizar a relação fenomenológica da poesia no reencontro do homem com o mundo a partir das sensações. O pensamento-paisagem, portanto, é reaprender a ver o mundo por uma ecologia profunda.

Mesmo entendendo a paisagem apenas como uma representação singular sem fidelidade com a paisagem real, ela nos fornece modos de pensar a complexidade da natureza e as múltiplas conexões rizomáticas. A filosofia da intensidade de Deleuze e Guattari (1995), ao valorizar a percepção, permite ver a literatura como rizomática e aberta não apenas para a conexão com as ciências, mas com os modos de compreensão de fenômenos na literatura. A poesia nos oferece um leque de representações da relação íntima entre o espaço e a paisagem na experiência que, de acordo com Collot (2013, p. 40), releva:

A secreta continuidade que une o mundo ao corpo e o corpo ao espírito, convida-nos a redefinir as relações entre a natureza e a cultura. Essa experiência resulta de uma interação entre o corpo, o espírito e o mundo, e se inscreve no prolongamento das trocas que nosso organismo mantém com o meio natural.

A relação homem-paisagem-mundo está intimamente ligada às emoções e sensações. A sensação e a emoção é a coisa primeira pela qual somos afetados na experiência com o lugar no choque indiferenciado e instantâneo com a Terra. Este é o momento primeiro de percepção da paisagem que ocorre anterior à escrita e proporciona a experiência completa com a paisagem. A incompleta experiência é imperceptível e apenas descritível levando a interpretações equivocadas e rasas.

Isso nos leva a refletir sobre as ecofases em suas intencionalidades em representar a natureza, os modos de vida, os povos, a fauna e a flora amazônica. A

experiência incompleta da paisagem levou tanto a representações equivocadas, como os modelos estéticos ocidentais dominantes que não permitiam tal experiência. As literaturas de informação tinham como principal objetivo a descrição da natureza, das gentes e das potencialidades exploratórias coloniais. Além disso, não conseguia captar com profundidade a experiência humana primeira com o espaço.

A insensibilidade do olhar antropocêntrico e cartesiano resultou na compreensão e interpretação incompleta da natureza das ditas “novas terras”. As florestas, as águas e a fauna, ao invés de transpassar pelo processo de apropriação e redescritção da paisagem pela percepção, foi construída como um mundo fantástico, exuberante, sublime e do mundo natural intocado.

A paisagem tem um papel fundamental na constituição imaginária e cultural de um povo e se torna foco de resistência e existência de múltiplos lugares pela cultura. Para Walter (2012, p. 7), a paisagem “é uma entidade material e uma ideia/visão mítica que participa na definição identitária [...]. Ela sugere enquanto espaço mnêmico de sensações e visões enraizadas em histórias individuais e coletivas.” A paisagem situa-se num espaço que situa o indivíduo dentro de uma comunidade. A paisagem não é apenas um elemento decorativo, ela emerge como parte fecunda no imaginário de um povo. Thiago de Mello (2002, p. 27) situa a paisagem da seguinte forma:

Tempo de lago transbordando, os peixes doidos varando veredas estreitas de águas ligeiras. Tempo de lago secando, o jacaré se enterra na lama. É o regime das águas condicionando e transformando a vida do homem na Amazônia ao longo das etapas do ano.

A transformação da paisagem, nos períodos de enchente e vazante, carregam os elementos da biodiversidade como componentes fundamentais. A vegetação e o volume do rio se fazem fecundos na composição paisagística amazônica. O regime das águas transformam a vida dos animais e dos seres humanos, mas também as formas de imaginar e perceber o seu espaço. Como pudemos ver nas ecofases, o itinerário literário na Amazônia traz em si inúmeras paisagens poéticas que nos ajudam a refletir nossas relações com o espaço. No tempo contemporâneo importa pensarmos nossas relações com a natureza de maneira mais afetiva e ecológica. Trata-se de um olhar através da literatura e para a literatura, no qual se busca através dela, analisar representações da paisagem no texto literário. É uma perspectiva de estudo que tem lançado novos olhares para a relação do homem com a natureza.

Na poesia, é possível observar as múltiplas visões e compreensões que despontam os desencontros e o reencontro do homem com o mundo pelas vias do

imaginário. Conseguimos compreender a paisagem como produto das experiências individuais, sensorial e suscetíveis do sujeito com o seu espaço. É tão interior, quanto exterior, tão subjetiva quanto objetiva. A paisagem nessa compreensão fenomenológica, não está em ver, mas em entrever e perceber o mundo.

A valorização do fato poético propõe um reencontro do homem com o mundo. Para Collot (2013, p.40):

A experiência da paisagem, revelando a secreta continuidade que une o mundo ao corpo e o corpo ao espírito, convida-nos a redefinir as relações entre natureza e cultura. Essa experiência resulta de uma interação entre o corpo, o espírito e o mundo, e se inscreve no prolongamento das trocas que nosso organismo mantém com o meio natural.

A representação poética da paisagem não é apenas visual (percepção), mas parte também dos outros sentidos (sensações) que dão forma e sentido ao que a paisagem mostra. Ela oferece outros sentidos, pois “ela não se dá somente a ver, mas a ser sentida e vivenciada.” (COLLOT, 2015, p. 20). A vivência é exposta pelos outros sentidos como a audição, olfato, tato, ruídos, sons e demais sensações que se comunicam entre si e despertam emoções, sentimentos, lembranças e faz da imagem uma condutora de ressonâncias.

Na contraposição à paisagem descritiva e paradisíaca do exótico, a paisagem contemporânea se compõe por uma *poética das afeições* pelo sentimento de apego, carinho, amor e afeiçoamento pela natureza. Na compreensão de Bessa (1999, p. 25), ao falar de uma poética amazônica, “o real e o imaginário se confundem e se fundem numa realidade única” e aborda a exuberância dos rios, das matas, dos mitos em toda sua plenitude e alcance planetário, como uma região e lugar propício à imaginação poetizante. Observemos em *A espessura do silêncio*:

Vamos, vem ver o reino vegetal. Entra comigo na espessura úmida. A floresta já sabe que chegaste, todos os verdes se movem, querendo saber quem és. O silêncio se anuncia, gota a gota, despencando das asas de mariposas e pássaros. A selva te recobre com a sua abóbada de palmas e folhagens entrelaçadas e te encerra na umidade da escuridão diurna. (MELLO, 2002, p. 47).

Observe-se que a relação afetiva com a floresta expressa experiências poetizantes que exploram reflexões profundas com o lugar. A paisagem se arranja no silêncio úmido da mata fechada que despertam afeições. Esses elementos das águas, da floresta entrelaçados ao homem às plantas e os animais formam o caleidoscópio de matérias que compõem a sua poesia. Sobre a matéria da poesia de Thiago de Mello, nosso entrevistado Thiago Hakiy (40) revela o seguinte:

Esses elementos da água, floresta, lendas, o homem em si. Todos esses elementos presentes na poesia dele forma a sua literatura. Lembro que convivendo com ele isso estava presente quando ele pegava o barco e ia embora pelas comunidades, visitar a área indígena para encontrar certas pessoas, os mais velhos que detinham aquelas histórias antigas para escutar e aprender. (Entrevista, 2018)

As viagens do poeta pelas comunidades e áreas indígenas em convívio direto propiciam uma experiência próxima e mais íntima na descrição dessas relações com o lugar. A afeição e o carinho se dão numa poética das afeições que resvala do discurso objetivo para a linguagem poética subjetiva. Ela flui das posturas da ecologia profunda e fenomenológicas bachelardianas, primeiramente para dar novos olhares para, em seguida, atuar como revisionista dos modos representativos da natureza. Na valorização das imagens do lugar no espaço amazônico é que se efetivam os processos imaginativos.

Bachelard (2006), rompe com os parâmetros e noções de modernidade e racionalismo na poesia e estuda o imaginário poético na percepção da imagem em suas afeições. A poesia, enquanto forma de manifestação literária mais subjetiva e sensível, através do eu-lírico exprime um estado de alma e a traduz em versos. Para Bachelard (1974, p.185), a poesia é um estado de alma, de espírito e “o poeta, na novidade de suas imagens, é sempre origem de linguagem...” A poesia emana da alma, uma consciência associada à alma.

É preciso não esquecer que essa relação também envolve uma relação não apenas com a alma, mas parte de uma relação intrínseca com o espaço. Para isso, a crítica da geocrítica aborda o estudo das imagens poéticas relacionando à literatura e o espaço (literatura e meio ambiente). Essa crítica advinda de Westphal (2013), apresenta maneiras interessantes de se envolver com os espaços de ficção e a realidade.

Entender estes espaços reais e imagéticos nos ajudam e ver as maneiras pelas quais a literatura interage com o mundo e que as múltiplas formas de lidar com o mundo são algo em si literário. Recobrar na contemporaneidade a paisagem, a imagem do meio ambiente na literatura, é trazer uma discussão esquecida na modernidade para o centro intelectual, o meio ambiente. Essa é uma das grandes ambições da Ecocrítica, pois embora as artes criativas e críticas possam parecer distintas das áreas da investigação científica e da política da natureza, claramente, em certas obras literárias, estão exercendo, mesmo que inconscientemente, uma influência sobre a cultura emergente da preocupação ambiental (Buell, 1995).

Toda escrita parte de uma forma cartográfica, pois mesmo o mapa mais realista não apresenta verdadeiramente o seu espaço. Na literatura se dá do mesmo modo, porém se tem uma série de relações complexas de imagens e paisagens imaginárias. Para Westphal (2013, p. 12) os “espaços reais e ficcionais, são para entender as maneiras como vemos nosso mundo, de nosso lugar no mundo e de nossos vários e complexos mapeamentos desses espaços mundanos e sobrenaturais”¹⁵.

Para uma mudança de percepção, se faz importante a formulação de nossos modos de interpretação da natureza, a partir de uma nova racionalidade que se fundamente nas expressões filosóficas, artísticas e literárias na contemporaneidade. Isso pode contribuir para uma relação de reciprocidade entre o homem e mundo.

Essas representações poéticas, podem ser compreendidas como imagem no olhar bachelardiano e da paisagem na perspectiva de Michael Collot. A consciência ecológica na Amazônia gira em torno de uma relação de ancestralidade e paixão com a natureza por uma *poética das Afeições*. A partir destas vivências do homem com o seu espaço buscamos trilhar uma perspectiva de análise e estudo ecocêntrico.

A noção de paisagem que paira nas contribuições de Merleau-Ponty, Bachelard e Collot se dão em inúmeros processos dentro de um poema ou narrativa. Bosi (1977, p. 21) pergunta “o que é uma imagem-no-poema? Já não é evidente, um ícone do objetivo que se fixou na retina; nem um fantasma produzido na hora do devaneio: é uma palavra articulada.” A palavra escrita na cadeia sonora verbal se enlaça com a matéria significada em articulações infinitas compondo códigos de linguagem a formar a paisagem.

A paisagem amazônica, nessa perspectiva, é carregada de humanidades e sensibilidades ecológicas com o homem como parte da natureza. Os processos da paisagem se dão em redes ou teias e o homem é parte da paisagem, se compõe e se forja com ela. A ecologia profunda compreende uma consciência ecológica através da poética das afeições indutoras de uma responsabilidade ecológica.

Os processos da poética das afeições dialogam similarmente com a noção de paisagem em Ingold (2015) em trocas entre o exterior e o interior, entre o objetivo e subjetivo como fenômeno de união entre a natureza e a cultura, e principalmente em quem vê, sente e se emociona com o que é visualizado. O modo de habitação através

¹⁵ Tradução nossa

da paisagem se dá na tecelagem de palavras e o poeta é a linha da complexa tecelagem do imaginário.

A tecelagem da paisagem amazônica, entrelaçada em ecofases no tempo e espaço insere o homem, os animais, as plantas, os rios, lagos, riachos e paranás como contornos essenciais da paisagem. Compreender a tecelagem é entender mais profundamente as flexões que a paisagem nos oferece. Ao mesmo tempo fazer a crítica à oposição entre natureza e cultura, a mesma crítica trazida pela ecologia profunda.

Percebemos na paisagem a complexidade das teias e linhas da vida dos seres que vivem na paisagem e se forjam através dela na interdependência da vida. A análise da paisagem reflete as gentes e o meio ambiente através da linguagem poética que a redescreve pela paisagem. No momento em que “o mundo é não aquilo que eu penso, mas aquilo que eu vivo; eu estou aberto ao mundo, comunico-me indubitavelmente com ele, mas não o possuo, ele é inesgotável.” (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 14). Assim, a paisagem reflete o papel humano dentro de um ecocentrismo apenas como um elemento da paisagem que depende dela para existir.

Podemos denominar esse dependência de Autopoieses, conceito de Maturana e Varela (1995), na qual um sistema autopoietico é ao mesmo tempo produtor e produto de si mesmo, são aos mesmo tempo autônomos e dependentes, não podendo ser entendidos na racionalidade maquina, binária e de partes separadas. Essa interdependência gira em torno de forças dinâmicas da complexidade.

No poeta que contempla a paisagem e a descreve e palavras, a autopoiese ocorre de forma diferenciada. No entanto, conforme Mariotti (1999, p. 4), “o fato de ele ser também cultural faz com que a exerça de modo diferente.” A cultura condiciona o indivíduo, que por sua vez a realimenta com essa influência numa circularidade sistêmica com a natureza como todo. Sendo assim, o sistema autopoietico da paisagem ao mesmo tempo é produtor e produto.

A paisagem é formada das percepções, sensações e emoções que recriam microcosmos de representações entrópicas e vibrantes. No caos e desordem natural a paisagem se alinha em conexões ocultas à mera percepção rasa moderna ocidental. Nesse ínterim, a literatura na perspectiva rizomática é o caminho pelo qual a linguagem se configura às coisas primeiras (sensações, emoções e percepções) a exprimir imagens, símbolos e paisagens. A esse fenômeno entrópico Collot (2015) nomeia de *caosmonia* que harmoniza o horizonte da paisagem através das palavras.

Analizamos alguns dos múltiplos processos de representação poética da paisagem. Esses processos acenam claramente para um diálogo com a teoria ecocrítica na busca de compreender as relações entre natureza e cultura acenando para diálogos sobre a crise ambiental do paradigma emergente. Por esse motivo a leitura ecocrítica contemporânea da paisagem deve se abrir numa interpretação ambiental que repense as suposições sobre a natureza da representação na potencialização do meio ambiente como princípio organizador da humanidade (BUELL,1995). A literatura dentro da cultura é um desses agentes de mudança de percepção ambiental e se no passado nos afastou do mundo físico, pode hoje nos reaproximar da natureza.

Em nossa análise que se passa na obra *Amazonas, Pátria da Água* (2002) de Thiago de Mello, percebemos muitas das vivências do poeta construídas em verso a partir de suas percepções, mas a partir de uma estrutura de percepção. O mundo em que habitamos e experienciamos é a nossa visão de mundo e existem múltiplas visões. Por muito tempo imaginamos um mundo objetivado, em partes e que estávamos separados dele. Não passávamos apenas de meros observadores que viam de longe a contemplação do mundo, mas no sistema autopoietico estamos dentro do mundo e somos parte do mundo em sua auto-reprodução.

A partir deste panorama de reflexões das ecofases, das representações poéticas e a abordagem contemporânea da paisagem em diálogo com o pensamento ecocrítico, começamos a compreender a obra de Thiago de Mello em outras formas. Esta obra, considerada uma das últimas utopias da Terra e um manifesto em defesa da natureza, embora aborde novas geografias e traga a consciência ecológica da contemporaneidade, é uma obra que traz em sua estrutura de percepção abissais.

A poesia e a prosa do poeta é uma das muitas novas geografias. Mas de acordo com Pinto (2005, p. 98) “continua a oferecer alimento para a recriação de novas polarizações, como a recriação do bom selvagem em ideias como a de povos da floresta e de ribeirinhos” para uma nova romantização social da Amazônia.

Ao passo que se busca novas imagens do imaginário amazônico na desterritorialização¹⁶ de percepções, é preciso se desfixar e transgredir as fronteiras do imaginário que predominou sobre esse universo líquido e verde, mostrando um imaginário mais complexo da natureza.

¹⁶ Conceito de Deleuze&Guattari (1992) em que desterritorializar é tirar algo (um conceito, ideia, imagem) de seu lugar problematizando e relocando a partir de novas visões. Na Amazônia a desterritorialização é questionar a visão eurocêntrica que se formou a partir de novos modos de se pensar a natureza.

2.2 Amazonas, pátria da água como representação da Amazônia

A paisagem não é o 'país' real, mas o país como é posto em forma pelo artista, ou pelo ponto de vista de um sujeito. É assim uma realidade tão interior quanto exterior, tão subjetiva quanto objetiva, que se presta tanto a entrever quanto a perceber...

(Michel Collot).

A obra *Amazonas, pátria da água* (2002) de Thiago de Mello, é um registro da paisagem amazônica em tempo, espaço e temporalidade. Diferente da articulação de uma pintura, essa paisagem representativa da Amazônia se tece na vida das águas, da floresta, dos animais e os seres invisíveis através da linguagem poética. No olhar primeiro desta obra da literatura amazonense, temos as impressões dos sonhos, utopias, da fraternidade, generosidade e beleza na ampla militância poética em defesa das matas, seres encantados, pássaros, águas e bichos.



Figura 3: Edição de 2002 da obra *Amazonas, pátria da água*, de Thiago de Mello.
Fonte: Arquivo do pesquisador, 2018.

Dentro da ótica ecológica que eclodiu a partir da década de 1970, o poeta toma uma postura engajada ressaltando o canto dos pássaros, a grandeza da natureza e a utopia de uma Amazônia em perfeita justiça e solidariedade como discurso ecológico. Esse engajamento a partir desta obra se abrolha no alto de sua maturidade no retorno à terra-pátria, a Amazônia e seu lugar de intimidades, o município de Barreirinha. Sobretudo, nesse contexto, sua trajetória poética toma a sua terceira fase nos levando a investigar o que levou o poeta a essa mudança de perspectiva. Isso se inicia a partir de 1970, “com seu retorno ao Brasil, até 1984, com a publicação da segunda edição de *Vento Geral* (retorno ao Brasil e ao Amazonas).” (LIMA, 2012, p. 14).

A partir desse período seus modos de tratar e representar o meio ambiente vão para além da tradição bucólica¹⁷ ocidental da natureza como refúgio do civilizado e na descrição explícita da natureza em oposição ao urbano. Trazem o louvor à natureza e as belas paisagens, mas numa integração do humano com a natureza.

Na formação social amazônica, essa perspectiva bucólica e utópica obscureceu as realidades entrópicas e as agruras da Amazônia. As características bucólicas, de origem europeia, desde o século XVIII, deram formas hedo-americanas¹⁸ de inventar paisagens. Em Glotfelty (1996), os diversos tipos de bucolismos se enraizaram na cultura ocidental a promover ideias de uma natureza harmoniosa, bela e sublime e ainda se fazem presentes no tempo contemporâneo, não apenas na literatura, mas no próprio discurso ambientalista.

Tal ideia de uma relação melodiosa, sacralizada e de perfeita harmonia entre homem e natureza é entendida, a partir de Pinto (2005), como viagem das ideias. Essa viagem das ideias sugere os processos de formação de pensamento que construiu a Amazônia como um espaço natural e cultural. Posteriormente, vindo até às representações mais recentes, como a de Thiago de Mello, que produz “continuamente reinventando, a partir de um conjunto relativamente limitado de ideias, as percepções que se tornaram as mais persistentes, dentro certamente do quadro mais amplo e diversificado da geografia do Novo Mundo” (PINTO, 2005, p. 97). Dentro de nossa compreensão contemporânea da paisagem, analisando a obra do poeta, identificamos

¹⁷ O bucólico é a tradição poética ocidental da pastoril na idealização da natureza e as belas paisagens do campo como refúgio do civilizado na ingenuidade e simplicidade da vida rural e contato com a natureza.

¹⁸ Utilizamos o termo hedo-americanas (o paraíso americano) para abordar as formas ocidentais de explicitar a natureza como paraíso verde, perfeito e intocado na fuga da realidade natural.

a permanência de alguns modelos estéticos, que embora dentro de uma outra estrutura de percepção, surgem persistências na viagem de ideias.

Antes de mais nada, a obra *Amazonas, Pátria da água* (2002) não é a Amazônia real, mas a Amazônia nas ideias e representações de Thiago de Mello. É o seu ponto de vista, compreensão e experiência do poeta na constituição de uma paisagem representativa de Amazônia. Sob a ótica da viagem das ideias como processos de formação da paisagem amazônica em temporalidade, a paisagem é uma infinidade de registros eternizados através da escrita de viajantes, cronistas, romancistas, poetas, escritores e intelectuais. Registros persistentes dos modos de vida, habitação, dos povos, dos animais, das plantas, do clima e a exuberância da floresta.

Compreendida de maneira mais profunda, os processos de formação da paisagem amazônica, de acordo com Ingold (2015), são o corpo vivo costurado no tecido do mundo e nossa percepção de mundo é a percepção de si mesmo e através de nós. A paisagem não está em uma cronologia, mas no perceber o mundo. O perceber fenomenológico visto tanto na tessitura de Ingold como na paisagem-sensação de Collot (2015), são resultado das reflexões a partir dos estudos de Merleau-Ponty (1999), em que é preciso haver no ambiente coisas para perceber e nessas coisas primeiras seres, para que haja no ambiente coisas para perceber (INGOLD, 2015) e por fim seres para percebê-las.

No perceber chamamos a atenção para as paisagens de Thiago de Mello como representação imaginária da Amazônia. Percebemos tanto os elementos da composição da paisagem e o encantamento com o verde atordoante. Em *A fundação da pátria da água*, o poeta se expressa da seguinte forma:

É a grande Amazônia, toda ela no trópico úmido, com **sua floresta compacta e atordoante**, onde ainda palpita, intocada e em vastos lugares jamais surpreendida pelo **homem**, a vida que se foi urgindo em verdes nos âmagos da água desde o amanhecer do Terciário. Intocada e desconhecida em muito de sua extensão e de sua verdade, a Amazônia ainda está sendo descoberta. (MELLO, 2002, p. 15):

Nesse trecho, Thiago de Mello apresenta as características essenciais da paisagem amazônica da floresta compacta, atordoante que faz os olhos delirarem com sua beleza e a vida que se forma de verde e água. Os elementos visíveis nos lugares da natureza amazônica como a grande variedade de plantas, o relevo do solo e as águas não fazem dessas contemplações uma paisagem. Mas para a paisagem, “é justamente essencial a demarcação, o ser-abarcada num horizonte momentâneo ou duradouro.” (SIMMEL, 2009, p. 6).

O poeta ao inserir o homem jamais surpreendendo a natureza, vemos que a “trilogia Natureza, homem e Tempo, já em si reclama exame de fatos inter-relacionados com os homens, o solo, as plantas, os animais e a História.” (TOCANTINS, 1982, p. 13). Seus fragmentos poéticos podem surgir como natureza, mas apresentada como paisagem amazônica numa ótica estética em um dado tempo.

A estética poética de Thiago de Mello, alia o homem e a mulher à natureza através da paisagem. A natureza não é mais apenas uma parte separada do ser humano, mas a unidade de um todo sem fronteiras, pois tudo é natureza. Essa compreensão é não só a derivação de uma nova compreensão de natureza, mas a contraposição de um androcentrismo¹⁹ por um ecocêntrismo.

O androcentrismo é uma perspectiva que paira nas ideias formadoras da Amazônia e por mais em determinados casos prese pela preservação e boa relação humana com a natureza, situa a manutenção dos recursos naturais aos interesses humanos desqualificando o valor intrínseco dos ecossistemas interconectados e interdependentes que passam a girar entorno do *andro* (homem).

Outras interpretações do poeta trazem a formação e composição da Amazônia descoberta aos olhos ocidentais. De tal forma, se aborda a região dentro da ótica que deu as formas de compreensão da grande imagem de Amazônia. Vejamos:

Iniciado há quatro séculos, o seu descobrimento ainda não terminou. Porventura não termine nunca. E, no entanto, pelo que já se conhece da vida na Amazônia, **desde que o homem a habita**, ergue-se da fundura das águas e escorre dos altos centros de sua selva um terrível temor: o de que esta vida esteja, devagarinho, tomando o rumo do fim. (MELLO, 2002, p. 16)

Com o intuito de apresentar a fundação da Pátria da água, o poeta localiza o nascimento da Amazônia no seu dito descobrimento. Em seguida, subitamente fala do que já se conhece da vida amazônica desde que o homem a habita. O homem que a habita, é o homem branco europeu. O poeta situa um teor apocalítico pelas ações danosas que se tem feito à Amazônia desde a instalação dos colonizadores na região.

A pátria da água de Thiago de Mello, é fundada na história da formação do Brasil e os povos remanescentes do processo de dominação ocidentais, o que traz um ponto de vista nacionalista de sua parte. Os estudos de Lima (2012), situam o poeta como representante da geração de 45 e demonstra uma relação com seus antecessores de continuidade das conquistas modernistas na constituição de uma literatura autêntica

¹⁹ Androcentrismo é um termo nosso advindo do grego *anér*, *andro*, o homem no centro das preocupações humanas, advindo da filosofia moderna que valoriza a figura masculina do homem.

nacional. O poeta reforça em sua poesia essa autenticação nacional, como podemos observar na forma como apresenta a formação da pátria da água – uma nação dentro de uma nação.

Mas essa linha de fases do poeta não está estagnada na geração de 45. Sua poesia continua a evoluir e como estamos observando ao longo desta análise, sua literatura se ajusta na experiência da paisagem a harmonizar homens, plantas, águas e céus na tecelagem do imaginário. Por certo, essa é a representação da Pátria da água, a Amazônia nas lentes do poeta Thiago de Mello no complexo ecológico da natureza.

Nisso, opomos a paisagem androcêntrica à paisagem ecocêntrica tecida:

Paisagem ecocêntrica	Paisagem androcêntrica
A harmonia do ser humano com a natureza.	O domínio do ser humano sobre a natureza.
A natureza como um conjunto em que cada elemento tem seu valor intrínseco.	O ambiente natural como um conjunto de recursos naturais.
Viver de maneira respeitosa com o meio ambiente.	Crescer economicamente denegrindo a natureza para satisfações humanas.
A limitada existência de recursos naturais.	A vasta existência de recursos naturais
Uso de tecnologias que não danifiquem o meio ambiente e que essa tecnologia não domine o ser humano e a natureza.	Soluções e progresso baseado na tecnologia exploratória e destrutiva da natureza.
O seres humanos como apenas uma teia da vida	O homem centralizado nas preocupações e interesses perante a natureza.

Quadro 1: oposição entre a paisagem androcêntrica e paisagem ecocêntrica.

Fonte: Adaptado de William Flores (2015), *Ecocrítica pós-colonial y literatura moderna latino-americana*.

Os elementos da paisagem ecocêntrica estão presentes na linguagem de Thiago de Mello e vemos sua evolução poética apresentando percepções mais complexas de natureza que poetas de sua mesma geração. A paisagem do poeta, no seu contexto de temporalidade tem o incremento da consciência ecológica e demonstra uma nova roupagem de sua poesia, em especial nessa obra, objeto de análise deste estudo, *Amazonas, pátria da água* (2002).

No fenômeno da paisagem em autor-linguagem-espaco, vemos a sua composição que se trama na percepção, nas sensações e devaneios na inter-relação dos seres com a paisagem que compõe a poética amazônica. A poética amazônica do imaginário poético de Thiago de Mello toma forma na multiplicidade das imagens, seja mítica, literária ou visual. De acordo com Pitta (1995), gira em torno de uma orientação

fundamental que se compõe dos sentidos próprios de uma cultura, bem como a experiência individual e coletiva.

Para Durand (2011), os processos de arranjo do imaginário se formam as paisagens produzidas e a serem produzidas. Primeiramente as paisagens produzidas que perpassam pelas manifestações artísticas, literárias e documentais de informação desde o século XVI. Já as paisagens a serem produzidas estão nas diversas manifestações artísticas no retrato de uma Amazônia essencialmente imaginal e mais pluralista nas essências naturais, culturais e suas inter-relações com os mitos, as lendas e mistérios da floresta. Tais paisagens e imagens em suas recepções construíram no imaginário ocidental diversas imagens da Amazônia.

Thiago de Mello representa a Amazônia como *pátria*. Para Morin (2003, p. 72), a pátria é o “masculino/feminino que unifica em si o materno e o paterno. O componente matripatriótico confere valor materno à mãe-pátria, terra-mãe, para a qual se dirige naturalmente o amor.” A pátria da água é a Amazônia tida como mãe que alimenta, protege e cuida na comunhão fraterna de seus filhos. A reflexão ontológica da natureza representada como ser feminino e materno, flui da própria relação de ancestralidade com a Terra no retorno às coisas primeiras “anterior ao conhecimento do qual o conhecimento sempre *fala*, e em relação ao qual toda determinação científica é abstrata, significativa e dependente.” (MERLEAU-PONTY, 1990, p. 5).

Na era planetária, o tratamento da Terra como mãe, reativa nossas relações de afeto, carinho e amor com a natureza – sentimentos tidos por uma mãe a despertar atitudes e valores com o meio ambiente. Sob esse ponto de vista, Capra (1996), aborda as interpretações subjetivas como está na relação com o mundo exterior, do social, animal, vegetal e cósmico. Essa cosmovisão é uma topofilia no elo do ser com o lugar e o meio ambiente, consciência contemporânea a buscar novas maneiras de habitar o planeta em meio ao aquecimento global, o desequilíbrio ecológico e climático. Por certo, Thiago de Mello é uma dessas consciências que a partir das décadas de 70 e 80 do século XX, começam a ficar a par das ameaças à natureza e o meio ambiente.

A paisagem é umas dessas percepções e a interpretação dessa, é a interpretação da interpretação de Amazônia feita por Thiago de Mello. Uma percepção carregada de valores, atitudes, visões, imagens e paisagens do lugar e dão ao imaginário amazônico formas diferenciais de tratar o ambiente. Said (1990), nos auxilia na compreensão da construção da paisagem no ambiente amazônico como construção social, imaginária e linguística forjada pelo ocidente em antagonismos de oposição a tudo que

consideravam Oriental. Nas muitas geografias e cartografias literárias, conforme Pinto (2005, p. 98), vemos o

reconhecimento da desigualdade entre homens e os povos, das novas geografias, e continua a fornecer alimento para a recriação de novas polarizações, como a recriação do bom selvagem em ideias como a de ‘povos da floresta’ e de ‘ribeirinhos’, portanto, de um novo romantismo social.

Embora valorizemos o reencantamento do mundo com a natureza nas afeições, sensações e emoções com o lugar, desacreditamos na continuidade de um romantismo que obscurece, alegoriza e encobre as agonias amazônicas. A Amazônia romântica é inventada é protegida, de acordo com Almeida (2008), por uma formidável muralha traçada por intelectuais em geografismos no senso comum erudito. Diante dessa questão, verificamos várias polarizações na linguagem poética do poeta, como ribeirinho, caboclo, povos da floresta e eventualmente a romantização da relação destes não apenas com a natureza, mas os seus modos de vida e agruras do homem na Amazônia a confrontar a natureza para sua sobrevivência.

Toda obra que trata de uma leitura de Amazônia traz em si um olhar orientalista. Thiago de Mello, em sua geração e contexto social traz essas perspectivas que se justificam na formação do imaginário que constitui as interpretações para o lugar e os povos. Nesse sentido, a Ecocrítica não trata apenas da natureza, mas de todas as problemáticas humanas em defesa de uma ecologia em seu sentido mais amplo. Seja na natureza, ou nas questões de gênero, às adversidades étnicas e raciais. O conjunto de tais relações compõe cosmovisões como a de Thiago de Mello, em suas impressões culturais da Amazônia, bem como as suas motivações em adotar tais representações.

Ao adentrarmos profundamente as paisagem do *Amazonas, pátria da água* (2002), a percebemos entre as diversas obras de escritores, poetas, romancistas, filósofos, que dão suas impressões de Amazônia na influência do orientalismo. Se utilizam do orientalismo na elaboração de suas representações que embora seja de poetas do lugar, como Thiago de Mello.

No universo literário e textual, a Amazônia teve impacto no Ocidente e porventura continua a ter. Ademais, a Amazônia sempre foi um território que chamou a atenção e nas ecofases da paisagem amazônica, vimos que desde as primeiras literaturas aos romances e relatos de viagens foi um tema atrativo. No contexto de Thiago de Mello, esse interesse atrativo perdura numa região a ter os olhos do mundo voltados para ela, seja pela preservação ambiental ao interesse mineral.

Uma região extremamente estratégica para o equilíbrio ecológico do planeta, constantemente debatida com relação ao desmatamento, as queimadas, à preservação do meio ambiente e a cultura indígena. É evidente que novos modos de orientalismo surjam com as mudanças através do tempo e espaço. Longe de buscar cometer qualquer tipo de anacronismo, a visão orientalista de Thiago de Mello, é a de um orientalismo manifesto (SAID, 1990). No orientalismo manifesto tem-se novas variações sobre a natureza, os povos, a literatura e a história e até mesmo outros orientalismos que continuam a “construir a ideia de Amazônia que tem estado presente desde o início de sua história até hoje.” (PINTO, 2005, p. 101).

É perceptível as diversas manifestações latino-americanas em suas diversas formas, como a de Thiago de Mello em suas preocupações com a destruição acelerada do meio ambiente. Escritores como Octavio Paz e Eduardo Galeano são exemplos da união entre literatura, consciência ecológica e o papel sócio-político da poesia. Na compreensão de González (2010), a literatura como expressão simbólica das relações do ser humano com o mundo, não pode estar alheia à problemática ambiental.

Em Thiago de Mello, ao buscar uma representação da Amazônia, se deixa não só influenciar pela composição da natureza e do espaço, mas pelos efeitos das preocupações ecológicas. Essas preocupações podem ser rastreadas na obra *Amazonas, pátria da água* (2002) do início ao fim. A ecocrítica, na perspectiva de Flores (2015), explora a visão de natureza em obras como a de Mello (2002), com uma preocupação em denunciar a deterioração ambiental e representar como valor a relação do homem/mulher com seu meio natural, seu lugar.

Ecologias pós-modernas, como de Capra (1996), Morin (2003), Leff (2006), Deleuze e Guattari (1995), Ingold (2015), entre tantos outros que ajudam a fomentar epistemologicamente nossa leitura, acentuam a necessidade de desenvolver novos valores, éticas e princípios ecológicos reconhecendo o valor intrínseco da natureza. Para além disso, Thiago de Mello alia as lendas, mitos e crenças dos povos tradicionais à preocupação ambiental com a natureza amazônica.

As preocupações ambientais estão na centralização do homem na natureza e na paisagem amazônica. Na fala de um de nossos entrevistados, o também poeta do município de Barreirinha, Elpídio Nunes (53), temos a compreensão do ecocêntrismo contornado pela utopia ecológica e solidária, a liberdade e a defesa da natureza. Vejamos:

A poesia de Thiago de Mello é uma poesia carregada de utopia, mas ao mesmo tempo muito contundente com relação aos temas atuais, principalmente na questão social, muito combativo nas críticas com relação às mazelas do mundo, a exploração do capitalismo, essa visão predatória da exploração da Amazônia. O mais interessante é o saber, a alquimia com que ele trabalha pra trazer dentro desse próprio questionamento, dessa própria crítica a palavra de amor e de esperança no homem. (Entrevista, 2018.)

Elpídio Nunes acentua as principais características na poesia de Thiago de Mello e o diálogo com as agonias amazônicas. Destaca a utopia, a esperança, a fraternidade na mudança de perspectiva sobre a natureza na crítica ao capitalismo e exploração da natureza e, por fim, evidencia o elemento central da obra do poeta, a relação homem e natureza. Com base nisso, é possível dizer que o poeta parte de um princípio ético de responsabilidade humano com a natureza.

Devemos lembrar que nossa análise e leitura se dá apenas em torno da obra *Amazonas, pátria da água* (2002) e a fase poética de Thiago de Mello nesse processo de temporalidade. Como poeta e intelectual da Amazônia, recompõe sua visão sobre o homem amazônico já no final desse período de fim do século XX. Desse modo, vemos a composição da paisagem na literatura e o papel de intelectual nos principais questionamentos de seu lugar, a saber:

Essa posição de ambiguidade radical da literatura é construída justamente porque cabe a ela registrar as “perguntas do seu tempo”. O “poeta não procura resposta e sim perguntas: indaga sobre aquilo que, numa época, parece, além de todo princípio de compreensão, a resistência que o horrível, o sinistro, o sublime ou o trágico opõem a outras formas do discurso e da razão. (SARLO, 2005, p. 12)

A essa união aproxima-se o pensamento Ecocrítico da poesia de Thiago de Mello ao abordar a poesia em diálogo com as questões ecológicas e ambientais na Amazônia. Mas essa é uma percepção que já nasce nos povos amazônicos. A meditação devaneante do poeta nasce entre o rio e a floresta, num lugar onde a palavra ecologia não existe, pois é intrínseca aos seus habitantes e viventes, sejam eles naturais ou sobrenaturais. A ecologia da floresta se forma na “linguagem líquida de água doce que revela a oralidade narrativa da natureza, [...] na líquida e fluida corrente oralizada passando nos lábios dos rios, e que é, enfim, como a fonte de toda linguagem.” (LOUREIRO, 2016, p. 131). A ecologia da floresta se compõe no limiar da paisagem.

Os processos de formação da paisagem amazônica como uma geografia do novo mundo não deram conta de compreender a natureza, as cosmogonias, as relações de ancestralidade e conexão com a terra dos povos tradicionais. Assim como não compreenderam a importância da natureza pela arrogância do egocentrismo europeu.

A paisagem não é apenas o espaço, o território, natureza, mas tudo que se tece nela, desde os animais, as plantas, os povos, as gentes, a cultura, a mitologia, os mistérios e sonhos. Todos dentro de uma tessitura, tecem a paisagem na Amazônia.

Em nossas reflexões na poesia-paisagem-sensação de Collot (2015), compreendemos a relação afetiva de ligação do homem com a natureza nos afetos. Esse afeto é acolhido na mãe-paisagem em Bachelard (1997) pelo carinho, afeto, aconchego, alimento e afeições que reativam ontologicamente nossa responsabilidade com a natureza. A responsabilidade com a natureza está na essência do habitar na longa relação de vida com o ambiente amazônico traçando trilhas, estrias e conexões ao longo do caminho nos conectamos profundamente e habitamos a Terra pela paisagem.

O ser se significa, se forma e se tece na cultura, como demonstra Ingold (2015), ser não é estar em um lugar, mas estar ao longo de caminhos. Em torno dessas reflexões da paisagem, reconfiguramos o conceito de imaginário de Durand (2004) e tratamos o imaginário como linhas que se tecem em conexões rizomáticas a compor o tecido que recobre as visões e interpretações sobre a Amazônia.

A paisagem como tecido na poesia de Thiago de Mello coloca em primeiro plano a harmonização homem e natureza. Enlaçado a isso, expõe os principais problemas amazônicos do extrativismo, desmatamento e queimadas, mostrando uma preocupação ecológica. Dessa forma, o poeta representa a Amazônia e no diálogo da literatura com a natureza expõe uma análise pós-ecológica, aproximando sua lírica com o pensamento ecocrítico.

2.3 Aproximações do pensamento Ecocrítico com a poesia de Thiago de Mello.

É de amplo consenso para os ecocríticos o papel da obra *Primavera Silenciosa* (2010) da bióloga marinha Rachel Carson, no desabrochar do debate ambientalista moderno. Ao falarmos da aproximação do pensamento ecocrítico com a literatura, estamos identificando uma estética ecológica que une os elementos literários para expressar conceitos, ideias e preocupações ambientais. A estética de Carson une esses elementos, tornando assim, seus textos de perspectiva ecocrítica.

Classificada por diferentes críticos como escritora da natureza, traduziu através da prosa literária, conceitos, noções, percepções e preocupações científicas. O conto *Uma fábula para amanhã* abre esta importante obra que invoca os elementos da

literatura pastoral²⁰ no louvor à vida do campo em harmonia com a natureza, seguida de uma terrível tragédia apocalíptica ambiental. Por meio disso, denuncia o uso de agrotóxicos nocivos ao meio ambiente como responsáveis por aquela tragédia em uma cidade imaginária. Hagood (2013), aponta que essa articulação entre literatura e ecologia foi dedicada a defender uma visão de mundo ecológica para a qual poucos de seus leitores ainda não haviam sido expostos.

Assim fazendo, a denúncia aos pesticidas como o DDT que serviam para controlar pragas nas plantações norte-americanas, tomou alcance e amplitude maiores, tanto no âmbito científico, como cultural. Sua sensibilidade literária estimulou não apenas a amplitude das preocupações científicas, mas uma visão ecológica, como em *O mar que nos cerca* (2015) sobre os oceanos e permitiu a muitos leitores uma visão ecocêntrica²¹ de sensibilização com o mar.

A Ecocrítica se aproxima desses fenômenos por meio da poesia e prosa literária na interação do texto com o meio ambiente, buscando explicar representações, ideias, metáforas, linguagens e problematizar noções ambientais. Assim fazendo, as noções ambientais estão na relação com o espaço real através do imaginário como “caminho possível que nos permite não apenas atingir o real, como também vislumbrar as coisas que possam vir a tornar-se realidade.” (TRINDADE e LAPLANTINE, 1997, p. 7). Essa reflexão paira numa ontologia que constitui os modos como percebemos o meio ambiente social e a natureza a constituir imagens, símbolos e paisagens na dinâmica do imaginário.

Com efeito, a aproximação da literatura com o meio ambiente na dinâmica do imaginário, paira sobre o espaço literário como representação do real. À proporção de entendimento desse processo fenomenológico, é que consiste a aproximação do pensamento ecocrítico com a literatura. Em Blanchot (1987), o espaço literário se forma em dinâmicas de imagens na relação com o espaço e o lugar exterior. Em outras palavras, o espaço literário se forma na relação com o mundo exterior, tidas na fenomenologia da paisagem pelas sensações, emoções e percepções com o espaço.

O espaço ficcional se forma não apenas no visual, mas nos cheiros, tatos, paladares e emoções pulsantes que temos com o mundo exterior. Na zona mais

²⁰ A literatura pastoral é o estilo da tradição grega criado por Teócrito (c.316-260a.C), caracterizado pelo tratamento idealizado dos estilos de vida do pastor, do campo e natureza na distinção espacial entre a cidade e o campo.

²¹ O conjunto de valores centralizados na Terra.

profunda do imaginário essas experiências formam o espaço literário e esse espaço ficcional expressa nossa relação com o mundo. Uma interação que se dá no afastamento do mundo como uma reflexão através do imaginário que retorna a ele de maneira mais profunda, tida por Suttana (2013), como modo de espacializar. A espacialização está na trama de palavras que juntas dão extensão ao espaço ficcional.

A leitura da paisagem em espaço, tempo e temporalidade, pode trazer infinitas formas representativas do mundo exterior postas nos três registros de Guattari (1990), que assinalamos anteriormente. Esses registros em espaço, tempo e temporalidade no espaço literário, demonstram primeiramente nossas conexões com o mundo exterior e sua influência na formação cultural. Em segundo, as interações entre natureza e cultura, e a literatura como expressão dessa complexa relação. Por fim, temos as percepções, valores e éticas ambientais como resultado dessas complexas interações dentro da dinâmica da paisagem que compõe o imaginário como tecido.

A obra *Amazonas, pátria da água* (2002) é o resultado dessa interação que compõe o espaço ficcional em sua linguagem literária. As conexões do espaço literário estão na relação entre natureza e cultura, a poesia e a prosa literária na relação com a natureza. Mais precisamente, é dessa forma que o pensamento ecocrítico se aproxima da poesia de Thiago de Mello.

Para compor esta obra, como vimos no percurso desta leitura, o poeta se apoia nos gêneros literários da poesia e prosa compondo uma estética ecológica e apocalíptica. A essas formas estéticas literárias e imaginárias o poeta une consciência ecológica, conceitos, dados científicos e o discurso ambientalista sobre a Amazônia como denúncia da problemática ambiental. A esse modo como Thiago de Mello aborda os elementos literários moldados ao conhecimento científico, se abre a análise cultural, e mais especificamente a análise ecocrítica. Nessas formas imaginárias o poeta, logo no prefácio da obra, expõe um grande temor, a saber:

Um temor grande se ergue das funduras das águas e percorre o verde campo ferido da Amazônia: a nossa floresta está, devagarinho, tomando o rumo do fim. Confesso que escrevo estas palavras todo arrepiado. O que a natureza levou milhões de anos para construir pode vir a ser destruído dentro de pouco tempo pela insensatez humana: a maior floresta, o mais lindo pedaço verde da Terra. (MELLO, 2002, p. 13)

O poeta se utiliza de um presságio apocalíptico para expressar o temor da destruição ambiental acelerada na Amazônia. Porquanto, não é preciso ser da Amazônia para compreender o cenário de destruição que se alastra com o

desmatamento e garimpo ilegal, as mudanças climáticas que deixam o clima mais seco precipitando a aceleração dos incêndios florestais, em maioria derivados da ação humana. Estar-se-á diante da ameaça à vida animal, a vegetação e os povos indígenas desse território verde. A natureza que levou milhões de anos para entrar em equilíbrio e permitir a vida, está sendo destruída para manter as grandes potências capitalistas.

Como se pode ver, Thiago de Mello expressa a consciência ecológica no temor pela destruição da natureza em sua linguagem literária rebuscada, leve e corrida, envolvida nos saberes científicos. A relação entre literatura e meio ambiente na Amazônia se dá na relação com um ambiente de águas e florestas a abrigar ecossistemas vivos em que dentro deles jazem os povos tradicionais, num ambiente em constante ameaça.

Os registros mais ressaltados da violência à natureza amazônica estão na poluição dos rios, a violência à fauna e a flora que alarma os olhos do mundo através da televisão e da internet num cenário catastrófico e apocalíptico ambiental. Como consequência, essas violências tem reações múltiplas e adversas em todo o planeta e algumas são irreversíveis. Esses novos registros na paisagem amazônica marcam a gravidade da crise ambiental e com “o correr do tempo – do tempo não em nós, e sim em milênios – a vida ajustou-se, e um equilíbrio foi conseguido; mas, no mundo moderno, não há tempo.” (CARSON, 2010, p. 16). Esses registros marcam mudanças na paisagem que evoluiu em ecofases nos mais de 500 anos de registros ambientais. De tal modo, a literatura se faz de importante registro das percepções da natureza que se alteraram ou se mantiveram ao longo do tempo, no entanto, muitas vezes alterada de maneira violenta e irreversível.

No tecido da paisagem, a vida animal e vegetal foi se alterando para atender aos interesses humanos, esses que tem infinitas capacidades de modificar seu ambiente, mas por egocentrismo, preferem a maneira mais agressiva. As percepções de mudanças do espaço na paisagem literária, são as mudanças no meio ambiente físico exterior e foram trazidas na escrita de autores como Euclides da Cunha e Guimarães Rosa, paisagistas fervorosos da literatura brasileira nas descrições das agruras e modificações espaciais de seu tempo. Da geração de 1930 da literatura brasileira, Rachel de Queiroz e Dalcídio Jurandir também apresentam uma importante paisagem voltada para as questões da natureza e problemas de sua região. A interação humana com a natureza e a cultura demonstram um paisagem inundada pelas violências à

natureza. Se essa violência continuar, cada vez mais nos caminhos tecidos da imaginário, a paisagem que teremos, será uma paisagem de destruição e caos.

As interações entre literatura e meio ambiente, em Scarpelli (2007), se atentam para a preocupação de poetas e escritores com a degradação ambiental nas artes contemporâneas. Essa temática subjaz sob a consciência ecológica como temática literária e aproxima as preocupações ecológicas com a literatura. A literatura em casos como de Carson, consegue expressar de maneira mais clara e incisiva o que muitas vezes o diálogo científico não consegue apresentar ou descrever. A tessitura dessa estética ecológica se dá na conversação entre o imaginário e a realidade, natureza e cultura. Por isso, Scarpelli (2007, p. 189),

Pressupõe o desafio de desenvolver uma ampla e responsável consciência ambiental, reconhecer e, em alguns casos, preservar as inter-relações criativas do homem com o espaço vital, ou seja, a interação de meio ambiente, cultura e literatura com a abertura a outras manifestações de arte e às diversificadas formas de conhecimento que equacionam o tema.

Nos estudos de Barthes (1978), a literatura movimentada os saberes e trabalha de maneira leve os interstícios da ciência, o que torna a literatura importante por sua capacidade de dar contorno a uma realidade. Por este motivo, a perspectiva metodológica que adotamos para esta leitura é interdisciplinar e aberta, pois estabelece conexões através de fios, linhas e teias a tecer diálogos e compreender fenômenos complexos como a aproximação da consciência ecológica com a literatura.

A perspectiva aberta, advinda da concepção dialógica da vida entende a paisagem, o meio ambiente e a literatura como resultado de complexas conexões entre homem e natureza. Em Morin (2005), encontramos o conceito de entropia para falar da ordem e desordem. A desordem da natureza gera reorganizações constantes a envolver o mundo vivo num círculo tetralógico composto de ordens, desordens, interações e reorganizações que se retroalimentam a todo instante. Podemos trazer essa compreensão entrópica da natureza para a complexidade do imaginário que em movimentos entrópicos tetralógicos de ordens, desordens, interações e reorganizações de imagens, harmoniza e compõe a paisagem, o espaço.

Na companhia de Bachelard (1996), já nos deparamos com a valorização das artes e a literatura como conhecimento válido adquirido pela experiência. A experiência complexa organiza o mundo nas relações existentes entre os homens, o meio ambiente e o universo na criação de conhecimentos e saberes que não estão na elaboração racionalista moderna, mas no sensível que leva em conta os afetos e

emoções através da paisagem. De acordo com Bachelard (1994, p. 63), o processo entrópico da imaginação ocorre quando “as imagens se atraem e se repelem sucessivamente, em recíprocas magníficas. É a própria vida da imaginação.” A paisagem gravada como registro do imaginário é uma lição de poder que nos introduz a esse reino primeiro do ambiente em movimentos e forças.

As concepções cósmicas enlaçam o poeta sonhador em imagens, paisagens, emoções e sensações na passagem de ágeis inversões em que o contemplador está em estado de imaginação aberta. Antes de mais nada, “uma imagem de homem se abre sobre o mundo e uma imagem de mundo se abre sobre uma beleza humana.” (BACHELARD, 1994, p. 71). Isso nos leva a crer que esses modos de apreensão feitos pela literatura nos trazem formas de conhecimento, que antes, não valorizadas pelo método do pensamento analítico cartesiano, se fazem úteis nas teorias pós-modernas que abrem o diálogo da literatura para a ciência como fonte importante de conhecimento. Na ecologia profunda, se valoriza os conhecimentos cósmicos e sensíveis das artes literárias e faz da ecologia pós-moderna, não apenas uma ecologia da natureza, mas uma ecologia de conhecimentos.

Santos (2006), nomeia esses processos de ecologia de saberes. São saberes e lições de multiplicidade que dialogam com outras formas de conhecimento como a poesia, a literatura e a ciência em conexões que fogem a lógica binária. Nessa neológica, não existe início e fim, mas apenas meio em que saberes se conectam e infinitas interpretações.

Com o propósito de obstinar uma visão mais ecológica, a nova epistemologia ambiental foge à lógica hierárquica arborescente do conhecimento, à compreensão de Descartes do método de pensamento analítico que entende os fenômenos em partes, e à lógica do mundo como máquina perfeita governada por leis exatas de Galileu. Sob essa égide Capra (1996, p. 20), considera que “se temos a percepção, ou a experiência, ecológica profunda de sermos parte da teia da vida, então estaremos (em oposição e deveríamos estar) inclinados a cuidar de toda a natureza viva.” Percepção e experiência, são valores atribuídos ao modo como temos observado e apreendido o mundo. A teia da vida é baseada nessa nova epistemologia na fundação de um novo paradigma em oposição ao velho paradigma. O velho paradigma é baseado em valores antropocêntricos (ecologia rasa) e a ecologia profunda em valores ecocêntricos. Foi sob este arcabouço teórico e conceitual que dialogamos com as teorias literárias e culturais da Amazônia para desenvolver nossa leitura ecocrítica.

A literatura na relação do espaço ficcional com o real, no olhar sensível e ontológico do signo linguístico com o meio ambiente, aflora as relações entre natureza e cultura e engendra percepções ambientais. Com o diálogo interdisciplinar da ecocrítica, os problemas ambientais necessitam de uma análise em termos culturais e científicos, pois se estão presentes na literatura, certamente são o resultado da inflexão do conhecimento ecológico na cultura. Pela perspectiva ecocrítica, “isso reflete a própria ambivalência da ciência como produtora de riscos ambientais e como analista crítica desses mesmos riscos.” (GARRARD, 2006, p. 21). Essa perspectiva de leitura acentua nossa análise a poesia de Thiago de Mello no questionamento aos paradigmas tanto científicos como culturais.

No orientalismo se faz o questionamento aos modos como se vê os territórios orientalizados pelo Ocidente. Mantemos o olhar atento nos modos como o ambiente amazônico é sempre culturalmente construído nos aspectos representativos da paisagem, e no fato de que como ela realmente existe. Pinto (2005), chama isso de “viagem das ideias” que como redes, deram os contornos e traços ao meio ambiente construído pelo homem dentro de noções pejorativas inventadas.

Na paisagem como tecido vivo nos deparamos com as redes que moldam o meio ambiente. Tomamos a ecologia profunda como postura contra o velho paradigma antropocêntrico cartesiano, em diálogo com teóricos que pensam semelhantemente (Deleuze e Guattari (1995), Ingold (2015), Collot (2015), Santos (2006), Capra (1996), Bachelard (1996)) questionamos os resquícios dessa viagem de ideias que construiu uma Amazônia no edenista, exótico, caricata e sublime. Thiago de Mello escreve sobre essas questões e como elas atrasam uma compreensão mais profunda dos povos e da natureza na Amazônia. Vejamos:

Como os caboclos empurram um batelão
que dormiu atracado na beira da várzea
e amanheceu encalhado
por que de noite as águas desceram demais,
assim nós te empurramos para o futuro,
encalhada Amazônia,
pelos pântanos da nossa indiferença,
sobre os cedros balofos da retórica
que mal nos ajudava a te aquecer. (MELLO, 2002, p. 17)

É um verso com pouca utilização de rimas, mas tem uma reflexão de uma problemática íngreme, abrupta e árdua, nosso atraso pela indiferença humana diante da incompreensão da natureza, princípio de toda a crise ambiental. Na metáfora do poeta, a Amazônia está encalhada nos pântanos da indiferença de quem fere a floresta,

a incompreende e enclachada numa visão desenvolvimentista que persiste a quatro séculos de exploração ambiental.

A linguagem literária é importante e na linguagem poética vemos e habitamos a Terra. A mudança do paradigma emergente pode ser entendida nas lentes de Bachelard (1997, p. 8), ao falar das imagens das águas, como as que compõem a paisagem amazônica ao afirmar que é “preciso, portanto, devolver ao rio e às fontes de minha terra o seu papel principal.” A representação da Amazônia como pátria da água em Thiago de Mello tem como elemento de fidelidade e agregação da paisagem, a água, o elemento mais feminino, uniforme e profundo. A paisagem como tudo aquilo que vemos e o que nossa visão alcança poder ser descrita de forma artificial e espectral, mas a paisagem no memorial experiencial das cores, cheiros, sons e sensações de quem devaneia perto do rio é a profunda da relação humana com a natureza.

São estas as posturas, concepções, conceitos, teorias e modos analíticos que assentam o pensamento ecocrítico dessa análise literária. A aproximação do pensamento ecológico com a poesia de Thiago de Mello faz-se na dialogação com a estética ecológica adotada pelo poeta. A maneira como molda o conhecimento científico e ambiental aos modelos estéticos e literários se fazem perceptíveis à análise e leitura ecocrítica.

Nas percepções da poesia de Thiago de Mello com a análise ecocrítica, dialoga-se com os conceitos fundamentais dessa teoria e os teóricos da Amazônia, traçando distintivamente uma perspectiva de leitura ecocrítica para a Amazônia. Gifford (2009, p. 261), vê perspectivas de leituras como a nossa na poesia de Thiago de Mello, “como um desafio a ecocrítica brasileira para aprender com essas críticas e encontrar a sua distintividade dentro de suas próprias ricas tradições.”

Enfim, acentuamos os principais processos de representação da paisagem nas poesias e prosas de Thiago de Mello, em aceno para o diálogo com o Pensamento Ecocrítico. Resguardando os limites da paisagem, identificamos os registros ecológicos na lógica do tempo em que se passaram, nas últimas décadas do século XX. A paisagem da pátria da água como tecido, é imagem construída nos acréscimos e substituições da história da formação social da Amazônia.

O espaço literário amazônico na linguagem poética de Thiago de Mello, “é o resultado da soma de síntese, sempre refeita, da paisagem com a sociedade através da espacialidade.” (SANTOS, 1988, p. 26). O fenômeno da paisagem com a sociedade (a vida humana) é o espaço como resultado. A paisagem como tecido oferece essas

múltiplas reflexões. O poeta que escreve a paisagem se engaja na geopoética, conceito de Collot (2013), que elucida a relação homem-paisagem-mundo que tece a ecologia da vida. O ecológico abrange desde a natureza, aos animais, povos, questões sociais, ambientais e de gênero que englobam o sentido amplo do ecológico nos estudos culturais. O novo sentido ecológico se mostra na relação da literatura e o meio ambiente e buscamos redespertar a percepção para a Terra na superação do velho paradigma.

Bachelard (2006), é um desses teóricos que rompe com os parâmetros e noções de modernidade e racionalismo na poesia ao estudar o imaginário poético na percepção da imagem. A poesia, enquanto forma de manifestação literária mais subjetiva e sensível, no eu-lírico, exprime um estado de alma que se traduz em versos. Não obstante, é preciso não esquecer que essa relação também envolve uma relação não apenas com a alma, mas que parte de uma relação intrínseca com o espaço. Nisso, a crítica da geocrítica presente em Collot (2013), contribui com o estudo das imagens poéticas relacionando à literatura e ao espaço (literatura e meio ambiente). A partir de um direcionamento fenomenológico, propõe um novo olhar para relação do homem com a natureza.

A partir desta compreensão na relação homem e natureza, na perspectiva ecocrítica para a Amazônia, devemos questionar a natureza da narrativa ambiental mais de perto, e não simplesmente elogiá-la como se tem feito em frequentes estudos. É com este diálogo crítico que essa pesquisa traz a perspectiva de leitura na obra *Amazonas, pátria da água* (2002) de Thiago de Mello. Busca-se avaliar os modos de representação da natureza sob as lentes de um olhar crítico e questionador. Se faz necessário, na Amazônia, uma revisão do sistema de valores sobre a natureza, questionando os olhares da tradição orientalista ocidental. Para uma ecocrítica na Amazônia se faz pertinente repensar os modos como vemos e temos tratado a natureza.

A Amazônia é formada por imagens, paisagens, sensações, emoções e percepções que Gambini (2000), denomina de alma. Essa alma está ligada à Terra, as árvores, aos rios, aos animais e ao imaginário dos povos tradicionais que devem ser preservados. Na compreensão ecológica de Ingold (2015), estamos dentro dos complexos ecossistemas e ligados uns aos outros (vida humana e não humana) por teias de vida interconectadas e interdependentes. Somos a vida no vasto cosmos que toma existência na paisagem.

Thiago de Mello é um poeta que viu as concepções do progresso e as consequências deste progresso ao longo do tempo. A evolução de sua literatura transpassa pelas mudanças de percepção sobre a natureza dentro da crise das ideias que vive a humanidade no desabrochar da consciência ecológica. Como reflete Paz (1990), assistimos ao crepúsculo do futuro, mas à velha concepção de futuro e isso afeta as artes e a literatura. Primeiramente na concepção de um progresso aberto e infinito de dominação humano, mas os recursos da natureza são finitos e podem acabar definitivamente pela exploração acelerada e devastadora da natureza. Em segundo lugar estão os danos irreparáveis ao ambiente natural na destruição de biomas nos cenários apocalípticos das queimadas e milhares de hectares de floresta devastada. Enfim, todos esses fatores impregnam estas literaturas de instantes – instantes instáveis, obscuros e temerosos com o futuro do planeta em maio à degradação nociva ao meio ambiente.

Na realidade entrópica da Amazônia, o homem ainda avança e destrói os equilíbrios naturais que tornam nosso planeta habitável. A água, o solo e as florestas que sustentam toda a vida na biosfera são devastados sob a afirmação antropocêntrica e o aval cristão que impõe a conquista espiritual da natureza. O debate ecológico deve ser entendido num sentido mais amplo, não se resumindo apenas à natureza, mas incluindo as relações do homem com a natureza, sendo um balizador nas relações sociais na Amazônia (TORRES, 2005). Por fim, pensar a literatura de maneira ecológica no sentido mais amplo, é questionar não só o velho paradigma baseado em valores antropocêntricos, mas ter uma nova visão de mundo com valores ecocêntricos reconhecendo o valor de todos os seres vivos. Para tanto, é papel da ecocrítica perceber em que sentido a problemática ambiental encontra-se retratada na literatura e as concepções que circundam as noções de natureza.

CAPÍTULO III – A PROBLEMÁTICA AMBIENTAL RETRATADA POR THIAGO DE MELLO

Nós estamos dentro da Natureza e ela está dentro de nós. A natureza é um outro nome da Vida. (Mia Couto).

3.1 O recorte ecológico em Amazonas, pátria da água em diálogo com a nova abordagem sistêmica

Estamos dentro dos complexos ecossistemas vivos e ligados uns aos outros (vida humana e não humana) por teias de vida interconectadas e interdependentes. Somos a vida no vasto cosmos da existência a compartilhar do tecido vivo da Terra – composto por água, terra, plantas e ar – com todos os demais seres vivos. Por meio desta compreensão sistêmica²², nos realizamos na natureza e passamos a pensar o nosso real papel de humanidade na complexidade da vida.

As diferentes abordagens do pensamento sistêmico que denominamos de teorias lógicas, sejam as que formam tecidos, teias ou rizomas, buscam uma visão mais ampla para abranger a complexidade da natureza. Cada abordagem sistêmica são redes vivas que compreendem a crise ambiental a seu modo na ênfase dos aspectos conflitantes das ameaças massivas à vida na biosfera. Por estes caminhos, oferecem percepções, ideias e possíveis mudanças, seja ela advinda do conhecimento científico ou não científico, defendendo uma pluralidade do conhecimento.

Essa nova abordagem de interpretação da natureza é tomada como modelo de compreensão do conhecimento em conexões e interconexões de saberes. A multiplicidade sistêmica do conhecimento se compõe no entrelaçamento do conhecimento tido como científico e os saberes advindos da experiência empírica com a natureza como a dos povos indígenas, e o saber advindo da experiência poética.

²² A compreensão sistêmica entende o pensamento como sistema que se explica a partir das conexões e ligações múltiplas do conhecimento fazendo oposição ao pensamento cartesiano reducionista moderno.

A experiência subjetiva humana se conecta com o espaço, a natureza e a paisagem, tomando forma nas comunicações coletivas, entre elas a filosofia, sociologia, antropologia, as mitologias, o conhecimento ancestral e as artes como a literatura. Essas conexões se organizam em redes, teias, tecidos, rizomas e formam o pensamento como organismo vivo e multiforme em infinitas conexões, que Santos (2006) conceitua como a ecologia de saberes.

A relação entre literatura e meio ambiente pode ser entendida na nova abordagem sistêmica e ecológica como uma dessas linhas rizomáticas a tecer múltiplas interconexões nas relações do subjetivo, social e ambiental. O reconhecimento da multiplicidade da literatura e as conexões que ela própria faz demonstram que a literatura faz rizoma e traça no limiar da criação literária inúmeras outras conexões.

A abordagem sistêmica ecológica dos saberes cria ecossistemas de saberes defendendo uma postura mais ecocêntrica da vida e menos mecanicista. Por esse motivo, compreendemos que se estabelece uma ruptura com o pensamento mecanicista por um pensamento ecocêntrico, aparecendo uma questão epistemológica emergente na tentativa de tratar os principais problemas de nosso tempo.

Capra(2014) aponta a crise do meio ambiente, da mudança climática, energética e alimentar como problemas que não podem mais ser compreendidos isoladamente. São problemas sistêmicos conectados e interdependentes. A maior evidenciação destas conexões e interdependências é o aparecimento delas nas manifestações culturais, pois são interfaces de uma única crise, a crise de percepção.

A Ecocrítica, enquanto campo interdisciplinar dos estudos culturais é uma das múltiplas abordagens sistêmicas, bem como o pensamento decolonial e pós-colonial, surgem na América Latina, a partir da novidade da consciência ecológica na crítica ao velho paradigma e defende uma nova percepção da natureza. O ser humano não está mais fora da natureza como denota a dicotomia moderna, na verdade, nunca esteve fora, mas sempre dentro, embora desvinculado dela. Para um retorno vincular, se faz necessário uma mudança radical de percepção para fundamentar novas epistemologias e reposicionar não mais o homem, mas o meio ambiente como centro organizador do pensamento. Para Leff (2006), é preciso haver uma reapropriação social da natureza dentro de uma nova racionalidade na localização do ser humano como parte integrante do meio ambiente.



Figura 4: Tronco de árvore e digital humana. Somos da natureza.
Fonte: br.pinterest.com

A imagem ilustra a semelhança dos traços digitais humanos com as do tronco de uma árvore para expressar o vínculo comum com a natureza. Para além disso, ilustra uma visão ecocêntrica entre os seres humanos e as árvores, abordando a interdependência que deve existir para a manutenção da vida no planeta. As interdependências são inúmeras e a cada dia em virtude do egocentrismo, o homem fere mais agressivamente o tecido verde que cobre a terra.

Os estudos de Bateson (1986) sobre a natureza, demonstram que para recuperar nosso lugar no mundo natural, devemos abandonar nossa visão reducionista e mecanicista, principalmente da ciência para aprendermos a pensar a natureza. Isto posto, é preciso estimular a humanidade a refletir e se ver como parte da natureza. Krenak (2019, p. 12), considera que a “ideia de nós, os humanos, nos deslocarmos da terra, vivendo numa abstração civilizatória, é absurda.” Ela suprime a diversidade, nega a pluralidade das formas de vida e guia a humanidade na contramão do desenvolvimento de uma consciência e vínculo ecológico. Essa compreensão posta deve ser seguida e compartilhada em todas as formas de conhecimento e arte.

Abordamos a análise dinâmica da literatura, primeiramente como forma de conhecimento sistêmico válido e importante na ampliação do debate ecológico. Em segundo, compreendemos o olhar revisionista da natureza dentro do ecocentrismo como parâmetro de reflexão na análise de nosso objeto de estudo. A partir destes pressupostos buscar-se-á perceber em que sentido a problemática ambiental encontra-

se retratada na literatura de Thiago de Mello em especial relevo as prosas poéticas do poeta.

O recorte ecológico das poesias e prosas não se restringe a uma seleção de trechos colhidos. O recorte é contextual e temporal para situar dentro deste amplo debate ecológico os tratamentos que o poeta dá à natureza, em meio à novidade da consciência ecológica e da degradação acelerada da natureza na Amazônia. Ao traçar este recorte num diálogo sistêmico e franco, vamos poder avaliar com mais clareza dentro de um discurso atual, os tratamentos que o poeta dá à natureza, aos povos, animais, plantas e águas. Ao ressaltar estes tratamentos, estamos fazendo o rastreio das percepções que povoam o discurso poético, assim como as noções que moldam e dão contorno às representações literárias contidas na obra *Amazonas, pátria da água* (2002). O campo das representações na valorização subjetiva das imagens e paisagens para uma nova abordagem das representações literárias solicita uma noção sistêmica. Esta nova abordagem do imaginário advinda do devaneio é aquela da experiência poética com o espaço e o lugar, como elucida Bachelard (1988, p. 1), a saber:

Obriga-nos a um retorno sistemático a nós mesmo, a um esforço de clareza na tomada de consciência a propósito de uma imagem dada por um poeta, o método fenomenológico leva-nos a tentar a comunicação com a consciência criante do poeta. [...] Nas horas de grandes achados, uma imagem poética pode ser o germe de um mundo, o germe de um universo diante do devaneio de um poeta.

A nova consciência sistêmica é a retomada das conexões do campo da representação literária na conexão com o meio ambiente e as agonias deste ambiente. A consciência criante do poeta, expressada pelo eu-lírico, distende múltiplas conexões nas percepções, sensações e emoções com o lugar de experiência. No sentido fenomenológico das coisas primeiras, na experiência anterior à escrita, fruto do devaneio, percebemos as relações sistêmicas da linguagem literária que como um germe cria espaços, mundos e universos.

O universo literário toma forma e contornos nas experiências sistêmicas com o meio ambiente físico, das relações sociais e a subjetividade humana. Tais criações transcendem o literário e dialogam com as relações com a natureza pela estética literária moldada por uma preocupação ecológica emergente. Para exemplificar esse processo de dialogação e criação literária, temos a obra já apresentada anteriormente, *Primavera Silenciosa* de Rachel Carson (2010), que envereda a crítica ambiental pelo uso de agrotóxicos com os elementos da pastoral. A partir disso, expõe uma série de

dados, conceitos científicos e informações relevantes sobre a utilização do DDT²³ nas plantações americanas e os males à fauna, flora, os seres humanos e a Terra.

Em Thiago de Mello, como vimos ao longo deste estudo, se une os elementos estéticos e literários do exótico, exuberante, edenista e caricato para representar a Amazônia, apresentando a preocupação ambiental com a natureza na crise ecológica. O poeta utiliza-se dos gêneros da poesia e prosa literária para apresentar tanto a experiência poética, como dados, conceitos, informações e problemáticas ambientais. Dentre elas o aquecimento climático, o desmatamento, as queimadas, os povos, animais, plantas e a emergência da preservação da floresta para a manutenção da vida no planeta. A esta dialogação dos gêneros literários, a consciência ecológica e as noções científicas, se constrói a pátria da água de Thiago de Mello. Vejamos:

“São 350 milhões de hectares, são 70 bilhões de metros cúbicos de madeira em pé. Um terço da reserva mundial de floresta. Recolho da *Acta Amazonia* a notável revista do Instituto Nacional de Pesquisa da Amazônia – cuja publicação foi infelizmente interrompida nos últimos anos – que só no ano de 1972 foram extraídos da Floresta Amazônica 3,29 milhões de metros cúbicos de madeira roliça para a utilização pelas indústrias de serrarias, compensado e laminação ou exportação em toras.” (MELLO, 2002, p. 32)

Aqui, o poeta insere à dialogação literária dados relevantes sobre a densidade de floresta em pé em alusão à extração de madeira e sua destinação. A denúncia à utilização de madeira da Amazônia pelas indústrias ocidentais e a grande exportação de madeira, de forma predatória, demarcam o contexto a temporalidade em que circundam as preocupações ambientais do mundo com relação ao desmatamento na Amazônia. Isso é visível pelas grandes conferências e encontros internacionais no amplo debate sobre o aquecimento climático, que ajudaram a colocar a Amazônia, no centro das preocupações ecológicas e ambientalistas. Nesse ínterim, “progressivamente fomos nos dando conta, nos anos 1980, que o desenvolvimento tecno-industrial determina degradações e poluições múltiplas, e hoje a morte paira na atmosfera, prometida no aquecimento devido ao efeito estufa.” (MORIN, 2003, p. 33). A introdução desta nova ameaça no inconsciente coletivo²⁴ dá o esboço para a

²³ Pesticida orgânico introduzido nas plantações norte-americanas após a Segunda Guerra Mundial, para o controle de pragas e insetos. A obra *Silent Spring* reuniu um conjunto impressionante de dados científicos para mostrar que esse pesticida é nocivo à vida animal, humana e à própria Terra.

²⁴ O inconsciente coletivo é um conceito de Jung (2000), expresso pela camada mais profunda e universal das imagens e arquétipos idênticos a todos os seres humanos, construindo pensamentos suprapessoais que existem em cada indivíduo, mas pertencentes a um universo geral e coletivo.

formação de uma consciência ecológica planetária que em redes de informação toma conta do imaginário planetário.

A consciência ecológica planetária de Thiago de Mello situa o sentido de sua criação literária pela tomada de consciência na segunda metade do século XX. A novidade da consciência ecológica aflora nas manifestações culturais e transmutam do sentido de apenas uma representação ambiental, para a representação de um ambiente em ameaça. Constituem-se diferentes ecologias, que vão das ramificações culturais às linhas do pensamento filosófico e social. Dentro destas novas ecologias no campo epistemológica, se situa a análise Ecocrítica.

A Ecocrítica, uma teoria que surge quase que juntamente com essas literaturas, como explica Morton (2018, p. 44),

Nós apreciamos a fragilidade de nosso mundo do ponto de vista do espaço. Pensar grande não nos impede de cuidar do meio ambiente. O Google Earth y Google Maps convertem essa visão em questão de apontar o ponteiro do mouse e clicar.

São dessas novas compreensões que surgem as novas consciências ecológicas na compreensão da fragilidade do planeta Terra e a importância de preservar esse ponto de vida na imensidão do universo. Essa imagem da terra foi fundamental para despertar o homem não apenas para uma outra compreensão da vida, mas para despertar uma consciência ecológica. Porém, não precisamos sair da Terra para saber da necessidade de preservá-la. Muitas ecologias brotam da própria terra sem a necessidade de toda essa tecnologia para cuidar da natureza. *Amazonas, pátria da água* (2002) é uma dentre as diversas ecologias que se formaram com o florescimento da consciência ecológica.

Neste estudo, estamos avaliando essas ecologias no campo das representações com a postura da ecologia profunda. Pelas lentes sistêmicas analisamos os ecossistemas da natureza, percebendo-os numa relação interdependente com todos os seres vivos e os conhecimentos. A “adoção do conceito de sistema pela ecologia possibilitou a integração de conhecimentos anteriormente isolados” (SCARPELLI, 2007, p. 193), ao mesmo tempo permitiu o desenvolvimento de novas abordagens metodológicas e epistemológicas de abarcar os problemas de nosso tempo.

A consciência ecológica do poeta e a utilização da literatura como bandeira poética verde estão presentes nos modos de tratamento que foram dados à natureza amazônica, como vemos em *A floresta não sabe falar*. Analisemos:

O rio fala com o homem. O rio diz o que o homem deve dizer. Sucede que a floresta não pode dizer. A floresta não anda. A selva fica onde está. Fica à mercê do homem. Por isso é que há quatro séculos o

homem vem fazendo o que bem quer, sempre que pode... (MELLO, 2002, p. 32).

O poeta apresenta um problema nos usos da paisagem, e demonstra um problema definidor da natureza no natural oposto ao humano, social e cultural. Entendemos este não falar da natureza na abordagem de Foucault (2007) que explica como as exegeses literárias e cristãs tornaram a natureza silenciosa no discurso do Ocidente. Ocasionalmente, a natureza sai de uma presença viva para um objeto mudo e sem essências, dando significado e importância apenas aos sujeitos humanos falantes.

A natureza como imóvel, muda e silenciosa foi destinada a ser dominada pelo aperfeiçoamento das técnicas na previsão dos fenômenos que deram uma falsa sensação de que o ser humano controla a natureza. Foucault (2007) localiza estas racionalidades na ótica do Biopoder²⁵ como configurações ideológicas, políticas, estéticas e representacionais para dominar a vida no sentido geral. Em egocultivações²⁶ este discursos ecoaram ao longo do tempo se reinventando, porém, cultivando as mesmas estruturas de dominação sobre a natureza. Para Glotfelty (1996), simultaneamente, pelo egocentrismo humano de pensar ser superior e dominador da vida, criou-se a falsa ilusão de que controlamos a natureza. Na contramão dessa concepção, Thiago de Mello mostra o oposto dessa visão incompreendida da natureza. Observemos em *Os guardiães dos verdes*:

Agredida, violentada, a floresta se defende. Defende-se antes de tudo com o seu calor úmido, abafado. Com os cipós emaranhados, com os traçados de espinheiros. Com os negros e longos espinhos do tronco do *tucumanzeiro*, que, com bichos vivos, vão penetrando terríveis pela carne adentro. [...] Defende-se com os poderes de encantamento dos lendários habitantes da selva. Os poderes dos seres invisíveis. Nem todos invisíveis. (MELLO, 2002, p. 53-54).

Indo por uma via de reflexão profunda e entrópica, o poeta desmitifica a falsa ilusão de dominação da floresta. A natureza se defende utilizando como anticorpos os espinhos, cipós que a deixa mais densa e fechada, a fauna que defende a floresta. Os mosquitos durante a noite e o dia, os insetos venenosos e transmissores de doenças malignas ao homem, as suas feras como a onça pintada caçada predatoriamente. A floresta defende-se e não está meramente à mercê do homem e de sua dominação.

²⁵ Termo criado por Michel Foucault para referir-se à prática dos estados modernos e sua regulação dos que a ele estão sujeitos por meio de uma explosão das técnicas numerosas e diversas, para obter a subjugação dos corpos, o controle da natureza e das populações.

²⁶ Inspirado em Nietzsche, o conceito de egocultivações são as representações, ideias e discursos do egocentrismo que separam o homem da natureza e são cultivados na literatura e no pensamento social.

Thiago de Mello mostra que a natureza não silencia, não cala e as consequências do desequilíbrio ecológico tem mostrado cada vez mais num barulho estrondoso os resultados danosos da degradação ambiental. Os furacões, terremotos, enchentes, secas e o aquecimento climático deixam cair por terra cada vez mais a sensação de controle da natureza. No entanto, mesmo em meio às provisões mais apocalípticas, não se tem uma real mudança das ações humanas ao meio ambiente, pois não tem como mudar a realidade social e política, sem antes mudarmos de percepção.

Nas linhas globais, enquanto não caminhamos para além de um pensamento abissal²⁷, estaremos longe de partir para as mudanças ambientais dentro do campo social e político. De acordo com Santos (2007), as injustiças étnicas, raciais, sociais, de gênero e do meio ambiente estão associadas à injustiça cognitiva global. Para as mudanças de nosso tempo, se faz necessário romper com o pensamento ocidental moderno, para avançarmos numa nova percepção que ainda se põe em desenvolvimento.

As linhas abissais são as linhas do pensamento moderno que ainda estão presentes no pensamento contemporâneo. Como cartografias, produzem distinções, divisões dicotômicas, determinismo e perspectivas cartesianas. A perspectiva da paisagem na formação social da Amazônia tem linhas invisíveis do pensamento abissal moderno e do pensamento pós-abissal ecocêntrico. Embora trace linhas de um discurso ecológico, estas linhas decaem sobre as linhas demonstrando uma geografia abissal apresentando uma Amazônia orientalizada.

Mais diretamente, queremos dizer que as linhas abissais torna as linhas dos povos tradicionais, da cultura e natureza amazônica invisíveis com seus conhecimentos desvalorizados e encobertos por noções ocidentais. Então, antes de querermos tratar da degradação ambiental na amazônica, devemos resolver estas obscuridades presentes nos discursos que ainda insistem em retratar uma Amazônia nas geografias e cartografias do exótico e do mundo natural intocado.

A insistência brota justamente nas egocultivações que estruturam o sistema-mundo mecanicista nas representações em linhas globais, porém nas demarcações entre Velho e Novo Mundo. Assim, vemos novas egocultivações de Ocidente e Oriente

²⁷ O pensamento abissal, em Boaventura de Sousa Santos (2007), são as cartografias que demarcam o Velho e o Novo Mundo na era colonial subsistem estruturalmente no pensamento moderno ocidental e permanecem constitutivos das relações políticas e culturais excludentes mantidas no sistema mundial contemporâneo.

em Centro e Periferia, Primitivo e Civilizado, Urbano e Ribeirinho, entre tantas outras determinações cartográficas que ao invés de sair da lógica colonial, a cultiva. Torna-se fundamental sair da racionalidade moderna para uma compreensão sistêmica que abarque a diversidade do mundo que se faz necessária. Assim, surgem propostas como a Ecocrítica em reavaliar os modos como o pensamento e a própria literatura agem nas “intervenções e relações concretas na sociedade e na natureza que os diferentes conhecimentos proporcionam.” (SANTOS, 2007, p. 90). As linhas abissais estão nas relações jurídicas que não buscam soluções para a crise ambiental e social, associada à demarcação epistemológica moderna que sustenta a exploração da natureza, a desigualdade de gênero, étnica e racial.

Os processos de composição da paisagem da pátria da água de Thiago de Mello, no conceito-chave de Tim Ingold (2015), da *malha*, são uma textura de fios entrelaçados. Os fios abissais entrelaçados aos fios da globalização e da consciência ecológica teceram a representação global da Amazônia. No entanto, desprender as linhas ocidentais modernas com de novas epistemologias ambientais não é uma tarefa fácil, pois cabe um esforço cognitivo para desembaraçar os complexos orientalizados que continuam a se auto reproduzir. Vemos em Thiago de Mello ao abordar a formação da Amazônia pelo colonizador, expressando as conexões com a cultura portuguesa nas pontes imaginárias com a cultura amazônica, mas essas pontes trazem um sentimento de separação. Em Paz (1990), isso se marca pela presença forte da cultura colonizadora no imaginário, aos mesmo tempo que surge a consciência dos males da exploração na Amazônia que intensificam essa separação em nossa história espiritual – uma ferida presente nas coletividades amazônicas.

No campo das representações, as linhas marcam as fronteiras dicotômicas do pensamento mecanicista que separa o ser humano da natureza. A paisagem como malha tecida é um registro inscrito culturalmente e estando no imaginário cultural se forma a partir do campo racional dominante. A paisagem representativa de Amazônia em Thiago de Mello é uma paisagem que se forma nas linhas da globalização e na novidade da consciência ecológica, no sentimento forte de separação do pensamento ocidental moderno e dominado que foi tecido e inscrito na paisagem.

Nas egocultivações do velho paradigma, há novas conotações que invadem todas as compreensões socioculturais. Portanto, não é apenas na literatura que as novas conotações abissais aparecem, mais na música, pintura, cinema, teatro, entre outras, que ainda tecem o imaginário em linhas orientalizadas. Fica, pois, evidente as

transformações na Paisagem amazônica, implicando as transformações do espaço e lugar, que sempre foram interpenetradas pelo Ocidente. De acordo com Silva (2000, p. 259),

Há implicações de ordem teórica quando a Amazônia é envolvida no curso das mudanças sociais globais. Expõem-se, na mesma lógica, os diferentes níveis das razões globais e locais sob as formas sociais, jurídicas e geográficas dos agentes institucionais, das formas civilizatórias. Os problemas que a Amazônia carrega, produz e introjeta não são exclusivos das dinâmicas de seus lugares, são manifestações de formas múltiplas de o mundo invadir as aldeias, povoados, vilas, cidades, sobrepondo-lhes espaços novos.

Em linhas globais de egocultivações o pensamento dominante ocidental atua pelas lógicas sociais, jurídicas e geográficas gerando múltiplas transformações, em maioria permanentes e catastróficas ao ambiente e ao social. Perspectivas literárias como a de Thiago de Mello apreendem estas transformações e aproximam o invadir do mundo à sua matéria criante. É salutar dizer que a paisagem também se altera com as transformações e metamorfoses. As relações espaciais com o lugar propiciam as mudanças também na paisagem literária no vínculo entre literatura e meio ambiente.

A maioria das representações da paisagem amazônica em sua composição histórica quase sempre apreenderam a paisagem se restringindo ao campo visual. Além disso, essas lentes trazem noções egocultivadas da paisagem no ideário mecanicista, fragmentado e instrumental da natureza. Muitas das experiências são, nesse sentido, incompletas mostrando uma Amazônia fragmentada, espectral e rasa.

Essa crítica se faz na compreensão sistêmica da paisagem em Collot (2015), Ingold (2015) e Tuan (2015), no qual a apropriação da paisagem pelo observador se dá através da visão, mas também nos demais sentidos do corpo como o olfato, tato, paladar e as sensações e emoções que carregam esta experiência. Essa nova compreensão sistêmica da paisagem vai para além de uma experiência completa como solução para um entendimento mais profundo da natureza.

O pensamento sistêmico vem tocar profundamente na concepção de mundo natural que separou o homem da natureza e a tornou um instrumento de dominação. Garrard (2006) e Buell (1995) criticam essa visão reducionista de valorização da racionalidade mental humana que tira o valor significativo da natureza. Então, podemos tratar a separação entre mente e paisagem com a ruptura do vínculo com a natureza distendendo o pensamento humano da paisagem ambiental como coisas compartimentalizadas e separadas.

Os europeus separam os processos mentais do ambiente cognitiva e socialmente. As visões como estas de um mundo mecanicista como em René Descartes, Francis Bacon e Isaac Newton, “representou o golpe decisivo contra o universo orgânico habitado por nossos ancestrais.” (Garrard, 2006, p. 91). Isso posto, desloca-se de maneira absoluta as relações afetivas e maternas com a terra compreendida entre os povos tradicionais como mãe para um universo como grande máquina. Para Krenak (2019, p. 11-12),

Os únicos núcleos que ainda consideram que precisam ficar agarrados nessa terra são aqueles que ficaram meio esquecidos pelas bordas do planeta, nas margens dos rios, nas beiras dos oceanos, na África, na Ásia ou na América Latina [...]. A organicidade dessa gente é uma coisa que incomoda tanto que as corporações têm criado cada vez mais mecanismos para separar esses filhotes da terra de sua mãe.

O vínculo com a natureza rompido no Ocidente é lembrado pelos povos que ainda tratam a Terra como mãe nas afetividades, carinhos e cuidados característicos de uma mãe. As separações demarcadas pelo pensamento ocidental acentuam-se cada vez mais gerando nas localidades dos filhos da Terra, focos de resistência na preservação dos biomas e as culturas que colocam a natureza como centro de vida que aflora na poesia no coração da floresta amazônica.

Quando vemos as relações interiores da consciência humana com o espaço, percebemos que esta ruptura inexistente, pois estão interconectadas interna e exteriormente. Exteriormente estamos dentro dos sistemas vivos, pois dentro da biosfera não existe nada fora, apenas fronteiras políticas e sociais. Por fim, interiormente, onde os processos mentais da imagem e da paisagem se interconectam em nossas percepções e sensações com o meio ambiente.

Começamos a compreender em que sentido a problemática ambiental encontra-se retratada. Nas imediações da linguagem do poeta, temos o alerta dos perigos e ameaças à região, a trazer reflexões poéticas que buscam contornar os caminhos e trilhas do pensamento ocidental mecanicista e instrumentalista da natureza. Sua literatura, dentro de uma nova cartografia e geografia carrega um sentido ético da utopia poética esperançosa na credence de que se pode despertar os homens do silêncio da apatia, valorizando a justiça, fraternidade e a preservação da floresta. Como podemos observar, estas perspectivas estéticas compõem o sentido da pátria da água, imprimindo intrinsecamente uma reponsabilidade poética com a natureza amazônica. Uma responsabilidade que faz frente às demarcações dominantes na Amazônia e que estão presentes no inconsciente coletivo, assim como no imaginário.

3.2 Os futuros da Amazônia na problemática ambiental retratada por Thiago de Mello

Para Gaston Bachelard (1988), a imaginação sempre tenta um futuro e os devaneios poéticos são hipóteses de vidas que alargam a nossa vida dando-nos confiança no universo. O universo sonhado e imaginado nos é apregoado em futurismos, seja pelo sonho ou pela utopia de um mundo mais verdadeiro e justo. Na gama de poéticas, literaturas, filosofias e pensamentos que passam e transpassam o território amazônico, podemos dizer que foi-se imaginado inúmeros futuros para a Amazônia.

Em nosso percurso pelo imaginário literário, observamos as ecofases da paisagem e os processos que constituíram o imaginário na Amazônia. As arquiteturas do Ocidente e a visão instrumentalista²⁸ da natureza primeiramente imaginaram os futuros da Amazônia na dominação e exploração para a manutenção capital das grandes potências europeias. Em seguida, os processos de dominação e exploração seguiram-se no projeto de nação, mas de uma Amazônia à margem das projeções nacionais e incompreendida em potencialidade e território. Nas linhas mais recentes do tempo contemporâneo, se manteve muitas arquiteturas, além do aumento acelerado de exploração e dominação com os grandes projetos na Amazônia. As tentativas de desenvolvimento para a região, seguem as linhas de desenvolvimento eurocêntricas no crescimento político e econômico pela utilização predatória da natureza.

O desenvolvimento sustentável surge como outra imaginação de futuro, mas o próprio sentido de desenvolvimento coloca os interesses humanos acima da natureza interferindo no papel intrínseco de sustentação da vida, cabendo uma reavaliação dos modelos sustentáveis da atualidade. A obra *Amazonas, pátria da água* (2002), se vale desse substantivo como validade de sustentação e via de sobrevivência futura da Amazônia e se utiliza de estratégias poéticas para evidenciar os desastres ambientais. Eis aí como o eu-lírico é utilizado para pensar os futuros no alcance de uma Amazônia livre de seu profético fim apocalíptico, como podemos observar no poema *Raça de Âmagos*:

Filho da floresta, água e madeira,
voltei para ajudar na construção
da morada futura. Raça de âmagos,

²⁸ Doutrina de pensamento moderna que tornou o homem possuidor da natureza por meio de seu domínio total como mecanismo sem alma e mero instrumento a serviço da vontade humana.

um dia chegarão as proas claras
para os verdes livrar da servidão. (MELLO, 2002, p. 47)

Após a queda da ditadura militar, o poeta exilado retorna à floresta com perspectivas de futuros para a Amazônia e os povos tidos como raça de âmagos. As raças de âmagos, dentro da crise ambiental são os povos tradicionais indígenas e não indígenas nas linhas de frente do desmatamento e defendem a floresta em pé. Na contramão, invasores usam técnicas nocivas priorizando o lucro econômico a qualquer custo, buscando ter domínio total da natureza amazônica.

Simultaneamente, após se utilizar da poesia como reflexão ética, em prosa, Thiago de Mello, expõe seu conhecimento metafóricamente apresentando imagens dos efeitos em cadeia das ações mecanicistas e fragmentárias ao meio ambiente. É o que percebemos em *O homem acaba perdendo quando quer ganhar da mata*, a saber:

Sucedede que o homem, para vencer a floresta, derrota também a fauna. E tem na fauna mesma um grande objeto de sua cobiça. O animal tem carne para ser comida e couro para ser vendido. Há séculos que bichos do Amazonas vêm sendo abatidos, os da terra e os da água. (MELLO, 2002, p. 56).

A problemática ambiental assenta-se em números assustadores do narcotráfico de animais e a caça predatória em massa, assim como a destruição de seus *habitats* na luta incessante do homem pelo lucro em detrimento da natureza. Essa luta contra a natureza tem sido vencida pelo egocentrismo humano sem perceber que o fim da floresta, é o fim da humanidade. O poeta passa a inserir em sua poesia uma série de informações fazendo alusão ao quantitativo de um milhão de couros de jacarés exportados, nas últimas décadas, e as mais de vinte mil onças abatidas anualmente. A preocupação ecológica com a biodiversidade amazônica redesperta o sujeito da apatia com relação ao meio ambiente. De acordo com Kopenawa (2015, p. 480), “os brancos que antigamente ignoravam essas coisas, estão agora começando a entender. É por isso que alguns deles inventaram novas palavras para proteger a floresta.” As novas palavras estão na ecologia e na preocupação com a natureza.

A fim de mostrar claramente ao leitor as problemáticas ambientais que enlaçam a destruição da florestas amazônica, o poeta une a poesia e a prosa. Com um discurso leve, simples e emblemático expõem as assustadoras atrocidades que o homem tem feito ferindo a fauna e a flora. Igualmente, mistura-se o discurso literário e não literário (científico) para se falar do território amazônico. Se auto intitulado filho da floresta, o eu lírico se define como pertencente à região e produz para além da literatura, escrituras que se tecem no imaginário, a literatura, o espaço e as relações com o lugar.

A estas escrituras no limiar entre o literário e não literário que atravessam as fronteiras da literatura, Ludmer (2007) denomina de literaturas pós-autônomas.

A pós-autonomia incorpora nossa leitura rizomática nas múltiplas conexões entre autor, obra, linguagem, imagens, paisagens e suas representações que compõem o tecido do imaginário. Em tais conexões rizomáticas, as literaturas pós-autônomas “são e não são literatura ao mesmo tempo, são ficção e realidade.” (LUDMER, 2007, p. 1). A partir deste raciocínio sistêmico, compreendemos que o modo como o poeta molda as questões ambientais à sua estética literária, tanto em poesia como em prosa, expressam uma pós-autonomia literária. Isso possibilita uma liberdade do autor para cruzar os diálogos do literário e o não literário interconectados às experiências com a vida.

A teoria das literaturas pós-autônomas de Ludmer (2007), acentua a perda da autonomia literária na descentralização do conhecimento pela prática da imanência em Deleuze e Guattari (1995), e no fim das esferas do conhecimento e do pensamento marcado na arte pelos modelos estéticos dominantes. Mas em Thiago de Mello, vemos sua pós-autonomia, numa separação carregada por uma ferida nos males causados pela colonização e exploração da natureza.

A partir da literatura, o poeta entra na realidade amazônica, mas numa realidade representada na fuga das linhas do imaginário que se formou e forma sobre a Amazônia no contexto de globalização. Em virtude disso, temos inicialmente uma linguagem que entra na pós-autonomia ultrapassando as fronteiras do literário e moldando sua poesia ao conhecimento ecológico.

A este movimento de entrar na pós-autonomia está inserida a problemática ambiental na linguagem do poeta. Constantemente, caminhando na linguagem para os futuros da Amazônia, vemos a presença da problemática crise civilizatória resultante da crise de percepção. Por mais que os cenários sejam os mais improváveis possíveis, o fim é unicamente catastrófico e a paisagem destoa as mortes diárias da natureza. A consciência da crise civilizatória é a consciência ecológica que paira sobre o inconsciente coletivo do planeta Terra.

Nossa civilização, é uma “civilização da imagem”, assim denominada por Durand (2004), nas linhas da globalização em novas técnicas de produção de imagens como o cinema, a fotografia, a televisão e a internet. Essas ferramentas ajudaram a inserir mais fortemente no imaginário do planeta a crise do meio ambiente e da civilização por imagens e vídeos das queimadas, desmatamento, a poluição nos rios e

oceanos, assim como os desastres naturais. A eclosão das imagens da morte entrópica da Terra teceu a imagem da globalização e modificou permanentemente a compreensão humana da vida, mas não o suficiente para uma mudança de atitude perante o meio ambiente.

As articulações de imagens de um planeta agonizante em estágio de necrose de seus ecossistemas não se restringem apenas à Amazônia, mas uma variedade planetária de ecossistemas em esgotamento ecológico. Nas grandes cidades temos as imagens das chaminés nas casas e nos setores industriais liberando gases poluentes, aves e animais marinhos sujos de petróleo, o lixo preso ao corpo de tartarugas e pinguins, o derretimento das geleiras e ursos polares morrendo afogados, além das florestas derrubadas e ateadas em chamas. Todas estas imagens em processos virtuais de recepção constituíram o tecido da imagem da globalização e as alterações necróticas à paisagem provocadas pelo ser humano ao seu ambiente.

O retrato fotográfico do globo planetário do espaço dá à imagem da globalização mais força. Gonçalves (2006) pontua a tomada de força da imagem da globalização no imaginário da Terra por meio da fotografia do final dos anos 50 tirada pelo fotógrafo russo Yuri Gagarin, na qual viu-se pela primeira vez a Terra Azul do espaço. Mas a fotografia mais impactante foi a da expedição Apolo tirada da lua em 1969 com uma Terra azul, redonda e pequena diante da vastidão negra do universo. De acordo com este autor,

Essa imagem se tornaria um duro golpe na visão antropocêntrica. Nós que nos considerávamos Senhores do Mundo, pelo menos na versão do Renascimento europeu, nos víamos passageiros de um pequeno planeta – a Nave Terra. A Terra era um planeta finito solto num espaço infinito, ideias que começam a deixar de ser conceitos filosóficos e científicos para se tornarem IMAGEM. E, a partir desse época, a IMAGEM tornar-se-ia cada vez mais poderosa. (GONÇALVES, 2006, p. 11).

O entusiasmo da nova concepção que se solidifica com a imagem espacial da terra em sua fragilidade diante do espaço cria diferentes concepções, ideias e imagens. Às imagens damos atenção, mas elas não estão desprendida das ideias e concepções político-ideológicas que estão interdependentes a elas. Deve-se fazer a avaliação das novas ecologias que, embora tragam a presença da consciência ecológica, não estão dispostas a romper com o princípio econômico capitalista que denegre a natureza.

Para Ianni (2007, p. 13), a “descoberta de que a terra se tornou mundo, de que o globo não é mais apenas uma figura astronômica, e sim um território no qual todos

encontra-se relacionados [...] surpreende, encanta e atemoriza.” Esta ruptura drástica dos modos de ser e viver na Terra abalou em grandes proporções as visões de mundo nos mais variados campos de conhecimento.

Se compreendermos com clareza e exatidão, perceberemos que são as grandes potências em conferências internacionais que ascendem o alerta internacional da crise ecológica. De súbito, utilizam-se da força da imagem da globalização para mostrar o cenário entrópico de destruição planetária, alertando tanto as grandes potências econômicas, como as empresas a exemplo de Nike e a Coca-Cola para adoção de práticas mais sustentáveis práticas, essas que mantenham os seus interesses econômicos acima da natureza.

Como resultado, vemos medidas mínimas na emissão de gases poluentes, acordos econômicos para a redução do desmatamento e projetos sustentáveis, no entanto, sem qualquer mudança radical para frear a degradação ambiental. Soluções ao alcance humano existem, mas ficam inaplicáveis quando ferem o desenvolvimento econômico. Criam-se representações de futuros para a Terra em ecologias simulacras que reproduzem imperfeita e grosseiramente a crise do meio ambiente, metaforizando inescrupulosamente a degradação do planeta.

A globalização nos torna cada vez mais interconectados ao que acontece no globo, pois como parte de um único planeta, as problemáticas compartilhadas afetam a todos nós. Os buracos na camada de ozônio são uma dessas imagens que eclodiram e despertaram a apatia do homem para com a conservação dos ecossistemas. Em Thiago de Mello, vemos a presença forte da imagem da globalização na utilização dessas imagens globais fecundas na inconsciência humana contemporânea. Vejamos:

Você não sabe, meu leitor, o que é camada de ozônio? Eu também não sabia e tive que estudar para ficar sabendo. **Ela é uma coisa que a Natureza criou** para proteger os seres que vivem na Terra: as crianças, os passarinhos, as campinas, os jacarés, os pescadores, os rebanhos, os pés de graviola, a farinha-d’água, as garças, as vitórias-régias, as corujas noturnas. Pois, olhe, o fogo que arrasa cada vez mais a mata, provoca a formação de gás tóxico, **que vai subindo, subindo pelo céu tão azul do Amazonas**, e acaba ajudando outros gases ferozes, produzidos pelas indústrias dos países ricos, [...] **a furar buracos na tal camada de ozônio**, um milagre que a Natureza fez lá nas alturas para envolver a Terra e filtrar certos raios solares nocivos à vida. (MELLO, 2002, p. 14)

Em imagens de satélites da Nasa vemos os buracos na camada de ozônio tanto no sentido metafórico e representacional em imagem, como literal enquanto exemplo da construção científica e cultural das problemáticas globais da natureza. Ao analisarmos o discurso de Thiago de Mello, percebemos o seu entendimento das causas

para a existência de buracos na camada de ozônio, assim como a origem desta problemática. Ao situarmos a destruição da floresta amazônica como parte coletiva com as indústrias dos países ricos como responsáveis pelos buracos, percebemos a preocupação coletiva com a vida que se tem abaixo da camada de ozônio. Isso porque os buracos na camada de ozônio remetem ao real e simulado, literal e metafórico, cabendo também um entendimento que tente compreender a complexidade de tais interações.

A paisagem nos convida a transver estas interações em sua manifestação multidimensional dos fenômenos humanos e sociais em tempo e espaço. A globalização como fenômeno cultural, econômico, político e simbólico interfere na paisagem literal e se expressa na representação literária por articulações, entre natureza e cultura. Por este domínio, se manifestam imagens fortes da globalização existentes no lugar do percebedor que conecta suas problemáticas locais à crise global. Em *O futuro já começou faz tempo*, Thiago de Mello (2002, p. 87) descreve as violências diárias às águas amazônicas que são poluídas pelo ser humano do seguinte modo:

Sinto muito, leitor querido. Muito mesmo. É com pena, com indignação de permeio, que lhe digo que as águas amazônicas já não são as mesmas. [...] As nossas águas são dia a dia poluídas pelos óleos combustíveis dos navios motores [...]; pelas fezes dos passageiros dos navios e motores; por tudo quanto é lixo que se joga na água em toda a extensão dos barrancos habitados pelos ribeirinhos...

A poluição das águas é uma das imagens mais emblemáticas da globalização. As imaginações que se fecundam às suas margens percebem profundamente a deterioração da água pelo escoamento dos dejetos humanos. Neste trecho, Thiago de Mello fala com indignação sobre a poluição dos rios da Amazônia causado pelas embarcações que despejam óleos combustíveis, lixo e dejetos humanos nas águas doces que matam a cede, tangem o peixe para as comunidades tradicionais e matem ecossistemas aquáticos.

A inflexão de problemas literais como este para a literatura estabelece as nossas relações com ambientes não mais preservados e limpos, mas poluídos. As águas de leveza e pureza são encobertas por águas de doenças, sujeiras e manchadas de óleo, prejudicando animais aquáticos e terrestres. Ainda por cima, as descrições dadas pelo poeta são de uma paisagem das margens do rio que se transforma com a chegada dos barcos e a poluição das águas. Eventualmente, a relação com as águas voltada para uma topofilia no apego afetivo denota para o inverso – a topofóbica, a qual para Tuan (2015), representa o inverso da topofilia fazendo aversão e repulsa à água.

Sem dúvida, é necessário refletir sobre a poluição da água nas ramificações científicas e culturais, pois ela se mantém numa falha configuracional de percepção da Terra. É evidente a persistência humana na velha configuração moderna antropocêntrica como ideia fixa na paisagem que nos separa do rio e tira sua significação subjetiva. Krenak (2019, p. 32), enuncia esta velha configuração antropocêntrica ao imaginar mundos possíveis “no sentido de reordenamento das relações e dos espaços, de novos entendimentos sobre como podemos nos relacionar com aquilo que se admite ser a natureza, como se a gente não fosse natureza.” A fim de propor uma nova configuração que substitua a velha configuração, antes precisamos superar a própria ideia de natureza criada nas linhas mecanicistas e instrumentalistas.

O olhar sempre de fora da natureza nos leva a crer que não fazemos parte dela, parece que somos apenas observadores. Esta concepção de natureza como inteiramente exterior ao humano e a si mesmo como objeto feito em partes exteriores, surge, para Merleau-Ponty (2000, p. 17) a primeira ideia da natureza em Descartes como objeto exterior e infinito. Descartes elimina todo e qualquer predicado de valor e dá uma ideia de natureza como “aquilo que tem propriedades intrínsecas constitutivas em relação as quais tudo o que o observador pode introduzir é exterior.”

Esta ideia de natureza que descola o homem para fora dela persiste e se reinventa. Na desvinculação da filiação ao meio ambiente perde-se o vínculo afetivo, e sucessivamente o valor intrínseco da natureza em detrimento do humano. Sem dúvida, as poluições que ferem a terra, as águas, as florestas e os animais não alcançam a empatia humana, pois a natureza é uma outra coisa, um objeto de utilização. Enquanto não se reconfigurar o imaginário coletivo da Terra, os futuros estarão enlaçados à inquietação tofóbica de um desequilíbrio ecológico apocalíptico.

Em princípio, a reconfiguração sistêmica da imagem que temos da Terra, nos convida para uma mudança de percepção avaliando os modos como temos habitado o planeta acenando para um dever de responsabilidade. Na Amazônia, onde já se perdeu grande parte da mata nativa já foi colocada abaixo e o desmatamento cresce abruptamente, se faz urgente uma reconfiguração da utilização da floresta. Por certo, para a proteção da floresta, se faz necessária uma legislação ambiental forte com políticas públicas mais incisivas no combate ao desmatamento e leis duras para quem fere o meio ambiente. Entretanto, o velho paradigma configuracional está nos setores políticos, jurídicos, sociais e científicos que, estagnados na velha percepção, seguem

as diretrizes dos interesses humanos. Enquanto não mudarmos nossa percepção, pouco conseguiremos fazer para conter o desastre iminente à floresta e sua biodiversidade.

Latour (2018), aponta os desafios nas relações entre ecologia e política. Diante das transformações climáticas e das agressões aos ecossistemas e ao meio ambiente, carece de políticas realmente efetivas no refreamento do fim apocalíptico da Terra. O grande desafio é desenvolver uma ecologia política no âmbito das relações entre seres humanos e não humanos, pensado no coletivo, pois os desafios vão do campo epistemológico e simbólico, se estendendo ao social, político e jurídico.

A problemática ambiental assume as facetas de uma imagem de crise global. O sentido dessa problemática, retratada nas poesias e prosas de Thiago de Mello, constitui as múltiplas imagens da globalização. As imagens fortes dos milhões de hectares desmatados, os incêndios florestais, os animais mortos e carbonizados, a poluição dos rios e do ar criam representações da problemática literal.

O sentido da problemática ambiental apresentada em *Amazonas, pátria da água* (2002) se faz justamente na nova compreensão globalizada do planeta Terra, pequeno frágil imerso no universo. A vida que levou bilhões de anos para se desenvolver, em poucas décadas toma o rumo do fim e a imagem forte da globalização da Amazônia no mundo destoa cenários paisagísticos degradados, levantando a preservação da floresta para o equilíbrio climático se manter. Dessa maneira, a problemática ambiental levantada pelo poeta toma sentido juntamente com as formas que escolheu representar a Natureza. Ouçamos mais uma vez o poeta e escritor de literatura indígena, Tiago Hakiy, que nos fala sobre esta perspectiva ecológica de Thiago de Mello em pensar futuros melhores para a Amazônia:

O que eu pude perceber é isso. Eu estou na Amazônia, passo a viver aqui e o Thiago percebeu então que aqui tem muitos elementos de inspiração, mas não é só isso. **Ele sabia também da importância dele como escritor e usar a figura dele como um instrumento de defesa da nossa Amazônia** contra os garimpeiros, o desmatamento. Então, se eu estou aqui, moro aqui, eu vou ficar inerte vendo a minha floresta ser destruída? Vendo o rio ser contaminado pelo mercúrio e não fazer nada? (Entrevista, 2018, grifo nosso)

No apego ao lugar, a Amazônia, o poeta enlaça as questões ecológicas do lugar à grande preocupação ecológica global que jaz sobre a região amazônica. Nesse espaço de reflexão e imaginação se cria diferentes imagens, metáforas, figuras e alegorias que destoam a globalização da Amazônia. Ianni (2007, p. 14) explica que estas novas imagens da globalização “parecem florescer quando os modos de ser, agir, pensar e

fabular mais ou menos sedimentados sentem-se abalados.” A poesia de Thiago de Mello, em suas fases, sempre sentiu grandes abalos, desde a censura e opressão, à ameaça a existência da floresta amazônica.

É válido lembrar que a poesia de Thiago de Mello é uma poesia de contextos ditatoriais, que em tempos obscuros, a poesia, a utopia e o sonho se faziam de matéria poética no grito de liberdade. A liberdade, fraternidade e a crença no homem como agente de mudança do mundo denotam perspectivas poéticas espirituais e morais do ser humano e suas questões interiores.

No alto de sua maturidade, o poeta se abre para o exterior, mas um exterior globalizado em que as informações viajam rapidamente e situam sua região, a Amazônia no centro das preocupações do mundo. Como bem evidenciou nosso entrevistado, o poeta do lugar e intelectual reconhecido na defesa dos direitos humanos não poderia ficar sem fazer nada pela floresta em que habita e vive.

A este despertar para o verde no contexto de globalização da natureza se situa o sentido da problemática ambiental apresentada por Thiago de Mello. A esta afirmação compreendemos o que pode ter levado o poeta a adotar uma perspectiva de defesa da região, mas levantada a partir de uma grande questão. Na sua mudança de perspectiva poética, voltando-se para a defesa de uma região que nacional e internacionalmente dá fama e prestígio a quem defende, mas vemos que a fama, o poeta tem em toda a sua trajetória, e se utiliza dela para evidenciar as problemáticas locais.

Decerto, esta é uma importante obra para a compreensão da Amazônia e traz intrinsecamente um sentido de responsabilidade ética com a floresta num movimento do sair das linhas dos projetos futuristas simulados. Estas simulações expõem os cenários degradativos, mas com falhas configuracionais que não conseguem “ler um mundo cada vez mais complexo na sua multiplicidade de territórios discursivos.” (ORNELLAS, p. 149, 2013). Tal reflexão epistemológica se dá através da literatura, partindo desde as interpretações equivocadas que formam o imaginário ambiental que prejudica a evidenciação da realidade socioambiental amazônica.

O poeta que habita o mundo através da linguagem literária caminha, não pelo turismo estético em cartografias exóticas, mas propõe possibilidades de habitar o planeta com responsabilidade. Thiago de Mello expõe como modelo ecológico os povos da Amazônia, requisitando a utopia na relação harmoniosa com a natureza pela justiça ambiental e fraternidade humana com o planeta. Mas ainda é uma visão de

Terra distante da realidade política e social da natureza devido à problemática da percepção.

Cabe-nos aqui, falar das fronteiras sociais e culturais que precisamos enfrentar enquanto humanidade para alcançar estes futuros utópicos do poeta. Em outros termos, utopias como a levantada pela pátria da água são simulações que estão longe de entrar em prática, antes de resolvermos a crise paradigmática emergente. Assim, a tarefa inicial está em superar o antropocentrismo na ruptura epistemológica a caminho de um ecocentrismo afirmando o valor intrínseco da natureza.

Sem dúvida, os ecocríticos não estão aptos a resolver os problemas ambientais da Amazônia, mas podem dar soluções para os problemas perceptivos, metafóricos e representacionais que encobrem a dureza da crise ambiental. Logo, a Ecocrítica pode dar grandes contribuições na avaliação dos problemas ecológicos em debate hoje ajudando a redefinir, examinar e até resolver problemas ecológicas, nesse sentido mais amplo, aberto aos processos sociais e culturais (GARRARD, 2006).

As contribuições da Ecocrítica devem obstinar traçar rotas e fugas das linhas abissais que povoam o imaginário coletivo do planeta e propor novos futuros na convivência solidária com a Terra. Como propõe Ingold (2015), a principal tarefa é fazer um balanço do conteúdo dessas linhas lanceando as múltiplas trilhas, aonde quer que elas conduzam com o objetivo de rastrear estas rotas e fugas para trazer o pensamento de volta à vida.

A visão sistêmica na crítica ao sentido de natureza mostra que a natureza não é instrumento de nossa vontade, pois somos parte da natureza e estamos dentro dela interconectados aos sistemas vivos. A teia da vida de Capra (1996) mostra que somos apenas uma das linhas que compõem a grande teia viva que tece a vida no planeta, dos pequenos micro-organismos aos grandes animais. Deve-se superar a metáfora do egocentrismo, pois a nova compreensão científica da vida nada está acima ou abaixo, mas sempre no meio em interdependências ocultas.

Se existem futuros possíveis para a vida na Amazônia e em todo o Planeta Terra, eles não estão nas simulações simulacras rasas da globalização. Os futuros estão numa Ecologia Profunda, que não separa o homem da natureza e demarca fronteiras orientalizadas, nem compreende o mundo como um conjunto maquínico separado em partes. Ela entende as redes de fenômenos interconectados e interdependentes do ambiental ao subjetivo e imaginário no reconhecimento ao valor intrínseco de todos os seres vivos e da natureza.

O sentido fenomenológico que abarca esta análise sistêmica, vê a ecologia profunda de Capra (2014) como uma percepção subjetiva e íntima com a natureza tal como se manifesta nas poéticas bachelardianas. Quando nos vinculamos à natureza de maneira afetiva nos sentimos pertencentes e conectados como parte do todo planetário. De olho nas imagens e paisagens fazemos esta reflexão profunda em oposição ao raso sugerindo modos mais ecocêntricos de viver.

Em resumo, a análise Ecocrítica pelas linhas de ecologia profunda vem não só compreender profundamente o mundo a partir de uma nova racionalidade, mas a fazer questionamentos profundos aos modos como a natureza é construída e representada. A este questionamento se enlaça nossa leitura em Thiago de Mello na busca de abraçar uma obra multidimensional como esta do poeta e refletir os sentidos ambientais que tecem a pátria da água.

3.3 Árvore não é pulmão, mas o pulmão é árvore

A Amazônia como pulmão do mundo é uma das representações do Ocidente que torna a Amazônia visível aos olhos do mundo. Subitamente, essas representações ressoam em múltiplos ecos ecológicos que necessariamente não tem nada de ecológicos. Elas se forjam em discursos e representações cornucopianas que tornam os perigos à natureza ilusórios e exagerados. A floresta amazônica como pulmão do mundo é uma representação do Ocidente sobre a natureza, que além de incompreender o funcionamento da natureza, mascara o papel ecológico da floresta no equilíbrio climático da Terra.

Essas representações cornucopianas trazem em si a incoerência como principal característica, valendo-se dela para dar uma falsa preocupação ecológica e uma preocupação que não ultrapasse os interesses humanos. Nessa perspectiva, surge no contexto de globalização ambiental, diferentes representações e discursos na pegada ecológica, entretanto, nas técnicas ocidentais de representação. Em decorrência disso, repousa-se sobre a Amazônia, um universo representacional, textual, discursivo e linguístico que estrutura este território em cartografias de dominação partindo do Ocidente para demarcar o Oriente.

A grande leva de literaturas, filosofias e teorias ainda se valem dessas representações cartográficas ocidentais para compreender a natureza. Identificamos nestas novas compreensões de natureza dois sentidos. O primeiro deles se vale no sentido pejorativo com fins de interesse político e econômico. Já o segundo, se vale da utilização inconsciente destas geografias abissais, que mesmo nas representações mais bem intencionadas e abertas, ainda persistem em aparecer nas formas exóticas e edenistas.

Em contraposição a essas obscuridades que dividem o homem da natureza e demarcam novas fronteiras entre Ocidente e Oriente, as abordagens sistêmicas apregoam a instituição de um novo sistema de valores. Um novo sistema de valores que substitua o velho sistema baseado no cartesianismo antropocêntrico, visando o reconhecimento do valor intrínseco da natureza, um olhar de igualdade, baseado no ecocentrismo e uma interpretação mais clara de natureza em seu real papel e funcionalidade.

Graças ao orientalismo em Said (1990), pudemos avaliar os modos representativos da Amazônia no questionamento às interpretações estereotipadas e equivocadas baseadas no orientalismo como invenção do Ocidente. Em novas configurações, surgiram outras fronteiras demarcativas e dicotômicas reforçando uma colonização dominante através das imagens. Nesse sentido, conseguimos problematizar as problemáticas que envolvem o campo das representações no imaginário amazônico e traçar fugas sistêmicas para uma nova abordagem de natureza em sua funcionalidade entrópica que ordena toda a vida.

Escolhemos como título deste tópico final a metáfora *Árvore não é pulmão, mas pulmão é árvore*, para exemplificar as fugas que podemos traçar pelas linhas da reflexão orientalista na busca de desterritorializar compreensões errôneas sobre a Amazônia. Dentro do campo epistemológico e do debate ambientalista, a Ecocrítica serve como caminho para a reconfiguração destas noções nas ciências humanas e sociais, e até na cultura, para dar contribuições e nos relocalizar na natureza.

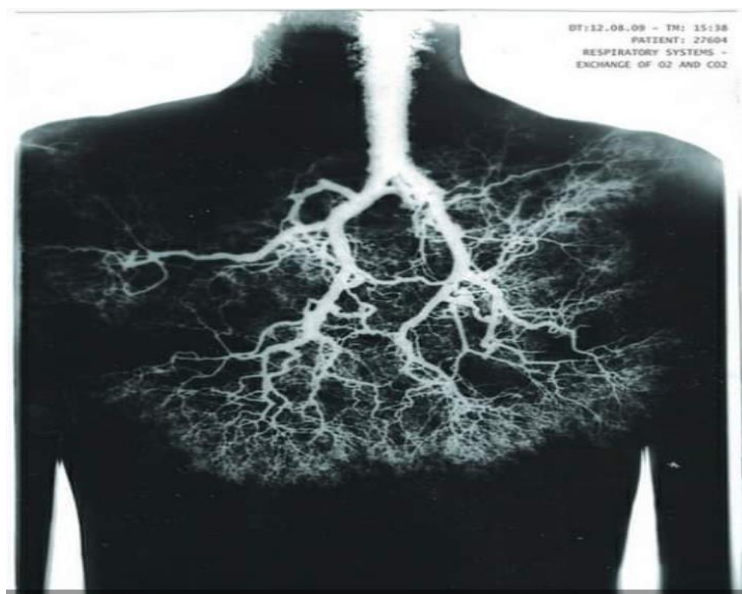


Figura 5: Árvore não é pulmão, mas pulmão é árvore.
Fonte: pt.dreamstime.com

Nesta imagem temos um raio x ilustrando o aparelho respiratório humano pulmonar. Vendo-o profundamente, percebemos como o ar circula pelo labirinto de tubos que lembram a formação de uma árvore. Esses vasos e linhas são os brônquios que se ramificam e formam a rede pulmonar na circulação de ar. O pulmão pode ter uma aparência em redes que lembram uma árvore, mas a árvore, em sua funcionalidade não tem nada a ver com o pulmão. O saldo de oxigênio gerado pelas florestas é relativamente pequeno e mascara o real papel da Amazônia no equilíbrio climático do planeta. Modos ecológico de pensar como estes são ecologicamente enganosos e necessitam ser retoricamente criticados.

Frequentemente associada a pulmão do mundo, não se compreende o papel que as florestas possuem na absorção de grandes quantidades de carbono que são jogados na atmosfera da Terra devido a poluição. A destruição das florestas prejudica este processo e potencializa o efeito-estufa proeminente da poluição humana. Se a floresta amazônica tem um real papel, está na grande quantidade de água que lança na atmosfera, mantendo o equilíbrio das chuvas e eventualmente do clima.

Essas ecologias falsas desfalcam as consequências cataclísmicas de destruição das florestas acelerando o efeito-estufa, os buracos na camada de ozônio e o desequilíbrio climático do planeta. Mascaram a agonia pulsante da floresta, da fauna e os povos que estão sendo dizimados em favor da manutenção do mercado capitalista globalizado. Faz-se necessária uma crítica a estes modelos ultrapassados que tratam equivocadamente a natureza.

Nas representações de Thiago de Mello, identificamos as diferentes noções dentro de seu debate ecológico na demonstração de uma consciência ecológica e compromisso ético com o meio ambiente amazônico. Em uma dimensão de análise mais completa, percebemos a composição de uma obra que se lança em defesa da floresta, de seus bichos e suas gentes. Por mais que escolha as vias de um discurso raso de natureza, encontramos também reflexões profundas, que demonstram um sair das noções exóticas, embora não completamente. Observemos:

Estas maldades só servem de pretextos para a pretensão dos que se julgam donos do mundo de internacionalizar a Amazônia e exigir do Brasil a perda de sua soberania sobre os nossos verdes. Pois nada disso é verdade. A Amazônia – que pena! – não é pulmão do mundo. Nem do mundo, nem dos seus habitantes da própria floresta, para os quais sobra um bocadinho de nada. (MELLO, 2002, p. 91)

Neste trecho o poeta aponta os sentidos por trás dessas ecologias maldosas que pairam sobre a floresta. Mais do que isso, demonstra uma preocupação com as noções sobre a problemática amazônica fundamentada em discursos rasos e equivocados.

A insistência em trazer representações de imagens e paisagens do exótico, edenista e caricato está na própria presença destas representações como dominantes sobre a Amazônia. Quijano (1997), assinala a colonialidade do poder nos domínios políticos, econômicos e principalmente o simbólico sociocultural do Ocidente sobre as nações orientalizadas. Nisso, podemos dizer, que, ainda estamos diante de um imaginário com resquícios do colonizado, e embora estejamos em contexto de globalização, ainda são utilizados os mesmos mecanismos para ter poder e controle sobre a natureza.

Torna-se necessário haver uma “mudança de visão e das nossas atitudes em relação ao mundo animal e vegetal – uma ética biótica – é necessariamente baseada numa mudança de imaginação cultural.” (WALTER, 2012, p. 143). Devemos sair dos modos imaginativos ocidentais para buscarmos perspectivas que nos permitam pensar de maneira mais ecológica a maneira como habitamos a Terra. A ecologia profunda convida a literatura e demais manifestações culturais para este desafio.

De forma quase pioneira, o poeta Thiago de Mello traz a temática ambiental num contexto de década de 1980, onde as questões ambientais já eram debatidas, mas de forma tímida. O documentário *Amazonas, a pátria da água* (1981)²⁹, com edição do Globo Repórter, roteiro, texto e narração de Thiago de Mello são um desses primeiros ecos sobre a importância da preservação da Amazônia e sua biodiversidade. A

²⁹ Globo Repórter: Amazonas, a pátria da água, 01/10/1981: memorialglobo.globo.com

reportagem do programa da Rede Globo, mostrou como a vida na Amazônia se relaciona com a água. A equipe viajou ao longo do Rio Amazonas e de seus afluentes para mostrar o modo de viver, morar, de comer, de se locomover e os mitos amazonenses.

Para além dessas questões, a reportagem se inicia falando das muitas afirmações feitas sobre a Amazônia. A Amazônia é o pulmão do mundo, a Amazônia é a última grande reserva natural do planeta. Na Amazônia se construirá a civilização do futuro. Firmações, essas que desde a década de 1981 são feitas com cada vez mais frequência.

É curioso que não se faça uma outra afirmação que deveria anteceder qualquer uma daquelas, uma afirmação simples. A civilização da Amazônia é e precisa continuar a ser uma civilização da água porque na Amazônia está um sexto da reserva mundial de água potável e está a maior rede de rios que se conhece. Em consequência, nada se faz e nada se poderá fazer na Amazônia, nem um projeto de ocupação e desenvolvimento sem levar em conta essa realidade.(MELLO, 1981)³⁰

É a esta consciência que o poeta busca inspirar. Na construção de um roteiro com aproveitamento de partes do texto da obra *Amazonas, pátria da água* (2002), que havia sido censurada pela ditadura militar, Thiago de Mello que nasceu e vivia nesse período no interior do Amazonas, conduz os espectadores por uma viagem ao longo do rio Amazonas e suas afluentes para mostrar que na Amazônia profunda tudo se relaciona com a água. Desde a locomoção, alimento, trabalho, os mitos, a vida e a morte.

O documentário se inicia mostrando as embarcações, as comunidades e os habitantes que vivem às margens do rio. Em seguida, as imagens apresentam Thiago de Mello chegando à Serra do Espelho com a equipe de reportagem e uma canoa a remo num lago encoberto por pequenas vitórias régias. O poeta versa:

Chegamos hoje de manhã bem cedo aqui à serra do espelho da lua, na margem esquerda do rio Nhamundá. A mais de 400 anos atrás, Frei Gaspar de Carvajal, cronista de Francisco Orellana, o primeiro navegador dessas águas registrou aqui a presença das lendárias índias guerreiras que deram nome ao rio Amazonas. **As crianças, os homens e as mulheres aqui desta serra, desse pedaço do Amazonas nunca leram os cronistas antigos**, mas estão seguras de que aqui viveram, aqui amaram as famosas índias Amazonas. E era aqui nesta lagoa, a lagoa do espelho da lua que as Amazonas vinham banhar-se todas as manhãs. (MELLO, 1981, grifo nosso.)

Na fala do poeta conseguimos entender a sua compreensão de Amazônia dentro do imaginário que constitui o sentido desta região para o imaginário coletivo do mundo. O papel dos mitos trazidos pelo Ocidente deram os contornos ao sentido que

³⁰ memorialglobo.globo.com

representa o rio Amazonas para o poeta, mas para quem vive às suas margens e só conhece a linguagem das águas, este rio continua a ser um Paraná Açu, um grande rio. É neste interim e localização social, histórica e cultural que o poeta se lança em defesa da pátria da água. Nosso entrevistado, o poeta Eupídio Nunes, nos rela que:

Thiago de Mello pega esse mote da questão amazônica, saindo a frente no debate da preservação ambiental e passa a trabalhar esse tema na sua literatura. Em sua sensibilidade de poeta, ele já tinha essa visão de que a Amazônia poderia ser utilizada de maneira danosa. (Entrevista, 2018)

Nesse espaço global que é a Amazônia, Thiago de Mello abraça os principais temas da globalização ambiental para a sua literatura. Para Silva (2000, p. 117), a “visão da Amazônia como um ecossistema de importância é uma posição nova. Adveio de uma expectativa de utilização dos recursos naturais com a ideia de que a apropriação nacional de recursos não-renováveis” não tem o paio de outras esferas de conhecimento. No contexto de globalização da Amazônia, ela se integra ao restante do planeta e sua destruição afeta toda a vida na Terra.

Esses processos de destruição se dão em processos de longa duração que embora não sejam tão visíveis, não deixam de ser menores, pois ocorrem de forma mais lenta e corrosiva. A esses desastres lentos estão a corrosão do solo, a poluição do ar e da água dos rios que lentamente afetam a saúde dos animais, plantas e gentes. Nixon (2011), chama estes processos de *violências lentas*. A esses processos de longa duração a Ecocrítica privilegia.

O garimpo ilegal é uma das violências que geram violências lentas. Primeiramente a deterioração do solo que perde todos os seus potenciais nutritivos criando grandes feridas na selva, depois a utilização do mercúrio manchando as águas doces que suprem a sede dos seres vivos em suas margens e dentro dela. Essa é uma das muitas violências que lentamente vão deteriorando a vida ao longo do tempo e estão à margem do esquecimento e da atenção tanto do poder público, como da espetacularização cultural, que não é suficiente no combate à degradação natural. São violências diárias que tem atenção desigual diante da enxurrada midiática sobre a Amazônia. Para contornar a espetacularização midiática que não dá respostas pertinentes para solucionar a crise ambiental, precisamos ver mais profundamente as problemáticas ambientais e seus resultados a longo prazo.

Thiago de Mello é um escritor de seu lugar, a floresta amazônica e evidentemente, sua literatura ajudou a instigar mais ainda o olhar para a destruição ambiental. Deve-se reconhecer que a obra do poeta ajudou a dar as definições imaginativas para as principais questões, em jogo, aumentando a visibilidade pública da causa. Isso faz desta icônica obra de Thiago de Mello um texto de perspectiva ecocrítica a estilo de outros intelectuais como Carson que se utilizam da literatura para dinamizar as ameaças ao meio ambiente e aos seres vivos. Afora as problemáticas existentes em sua linguagem dentro do campo das representações, o poeta se coloca como escritor inquieto e versátil, na quebra de silêncio literário diante da destruição da natureza.

Apresentamos ao longo de nosso texto as problemáticas dentro do campo representacional da literatura e as estruturas discursivas, estéticas e representacionais dominantes no diálogo com a poesia de Thiago de Mello. É evidente que o exotismo é um tema vendável, chama mais a atenção e engendra curiosidade, além de ser “de uma maneira incisiva como um processo de ocidentalização do mundo...” (PINTO, 1999, p. 45) É um exotismo essencialmente moderno que ainda se mostra presente em vários aspectos da cultura no tempo contemporâneo, mas tem se traçado fugas na literatura, nas demais artes e da linguagem no tempo contemporâneo, pela fuga das ideias e representações como selvagem, exótico, primitivo e indolente.

Isso faz da pátria da água de Thiago de Mello uma importante representação dentro deste diálogo, pois aborda os processos formadores da Amazônia pelo Ocidente na composição de um imaginário orientalizado, mas trazido no ressentimento pela degradação ambiental e genocídio cultura que dá à obra uma dimensão ética literária. De acordo com Walter (2012, p. 147),

A estreita ligação entre a geografia (paisagem/ lugar/ espaço/ natureza/ terra) e a *episteme* cultural, por um lado, e a contínua destruição da Amazônia em nome do progresso econômico e de um consumo desenfreado, por outro, fazem necessário o estudo dos textos literários sob o enfoque de uma teoria que ligue questões pós-coloniais e ecológicas.

A estreita relação entre a literatura e o espaço esboçam na contemporaneidade um compromisso muito maior. O estudo dos textos literários se faz salutar, pois as geografias dominantes do progresso moderno que dividem homem e natureza ainda se fazem presentes, mesmo que em configurações novas. Nesse sentido, uma análise baseada num eixo interdisciplinar entre ecologia e cultura são fundamentais para

examinar as posturas de formas textuais, estruturas, representações, discursos e temáticas estéticas para uma leitura desterritorializante.

É, pois, no alto de sua maturidade que o poeta passa a adotar uma postura de defensor da Amazônia, mudando de uma percepção característica dos poetas de contexto ditatorial nas preocupações interiores do homem, para uma preocupação exterior com a natureza amazônica. Esta é uma ideia não só politicamente correta, como também tem um direcionamento ético tão valorizado pelo ecocríticos. Na análise das poesias e prosas contidas na obra *Amazonas, pátria da água* (2002), encontramos a consciência ecológica amarrada às principais problemáticas da Amazônia no contexto da globalização.

A aproximação da consciência ecológica com o signo linguístico nos ajuda a entender o que levou Thiago de Mello a adotar uma perspectiva de defesa da região, o seu lugar. Seu retorno na década de 1970 em meio à novidade da consciência ecológica, as conferências internacionais como a de Estocolmo e a efervescência do movimento ambientalista, ascenderam no poeta a necessidade de defender sua região. Reconhecido internacionalmente como o poeta do Amazonas, não poderia se manter apático à degradação acelerada da Amazônia.

A constituição do sentido da problemática ambiental fragmentada nos leva a entender que a obra foi elaborada dentro deste ideário ocidental que compõe o imaginário amazônico. Para Said (1990, p. 13), toda obra que tente fazer uma leitura dos lugares não ocidentais, seja literário, filosófico ou científico, é em si *orientalismo* “baseado no lugar especial ocupado pelo Oriente na experiência ocidental europeia.” Dentro de uma dimensão estética e ética o poeta lida com essas aversões e privilegia a dimensão ética da efervescência dos desastres ambientais e conflitos territoriais indígenas com madeireiros e garimpeiros.

As novas abordagens pós-coloniais e ecocríticas amarradas em novas epistemologias como a ecologia profunda e o pensamento sistêmico nos convidam a romper com essas percepções. Romper com essas percepções é sair da colonialidade a partir de uma visão mais sistêmica da vida, portanto, deixando os modos estéticos dominantes de representação que apenas valorizam a percepção dos olhos, para uma percepção mais completa que englobe todos os sentidos e nos dê novas representações.

A análise ecocrítica em Thiago de Mello se faz como fuga da modernidade para uma leitura descolonizadora, nos ajudando a repensar os tratamentos que temos dado a natureza. Isso vale tanto para a humanidade, o mundo científico, assim como para a

própria literatura. Repensar o sentido das representações afastando-se dos estereótipos que subjagam a natureza, as mulheres, os povos e demarcam as fronteiras que separaram o homem da natureza gerando inúmeras desigualdades.

A metáfora *árvore não é pulmão* é uma exemplo das muitas ideias e representações que circundam as linhas do imaginário da Amazônia desde a chegada do colonizador europeu. Perpetraram no inconsciente coletivo, no imaginário e se impregnaram na paisagem vista pelo mundo nas demarcações do exótico, edenista, caricato, paraíso do éden e tantos outros mitos. Essa espetacularização da Amazônia continua na globalização da Amazônia que mal interpretada e conhecida, é utilizada em serviços danosos à vida da floresta tropical e ao equilíbrio climático da Terra.

A força da imagem da globalização constitui o estágio supremo da internacionalização, à amplificação em sistema mundo de todos os lugares e de todos os indivíduos, embora em graus diversos. Essa unificação do planeta que espetaculariza suas tragédias não dão a dimensão realista das reais consequências, pois evidenciam desastres eventualmente de maior atenção em detrimento de outros.

A atenção dada à paisagem nos permite sair do ciclo midiático de espetacularização para tratar de maneira mais próxima e íntima do lugar do espectador os desastres ambientais. As literaturas desses lugares de conflito, seja na floresta ou nas periferias nos dão a dimensão mais heterogênea do espaço que inclui o lugar, área, região, território, *habitat*, paisagem e população habitados pela linguagem.

É o papel da ecocrítica dar atenção ao lugar em suas conexões com as problemáticas globais. Escritores latino-americanos como Thiago de Mello, Octavio Paz, Eduardo Galeano, e muitos outros tem demonstrado a preocupação ecológica com a natureza. A aparição da consciência ecológica do diálogo entre literatura e ecologia é a demonstração do despertar da apatia para o cuidado com o planeta, pois o progresso moderno tem um limite. O efeito destas preocupações no mundo contemporâneo com o meio ambiente podem ser rastreados em todas as ramificações culturais, mas cabe à análise crítica cultural revisar os sentidos na contramão da exploração da natureza.

Considerações Finais

*Nós vivemos na Terra como se tivéssemos
outra para ir.*

(Terry Swearingen)

Pelas vias do Orientalismo, em Edward Said, analisamos a construção do meio ambiente como construto social e linguístico enquanto invenção do Ocidente. Nesse processo analisamos a obra *Amazonas, pátria da água* (2002), do poeta Thiago de Mello, objeto de estudo desta investigação. Numa obra que tematiza a Amazônia e as múltiplas implicações sociais, ambientais e culturais buscou-se dialogar sobre os diferentes dualismos, estereótipos e modelos estéticos dominantes. Estes elementos dão os contornos do que Pinto (2005), considera ser uma geografia do exótico para intensificar a dominação ocidental aos territórios orientalizados.

A literatura como expressão simbólica da relação do ser humano com a natureza nos permite observar o mundo exterior através dela. Na Amazônia, esse mundo exterior se mistura com o mítico e o sagrado na profunda relação rizomática com a floresta e as águas. As conexões e interconexões das mentes imaginantes que vivem às margens dos rios produzem inúmeras reflexões com o espaço e o lugar em comunidades imaginárias ecológicas.

Na contramão do modelo árvore, as conexões rizomáticas, produzem zonas de intensidade contínuas a formar imagens e paisagens no habitar o mundo, por meio da linguagem. Ao transpassar territórios em infinitos graus de desterritorialização, o imaginário amazônico se tece no movimento de tecelagem da mente e suas exterioridades. Esses processos sistêmicos nos são palpáveis e perceptíveis na linguagem, na literatura, pintura, cinema e dança, materializando nossas relações com o mundo que oferece infinitas possibilidades imaginárias.

O imaginário é um tecido composto com linhas de multiplicidade. Esse imaginário que recobre a Amazônia se tece na vidas dos animais, das plantas, águas e das gentes, na ecologia sistêmica da vida. Não obstante, também se tece nas linhas horizontais do olhar ocidental abissal nas demarcações entre primitivo e civilizado, urbano e ribeirinho, centro e periferia, civilizado e natural, que separam o homem da natureza e o colocam acima dela.

Em nossa viagem literária percebemos os elementos do exótico, caricato e edenista que foram usados para ajudar a definir e significar a Amazônia para o restante do mundo. É um imaginário dominante que mesmo passado os contextos coloniais, ainda se faz fecundo na imaginação dos povos. Isso é evidenciado nas formas literárias, na qual a visão ampla da região amazônica ainda é de um território selvagem em estágio de evolução. Sustentam-se, nessa visão, os diferentes mitos utópicos e falsos que permearam a constituição da grande imagem da maior floresta tropical do Planeta.

Dentro do campos das representações vemos a força da imagem da Amazônia no contexto de globalização. A literatura, em diálogo com o pensamento científico se mostra como importante vetor de mudança paradigmática do pensamento humano. A maneira como a linguagem toma conta do mundo demonstra infinitas formas de percebê-lo e imaginá-lo para dar propostas de reabitação do próprio mundo.

A emergência ecológica nos solicita novos modos de habitar o planeta em meio à sua destruição entrópica. O alerta ecológico de 1972 ainda se faz presente diante de uma civilização que mais do que nunca, assiste a destruição planetária, mas não se movimenta para uma mudança frente aos desastres climáticos e naturais. Faz-se emergente uma mudança de percepção para resolver as problemáticas de nossos tempo.

A crise ecológica global é oriunda de uma crise de civilização e não pode mais ser entendida de forma isolada, assim como não pode mais ser estudada separadamente. Faz-se urgente também, uma visão mais ecológica para os saberes, pois os problemas de nosso tempo são resultantes de uma única crise, a do pensamento. Além disso, as principais ameaças à vida na terra são oriundas do conhecimento científico que se situa numa lógica moderna de dominação total da natureza para o progresso humano.

A Ecocrítica faz a crítica ao antropocentrismo que subjuga a natureza em detrimento dos interesses capitalistas. Em uma postura ecológica profunda, defende o valor intrínseco da natureza, visando a criação de novos valores para se relacionar com ela. Assim como as teorias de gênero defende a igualdade de direitos entre homens e mulheres, a ecocrítica defende uma relação de maior igualdade e responsabilidade com toda a vida na Terra.

Sob este ponto de vista, nossa leitura ecocrítica de Amazônia buscou verificar de que forma se dá o encontro entre a literatura de Thiago de Mello e o pensamento ecocrítico. Ao identificarmos as representações dadas pelo poeta, traçamos uma leitura

desterritorializante, buscando problematizar as principais questões levantadas dentro do seu discurso poético em defesa da Amazônia.

Identificamos inicialmente os elementos dos rios e das águas nas poesias e prosas do poeta, dando destaque ao devaneio e o imaginário ambiental amazônico na obra *Amazonas, pátria da água* (2002). Em nossa investigação identificamos uma série de elementos nos modos de tratamento dados à natureza amazônica trilhando uma dimensão ético por um percurso estético e cultural da Amazônia.

Por muito tempo, na Amazônia se privilegiou a presença de elementos como o exótico, caricato e do paraíso do éden como perspectivas estéticas utilizadas na representação da Amazônia, principalmente nas artes. Frequentemente utilizando-se desses esquemas interpretativos, apresentava-se uma Amazônia numa geografia de demarcação entre Ocidente e Oriente, assinalando a separação entre homem e natureza.

Em sua linguagem literária vemos a existências de modelos estéticos dominantes que foram dados pelas literaturas de informação e emprestados dos românticos, desde a formação da literatura brasileira. A presença desses modelos estéticos evidenciam estruturas discursivas e representacionais de poder, que ainda pairam sobre a literatura, mesmo nas mais recentes, como a de Thiago de Mello.

Na literatura de Thiago de Mello percebemos essa relação que nos une e nos separa da tradição europeia. Mas isso se evidencia justamente pela separação não apenas cultural, mas espiritual que vem ocorrendo nas últimas décadas pela consciência ecológica, étnica, racial e de gênero. Isso nos convida a uma alto avaliação quem somos e do nosso papel perante a natureza.

A geração de escritores a qual Thiago de Mello se configura como poeta, é de muito antes do surgimento da consciência e movimentos ecológicos, mas já se podia encontrar manifestações de preocupação com o meio ambiente e a natureza como casa comum do mundo. Ao longo de nossa análise, podemos perceber o desabrochar dessas preocupações a partir da década de 1980, demonstrando um ser um dos pioneiros literários dentro da perspectiva ambiental de preservação da natureza.

Na sua trajetória literária, o engajamento se faz presente na solidariedade, fraternidade e na compreensão do ser humano em sua relação com o mundo. Esse engajamento se reveste em suas fases literárias pelos direitos humanos e na utopia poética na visão de uma sociedade mais justa, fraterna e consciente. O meio ambiente e natureza, em sua linguagem literária se fazem nesse mesmo engajamento.

Esta icônica obra da literatura amazonense é tida pela crítica como um dos grandes manifestos verdes em defesa da natureza e do planeta Terra. Inquestionavelmente, é uma obra em defesa do meio ambiente que surge na década de 1980, na efervescência da novidade da consciência ecológica, momento em que a Amazônia acaba se tornando o centro das atenções do mundo no debate ambientalista internacional.

Não obstante, este estudo reconhece que o poeta, no alto de sua maturidade, muda de postura, assumindo uma posição mais política em sua literatura. Passa a adotar um enfoque mais militante em defesa da Amazônia, por assim dizer, frente aos sucessivos desmatamentos, queimadas e extermínio animais. Com o propósito de entender o que levou o poeta a adotar esta mudança de perspectiva, a investigação na linguagem do poeta nos mostrou diferentes facetas em sua trajetória literária.

Então, constatamos que o poeta e intelectual da Amazônia, não poderia ficar indiferente frente à destruição apocalíptica de seu lar e lugar no mundo. O impacto da novidade da consciência ecológica movimentou todo um contexto cultural em que estava inserido e, assim, Thiago de Mello, se manifesta em defesa da natureza. Na união de poesia e prosa em diálogo com o discurso ambientalista, conceitos e dados científicos, buscou traçar uma perspectiva de texto ecocrítico.

Quando a análise ecocrítica toma como postura a ecologia profunda, questiona os modos representativos que diminuem a natureza. Na defesa de um ecocentrismo, questionamos os modos representativos que ajudaram a fortalecer a degradação ambiental. Na mentalidade de Thiago de Mello, compreendemos o sentido no qual a problemática ambiental encontra-se retratada, percebemos o encontro entre sua poesia e o pensamento ecocrítico.

Ao se utilizar dos gêneros da poesia e prosa em dialogação com o conhecimento científico sobre a Amazônia, o poeta desenvolveu uma literatura de perspectiva ecocrítica. A ecocrítica em aliança com os estudos culturais na Amazônia, nos auxiliou a compreender numa análise crítica dentro da literatura de Thiago de Mello, o vislumbrar do ser humano com o seu entorno ambiental e social. através dessa relação, a literatura se forma como conjuntos de interdependência entre o social, ambiental e subjetivo na Amazônia.

REFERÊNCIAS

- AB'SÁBER, Aziz. **Problemas da Amazônia brasileira**. Entrevista a Dario Luis Borelli et al. Estud. av. vol.19 no.53 São Paulo Jan./Apr. 2005.
- _____. **A Amazônia: Do discurso à Práxis**. 2. Ed. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paul, 2004.
- ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de. **Antropologia dos arquivos da Amazônia**. Rio de Janeiro: Casa 8/Fundação Universidade do Amazonas, 2008.
- ALIER, Joan Martinez. **O ecologismo dos pobres: conflitos ambientais e linguagens de valorização**. São Paulo: Contexto, 2007.
- BACHELARD, Gaston. **A filosofia do não; O novo espírito científico; A poética do espaço** / Gaston Bachelard; seleção de textos de José Américo Motta Pessanha; traduções de Joaquim José Moura Ramos (et al.). in *A poética do espaço* — São Paulo: Abril Cultural, 1978. (Os pensadores).
- _____, Gaston. **O direito de sonhar**/ Gaston Bachelard; tradução José Américo Motta Pessanha, Jacqueline Raas, Maria Lúcia de Carvalho Monteiro, Maria Isabel Raposo. 4ª edição, *Rio de Janeiro*: EDITORA BERTRAND BRASIL S.A, 1994.
- _____, Gaston. **A formação do espírito científico: contribuição para uma psicanálise do conhecimento** / Gaston Bachelard; tradução Esteia dos Santos Abreu. – Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.
- _____, Gaston 1884-1962. **A água e os sonhos : ensaio sobre a imaginação da matéria** / Gaston Bachelard; [tradução Antônio de Pádua Danesi]. - São Paulo: Martins Fontes, 1997. - (Coleção Tópicos)
- _____, Gaston. **A Epistemologia**/ Gaston Bachelard; [tradução Fatima Loureiro Godinho e Mario Carmino Oliveira. Lisboa: Edições 70, 2006.
- _____. **A poética do devaneio** / Gaston Bachelard; [tradução Antônio de Pádua Danesi.] - São Paulo: Martins Fontes, 1988.
- BATESON, G. **Mente e natureza: a unidade necessária**. Francisco Alves, Rio de Janeiro, 1986.
- BATISTA, Djalma. **O complexo da Amazônia – Análise do processo de desenvolvimento**. 2ª ed. Manaus: Editora Valer, Edua e Inpa, 2007.
- BARTHES, Roland. **Aula**. Trad. Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Cultrix, 1978.
- BLANCHOT, Maurice. **O espaço literário**. Trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Rocco, 1987.
- BESSA, Maria Elisa Sousa. **Existe uma poética amazônica?** in *Leituras da Amazônia: revista internacional de arte e cultura*. Manaus: Valer, nº 1, 125-136, abril, 1999.
- BOSI, Alfredo. **O ser e o tempo da poesia**. São Paulo, Cultrix, Ed. da Universidade de São Paulo, 1977.
- BOPP, Raul. **Cobra Norato**. 17 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1994.
- BUELL, L. **The Environmental Imagination: Thoreau, Nature Writing, and the Formation of American Culture**. London, England: Harvard University Press, 1995.
- CARVALHO, Edgard de Assis. **A complexidade do Imaginário** in *Leituras da Amazônia: revista internacional de arte e cultura*. Manaus: Valer, nº 1, 125-136, abril, 1999.

CARNEIRO, Augusto Cunha. **A história do Ambientalismo**. – Porto Alegre: Editora Sagra Luz-zatto, 2003.

CAPRA, Fritjof. **A Teia da Vida: Uma nova compreensão dos sistemas vivos**; Trad. Newton Roberval Eichenberg. São Paulo: Editora Cultrix, 1996.

_____, Fritjof. **A visão sistêmica da vida: uma concepção unificada e suas implicações filosóficas, políticas, sociais e econômicas**/ Fritjof Capra, Pier Luigi Luisi; tradução Mayra Teruya Eichenberg, Newton Roberval Eichenberg. – São Paulo: Cultrix, 2014. – (Coleção polêmica).

_____, Fritjof. **As conexões ocultas**. São Paulo: IDESA, 2003.

CARSON, Rachel. **Primavera Silenciosa**. São Paulo: Gaia, 2010

CARSON, Rachel. **O mar que nos cerca**. São Paulo: Gaia Editora, 2015.

COLLOT, Michel. **Poética e filosofia da paisagem**. Organização da tradução: Ida Alves. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2013.

_____. **Poesia, Paisagem e Sensação**. Ver. de Letras – Nº 34 – Vol. 1 – jan/jun. – 2015.

COHEN, Michael P. Blues in the Green: Ecocriticism Under Critique. Environmental History. 2004. Posted with permission to the ASLE <https://website.www.asle.org>.

DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Félix. **O que é a filosofia?** / Gilles Deleuze, Félix Guattari; tradução de Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Munoz. – Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

DELEUZE, Gilles. **Mil platôs – capitalismo e esquizofrenia, vol. 1**/ Gilles Deleuze, Félix Guattari; Tradução de Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. – Rio de Janeiro: 1995.

DURAND, Gilbert. **As estruturas antropológicas do imaginário**. (Trad. de Hélder Godinho). Lisboa: Presença, 1997.

_____, Gilbert. **O Imaginário: Ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem**/ Gilbert Durand; tradução Renée Eve Lévié. – 3ª ed. – Rio de Janeiro: DIFEL, 2004.

_____, Gilbert. **O imaginário: ensaio acerca das ciências e da filosofia**; tradução Renée Eve Lévié. – 5ª ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 2011.

DIEGUES, Antonio Carlos Santana. **O mito moderno da natureza intocada** / Antonio Carlos Santana Diegues. 3.ª ed. — São Paulo: Hucitec Núcleo de Apoio à Pesquisa sobre Populações Humanas e Áreas Úmidas Brasileiras, USP, 2000.

FIUZA, Marina Miranda. **Ascensão do olhar: Aproximações entre Fenomenologia e Literatura**. São Paulo, 2011.

FOUCAULT, Michel. **A Arqueologia do Saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

FLORES, William. **Ecocrítica pós-colonial y literatura moderna latino-americana**. 1ª ed, Lima: Fondo Editorial de la UNMSM, 2015.

GARRARD, Greg. **Ecocrítica**; tradução de Vera Ribeiro. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2006.

GAMBINI, Roberto. **Espelho índio. A formação da aluna brasileira**. São Paulo: Axis Mundi: Terceiro Nome, 2000.

- GONDIM, Neide. **A Invenção da Amazônia**. 2ª edição, Manaus: Editora Valer, 2007.
- GONZÁLEZ, Maurício Ostría. **Aproximación Ecocrítica a Textos Literários**. Quito: Kipus Revista Andina de Letras, 2010, n. 27. ISSN:1390-0102
- GLOTFELTY, Cheryl. FROMM, Harold. **The ecocriticism reader: landmarks in literary ecology**. Georgia: The University of Georgia Press, Athens and London, 1996.
- GIFFORD, Terry. **A Ecocrítica na Mira da Crítica Atual**. Rio de Janeiro: Terceira Margem, 2009. Número 20.
- GUATTARI, Félix. **As três ecologias**; tradução Maria Cistina F. Bittencourt. – Campinas, SP: Papirus, 1990.
- GRUZÍNSKI, Serge. **A colonização do imaginário: sociedades indígenas e ocidentalização no México espanhol. Séculos XVI-XVIII** / Serge Gruzinski; tradução Beatriz Perrone-Moisés. – São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade** / Stuart Hall; tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro – 11. ed. Rio de Janeiro: PD&A, 2006.
- HAGOOD, Amanda. **Wonders with the Sea: Rachel Carson's Ecological. Aesthetic and the Mid-Century Reader**. Environmental Humanities, 2, 2013, 57-77.
- HARDMAN, Francisco Foot. **A vingança da Hiléia: Euclides da Cunha, a Amazônia e a literatura moderna**. São Paulo: Editora UNESP, 2009.
- MATURANA, Humberto; VARELA, Francisco. **A Árvore Do Conhecimento: As Bases Biológicas do Entendimento Humano**. Tradução Jonas Pereira dos Santos/Editorial. Psy II, 1995.
- MORTON, Timothy. **El Pensamiento Ecológico**. Tradución Fernando Barrojo Castanedo. 1ª edición, PAIDÓS, Barcelona, España, 2018.
- IANNI, Octavio. **Teorias da globalização**/ Octavio Ianni. – 14ª ed. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.
- INGOLD, Tim. **Estar vivo: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição** / Tim Ingold; tradução de Fábio Creder. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.
- INGOLD, Tim. **Pare, Olhe, Escute! Visão, Audição e Movimento Humano**. *Ponto Urbe* [Online], 3 | 2008. Disponível em: <http://journals.openedition.org/pontourbe/1925>
- JOHNSON, Loretta. **Greening the Library: The Fundamentals and Future of Ecocriticism**. CHOICE: Bibliographic Essay, 2009. Posted with permission to the ASLE <https://website.www.asle.org>.
- JUNG, Carl Gustav. Os arquétipos e o inconsciente coletivo / CG. Jung; [tradução Maria Luíza Appy, Dora Mariana R. Ferreira da Silva]. - Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.
- KOPENAWA, Albert, Bruce, Davi. **A queda do céu : Palavras de um xamã yanomami**/ Davi Kopenawa e Bruce Albert ; tradução Beatriz Perrone-Moisés; prefácio de Eduardo Viveiros de Castro — 1ªed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2015.
- KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- LATOUR, Bruno. **Políticas da natureza: como associar a ciência à democracia**/ Bruno Latour; traduzido por Carlos Mota de Souza. – São Paulo: Editora Unesp Digital, 2018.

LEFF, Enrique. **Racionalidade ambiental: a reapropriação social da natureza/** Enrique Leff; tradução Luís Carlos Cabral. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **O olhar distanciado**. EDICOES 70, LDA: Lisboa 1983.

LOUREIRO, João de Jesus Paes. **Cultura Amazônica: uma Poética do Imaginário**. 5ª ed. – Manaus: Editora Valer, 2015.

LUDMER, Josefina. **Literaturas pós-autônomas**. Resvista de crítica literária y de cultura, n. 17, julho de 2007.

LIMA, Pollyanna Furtado. **Thiago de Mello: fortuna crítica (1951 a 1960)** / Pollyanna Furtado Lima - Manaus: UFAM, 2012.

MAFFESOLI, Michel. **O imaginário é uma realidade**. [Entrevista concedida a] Juremir Machado da Silva. Revista FAMECOS. Porto Alegre, nº 15, p. 74-82, 2001.

MAFFESOLI, Michel. **O Tempo das Tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa/ Michel Maffesoli**; apresentação de Luiz Felipe Baêta Neves; tradução de Maria de Lourdes Menezes; revisão técnica de Arno Vogel. – 2. Ed. – Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1998.

_____. **Elogio da razão sensível** / Michel Maffesoli ; tradução de Albert Christophe Migueis Stuckenbruck. – Petrópolis, RJ : Vozes, 1998.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção** / Maurice Merleau-Ponty; [tradução Carlos Alberto Ribeiro de Moura]. - 2- ed. - São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **A natureza: notas: cursos no Collège de France/** Maurice Merleau-Ponty; texto estabelecido por Dominique Séglaard; tradução Álvaro Cabral. – São Paulo: Martins Fontes, 2000.

MELLO, Thiago. **Amazonas, pátria da água, e; Notícia da visitação que no verão de 1953 ao Rio Amazonas e seus barrancos**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

_____, Thiago de. **Dossiê Thiago de Mello: patrimônio histórico** / Thiago de Mello; Isabella Patrícia Costa Rodrigues Thiago de Mello. – 1ª ed. – Rio de Janeiro, RJ: Projetos Especiais, 2017.

_____, Thiago de. **Amazonas – águas, pássaros, seres e milagres**. Bordados de Antônia Diniz, Ângela Marilu, Martha e Sália Dumond sobre desenhos de Demóstenes. Rio de Janeiro: Salamandra, 1998.

ORNELLAS, Sandro. **Da autonomia à pós-autonomia: poesia como crítica do presente (notas de pesquisa)**. Revista Landa, Vol. 1 N°2, 2013.

OCTAVIO, Paz. **La búsqueda del presente**. Inti: Revista de literatura hispánica: No. 32, Article 2. Otoño, 1990.

MORIN, Edgar, **Ciência com consciência/** Edgar Morin; tradução de Maria D. Alexandre e Maria Alice Sampaio Dória. – ed. revista e modificada pelo autor – 5ª ed. – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

_____, Edgar. **O Método 1**. Editora Sulina, 2005.

_____, Edgar. **Terra-Pátria**. / Edgar Morin e Anne-Brigitte Kern / traduzido do francês por Paulo Azevedo Neves da Silva. — Porto Alegre: Sulina, 2003.

- _____, Edgar. **Saberes globais e saberes locais: o olhar transdisciplinar** / Edgar Morin; participação de Marcos Terena. – Rio de Janeiro: Garamond, 2008.
- PESSOA, Fernando. **Cancioneiro**. In: Obra poética. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1990.
- PITTA, Danielle Perin Rocha. **Iniciação a teoria do imaginário de Gilbert Durand**. Recife. UFPE, 1995.
- PINTO, Antísthenes. **Oito poetas amazonenses (Impressões de leitura)**. 2ª Edição. Manaus/AM, 1992.
- PINTO, Renan Freitas. **A viagem das ideias**. Estudos Avançados 19 (53), 2005.
- _____, Renan Freitas. **Geografia do Exótico**. in Leituras da Amazônia: revista internacional de arte e cultura. Manaus: Valer, nº 1, 125-136, abril, 1999.
- PIZARRO, Ana. **Amazônia: as vozes do rio: imaginário e modernização**; tradução Rômulo Monte Alto. – Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.
- QUIJANO, Anibal. **Colonialidad del poder, cultura y conocimiento en América Latina**. *Anuario Mariateguiano*, v. 9, n. 9, p. 113-120, 1997.
- RIGBY, Kate. **Ecocriticism**. *Literary and Cultural Criticism at the Twenty-First Century*, Edinburgh: Edinburgh UP, 2000. 151-78. Digitised for ASLE with kind permission of the publishers.
- SANTOS, Boaventura dos Santos. **Ecologia dos saberes**. In. *A gramática do tempo: para uma nova cultura política*. São Paulo: Cortez, 2006.
- _____, Boaventura dos Santos. **A gramática do tempo: para uma nova cultura política**. São Paulo: Cortez, 2006.
- _____, Boaventura De Sousa. **Para além do pensamento abissal: Das linhas globais a uma ecologia de saberes**. NOVOS ESTUDOS 79, 2007, pg. 71-94.
- SAID, Edward W. **Falar a verdade ao poder**. Representação dos intelectuais. As conferencias Reith de 1993; tradução Milton Hatoum. São Paulo: Companhia das Letras, 2005, pp. 55/104.
- _____. Edward W. **Orientalismo: O Oriente como invenção do Ocidente** / Edward W. Said; tradução Tomás Rosa Bueno. - São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- SCARPELLI, Marli Fantini. **Meio Ambiente e Literatura**. Aletria - v. 15 - jan.-jun. 2007.
- SANTIAGO, Socorro. **Uma poética das águas**. Manaus- edições Puxirum, 1986.
- SNOW, Charles P. **As duas culturas e uma segunda leitura: uma versão ampliada das duas culturas e a Revolução científica**. Tradução Geraldo Gerson de Souza e Renato de Azevedo Rezende Neto. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1995.
- SILVA, Marilene Corrêa da. **Metamorfoses da Amazônia**. Manaus: Editora da Universidade do Amazonas, 2000.
- SILVA, Marilene Correa da. **O Paiz do Amazonas**. Manaus: Editora da Universidade do Amazonas, 1996.
- SIMMEL, Georg. **A Filosofia da Paisagem**. In: Política e Trabalho 12 - Setembro / 1996 - pp. 15-24

- SIMMEL, Georg. **A Filosofia da Paisagem**. Tradução Artur Morão. Coleção: Textos Clássicos de Filosofia; LusoSofia: press; Covilhã, 2009
- SOUZA, Márcio. **História da Amazônia**. / Márcio Souza. – Manaus: Editora Valer, 2009.
- SOUZA, Marinete Luzia Francisca de. **A literatura amazônica dos textos de viagem**. Faculdade de Letras: Universidade de Coimbra, 2013.
- SILVA, Marilene Corrêa da. **Metamorfoses da Amazônia** / Marilene Corrêa da Silva. Manaus: Editora da Universidade do Amazonas, 2000.
- SÜSSEKIND, Flora. **O Brasil não é longe daqui: o narrador, a viagem** / Flora Süssekind – São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- SHIVA, Vandana. “**A semente e a Terra: mulheres, ecologia e biotecnologia**” In: OLIVEIRA, Rosiska; CORRAL, Taís (Org.). **Terra Feminina**. REDEH, 1992.
- SARLO, Beatriz. **Paisagens Imaginárias: Intelectuais, Arte e Meios de Comunicação**/ Beatriz Sarlo; tradução Rubia Prates Goldini e Sérgio Molina. – 1. ed. reimpr. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2005.
- SAID, Edward W. **Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente** / Edward W. Said; tradução Tomás Rosa Bueno. - São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- SANTOS, Milton. **METAMORFOSES DO ESPAÇO HABITADO, fundamentos Teórico e metodológico da geografia**. Hucitec.São Paulo 1988.
- SUTTANA, Renato. **Maurice Blanchot e o espaço do imaginário: algumas aproximações**. Letras de Hoje, Porto Alegre, v. 48, n. 2, p. 172-181, abr./jun. 2013
- TORRES, Iraídes Caldas. **As Novas Amazônicas**- Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas. 2005.
- TRINDADE, Liana Sálvia. **O que é imaginário** / liana Trindade, François Laplantine. São Paulo; Brasiliense, 1997.
- TOCANTINS, Leandro. **Amazônia: natureza, homem e tempo**. – 2ª ed. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército: Ed. Civilização Brasileira, 1982.
- TUAN, Yi-fu. **Topofilia: Um Estudo da Percepção, Atitudes e Valores do Meio ambiente**/ Yi-fu Tuan; tradução: Lívia de Oliveira. – Londrina: Eduel, 2015.
- TUAN, Yi-fu. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência** / Yi-fu Tuan; tradução de Lívia de Oliveira. – São Paulo: DIFEL,1983.
- TRINDADE, Liana Sálvia. **O que é imaginário** / liana Trindade, François Laplantine. São Paulo; Brasiliense, 1997.
- Walter. Roland Mike. **Em busca da Natureza, em busca do Self**. INTERSEMIOSE: Revista Digital • Jun/Dez 2012, p. 5-16.
- _____, Roland. **Entre Gritos, Silêncios e Visões: Pós-Colonialismo, Ecologia e Literatura Brasileira**. Revista Brasileira de Literatura Comparada, n.21, 2012
- WESTPHAL, Bertrand. **The Plausible World: A Geocritical Approach to Space, Place, and Maps**; Bertrand Westphal; translated by Amy D. Wells, New York: First edition, 2013.

ANEXOS

ANEXO A – OS LUGARES DE INSPIRAÇÃO DO POETA THIAGO DE MELLO



Foto 1: Antiga casa de Thiago de Mello na orla da cidade de Barreirinha.
Fonte: Wesley Dias Cerdeira, 2019.



Foto 2: O Interior da antiga casa de Thiago de Mello na orla da cidade de Barreirinha.
Fonte: Wesley Dias Cerdeira, 2019.



Foto 3: Casa de praia do poeta Thiago de Mello às margens do rio Andirá.
Fonte: Wesley Dias Cerdeira, 2019.



Foto 4: Área externa da casa de praia do poeta Thiago de Mello às margens do rio Andirá.
Fonte: Wesley Dias Cerdeira, 2019.



Foto 5: Poramtim do Bom Socorro, casa de Thiago de Mello dentro do município de Barreirinha.
Fonte: Wesley Dias Cerdeira, 2019.



Foto 6: Área externa do “Poramtim do Bom Socorro”, casa de Thiago de Mello dentro do município de Barreirinha.
Fonte: Wesley Dias Cerdeira, 2019.